À Monsieur

Monsieur Eugène Garay de Monglave

Hommage

de

L'Auteur

REFLEXÕES CRITICAS

SOBRE O ESCRIPTO DO SECULO XVI IMPRESSO COM O TITULO DE

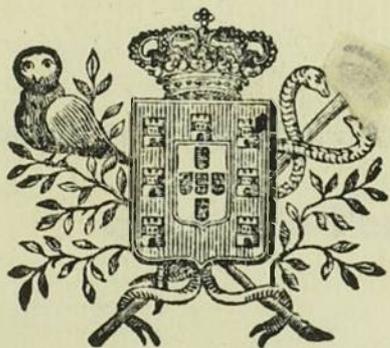
NOTICIA DO BRASIL

No Tomo 3.° da Collecção de *Not. Ultr.*

Acompanhadas de interessantes noticias bibliograficas e importantes investigações historicas

POR

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA.

LISBOA.

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1839

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

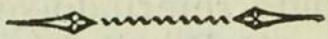
DA SESSÃO DE 2 DE MAIO DE 1839.

Determina a Academia Real das Sciencias, que seja impresso á sua custa, e debaixo do seu privilegio, na Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das nações Ultramarinas, *as* Reflexões Criticas, sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de Noticia do Brasil, *pelo seu Socio Correspondente, Francisco Adolfo de Varnhagen.*

Joaquim José da Costa de Macedo

Secretario-Perpetuo.

REFLEXÕES CRITICAS

SOBRE O ESCRIPTO DOS FINS DO SECULO DEZESEIS IMPRESSO COM O TITULO DE NOTICIA DO BRASIL.

SECÇÃO PRIMEIRA.

Reflexões geraes.

Quem ler a obra inserta no principio do Tomo 3.º desta collecção de Memorias Ultramarinas, com o titulo de *Noticia do Brasil*, ainda quando não possua conhecimentos especiaes daquella importante região, talvez notará algumas imperfeições: proseguindo porem mais de espaço na sua curiosa lição, descobrirá adulterações de gravidade, acaso nascidas dos transumptos por que devera ter passado o original. Taes defeitos juntos á ponderação do quanto tendem a minorar o credito e valimento de uma obra antiga, as faltas ou contestações á cerca do seu genuino author, do seu legitimo titulo e da época prefi-

xa em que foi escripta, tudo induz naturalmente a reconhecer a utilidade de se attender convenientemente por todos estes objectos, na obra de que tratamos, a qual se bem que por ora pouco conhecida entre nós, não deixa por isso de merecer séria attenção.

Com effeito d'entre os escriptores do Brasil (1), que nos restam do seculo dezeseis é o seu Author quem melhor reunio noticias circumstanciadas dos differentes ramos da historia tanto geografica, como natural e civil daquelle vasto territorio, e dos que mais concorre a honrar a Nação Portugueza, como bem julgou um douto Academico, quando referindo-se directamente a a elle (2), dizia: « O Brasil foi descoberto pelos » Portuguezes em 1500, e já em 1589 haviam es- » tes descripto uma consideravel parte do seu » sertão immenso, mais o maritimo que discor- » re desde o Rio de Vicente Pinson, até alêm » da Bahia de S. Mathias, situada muito ao sul » do Rio da Prata » = E' na realidade deste assumpto que se occupa quasi exclusivamente a Primeira Parte da obra de que tratamos, havendo seu author reservado a segunda, — quanto a nós ainda hoje de mais interesse, para melhor noticiar a Ethnografia das differentes nações indigenas, as producções naturaes, e a topografia da então cidade capital do estado do Brasil; — estado que já naquelles tempos o nosso author

---

(1) Veja-se a observação (*A*) no fim destas Reflexões.

(2) Tom. X. da Hist. e Memorias da A. R. das Sciencias de Lisboa, Parte 2.ª pag. 229. A allusão do Secretario Dantas Pereira reconhece-se por se prefixar o anno de 1589, com que foi impressa a Dedicatoria do Author a D. Christovam de Moura.

julgava (como declara na Introducção) « capaz para se edificar nelle um grande Imperio. »

Depois de atravessar manuscripta mais de dois seculos forneceu esta obra, por uma copia, boa parte do material historico e corografico, á com tanta rasão famigerada *Corografia Brasilica*, como o Author desta dá a conhecer; pois com a sua legitima data (embora com titulo e nome errado) a cada passo a cita, e por vezes a compendia, ou della apresenta excerptos; afiançando-nos igualmente (3) que, com outra copia á vista tecera Jaboatão (4) a Chronica, dos da sua Provincia. Outra copia tambem anonyma servio de muito ao melhor Historiador do Brasil (5), o qual cita um exemplar, irmão como se vê do mesmo titulo, daquelle que servio á edição da Academia. D'outro exemplar tambem MS. e anonymo, que a nosso ver existe na Bibliotheca R. de Paris sob o numero 609 (*supp. franç.*) se aproveitou ainda ha bem pouco (6) o

---

(3) Veja-se a *Corografia Brasilica*, *ou Relação Historico-Geografica do Brasil*, pelo Padre Manoel Ayres de Cazal no Tom. 2.º pag. 42.

(4) Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, que imprimiu a sua Chronica em Lisboa; 1761.

(5) Robert Southey (*History of Brasil*; *London*: 1810). E' bem facil de verificar ser a mesma obra a que este escriptor consultou: basta cotejar as citacções do seu 1.º Volume (paginas 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 49, etc.) com os capitulos respectivamente allegados das duas partes da obra de que falamos. —

(6) Ferdinand Denis no seu = *Brésil* = do = *Univers*, *ou Histoire et Description de tous les peuples etc.* Paris, Firmin Didot Frères; 1837; na nota da pag. 181 traz estas expressões que são da lin. 21 do Cap. 60 da 1. Parte da Obra impressa = " Esta villa foi povoada de muita honrada gente etc. „ = e no texto da mesma pagina traduz quasi todo o Capitulo 63. A pag. 207 transcreve par-

erudito Ferdinand Denis, o qual cita o titulo verdadeiro; porem engana-se com as suas provas a respeito do nome do Author.

Do impresso da Academia utilizou modernamente bastante um celebre viajante-naturalista Allemão, que faz de tal obra menção favoravel (7), e se vale não poucas vezes da sua authoridade (8).

---

te do cap. 40 pag. 58, e mui repetidas vezes o traduz e cita. E adiante diz que o A. escrevera em 1587, e acrescenta que vivera 17 annos no Brasil, etc. Este mesmo escriptor n'um artigo que escreveo na *Revue des Deux Mondes* sobre as viagens do Brasil de Aug. de Saint Hilaire, artigo, que vem transcripto, como introducção na sua" *Histoire Geographique du Brésil* (Paris 1833), diz falando de alguns escriptores: ,, *Les ouvrages portugais seront d'un faible secours, si l'on en excepte, avec Vasconcellos, un routier du Brésil que l'on conserve à la Bibliothèque Royale de Paris, et qui ayant été écrit vers la fin du XVI siècle, contient les renseignements les plus précieux sur les indigènes, et sur les divisions politiques du territoire qu'ils occupaient.* ,, E no seu *Résumé de l'Histoire du Brésil* (Paris 2.ª Ediç., 1825) nas paginas 25, 27 e 36 bem como no *Brésil* de *L'Univers* pag. 11, 24, 28, 180, 181, 187, 203, 205, 207, 209, e 218 cita = " Roteiro do Brasil, *Manuscript de la Bibliothèque royale* ,, = Veremos adiante (pag. 9) que o nome de *Roteiro* é o que legitimamente compete, em vez de = Noticia do Brasil =, com que corre.

(7) O Dr. Martius, na sua Obra = *Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens* (*München* 1832) fala deste escripto a pagina 16, dizendo: = " *Eine der ältesten und merkwürdigsten Urkunden über die Geo-und Ethnographie Brasiliens* ,, ... *etc.* e na Introducção do seu *Herbarium Floræ Brasiliensis*, que foi impresso em 1837, tambem em Munich, passando em revista alguns escriptores sobre a Fytologia do Brasil, menciona, a pagina 4. = " *Der unbekannte Verfasser der* Noticias do Brasil (*vielleicht* Francisco da Cunha), *welche* 1589 *in Bahia selbst geschrieben* ,, *etc.*

(8) Haja vista na obra citada sobre os Aborigenes do Brasil das paginas 5, 10, 16, 28, 49, 54, 58, 60, e 75, alem de outros logares do Appendice, onde uma vez se expressa." *Nach der ältes-*

Pode ainda ver-se o que se diz em certa Obra periodica de Paris, no mez de Septembro de 1837 (9), tratando-se de dar uma noticia deste volume: o conceito ainda que pouco minucioso não é desfavoravel.

Achamos pois justo, e de serviço á litteratura e ás sciencias, que empreguemos um momento e nos esforcemos em tornar genuino tão interessante escripto, até agora espurio e o que mais é viciado no titulo, na idade, e ainda mal, na doutrina. E' digno de attenção, que tendo nós noticia de tantos traslados manuscriptos desta obra nenhum delles contêm hoje o nome do A: isto podia proceder de serem taes copias nascidas d'alguma, onde houvesse esta falha.

2. Comecemos pois por a legitimar, a fim de acabar com a polemica, que tem havido sobre o verdadeiro nome do A., e que tem occupado linhas, se não paginas de bons livros. Se lhe não acudimos a tempo, quasi a faziam á força de um certo Francisco da Cunha (10), e isto

---

ten portugiesischen Urkunde, der Noticia do Brasil, v. Jahre 1589" *etc.*

(9) *Bulletin de la Société de Geographie*; do qual daremos as proprias expressões: *Dans le tome III des = Mémoires pour servir à l'histoire des Nations d'outre mer =, publiés par l'Académie royale des Sciences de Lisbonne, on trouve une longue notice sur le Brésil, plus importante, selon nous, que celle de Magalhaës Gandavo, ayant été également écrite à la même époque que Magalhães composa son = Histoire de la province de Santa Cruz. = Ce travail fut dedié a Don Christovão de Moura, Conseiller d'Etat, 1589. L'auteur avait résidé au Brésil dix-sept ans.* Vê-se que não avança alêm do que consta no impresso, a respeito de informações e noticias do Author e do seu livro.

(10) Martius na obra citada = *Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens*, diz a pagina 5 = " *In einer der*

quando corria desde longo tempo estampado, e bem, o nome do seu verdadeiro escriptor, que uma boa conjuntura nos faz restituir-lhe. Lendo na segunda edição o 5.° dos *Dialogos de Varia Historia*, no Capitulo 2.° onde Pero de Mariz fala da Terra de Santa Cruz, notamos que este escriptor reproduzia boa parte das ideas exaradas no impresso, que haviamos lido nas Memorias Ultramarinas, pelo que diz respeito á exploração e demarcação primitiva da Costa Brasilica, depois de Cabral (11), e proseguindo tal leitura até á folh. 340 da edição citada de 1597, quando falava de Duarte Coelho, vimos á margem = Gabriel Soares, Cap. 16. =

Não conhecendo nós tal nome de escriptor do Brasil, recorremos á Bibliotheca Lusitana,

---

ältesten portugiesischen Urkunden über Brasilien, vom Ende des sechszehnten Jahrhunderts .... gescrieben von einem unbenannten Verfasser (vielleicht Franc. da Cunha)" .. . etc. A mesma conjectura repete em 1837 no seu *Herbarium* como dissemos antecedentemente (Nota 7.)

Este A. foi levado naturalmente ás suas conjecturas pelo distinto P. Cazal, que na sua Corografia Brasilica chega quasi a convencer, com as suas rasões que o nome do A. é Francisco da Cunha, especialmente na nota 20 da Introducção ; e a sua persuasão era tão forte que muitas vezes vg. pag. 49 do Tom. 1.° e no Tom. 2.° paginas 42-88-91-93-94-96-113-114 da edição do Rio de Janeiro de 1817, que consultámos, e em outros logares, cita sem rebuço o nome de Francisco da Cunha, querendo significar o do A., que vamos conhecer, e de cuja obra Casal possuia anonyma uma copia ou compilação manuscripta. O mesmo aconteceo com M. Ferdinand Denis: no seu *Brésil* de *l'Univers* (pag. 11 e 211) assevéra ser Francisco da Cunha o Author do *Roteiro* de 1587 existente na Bibliotheca R. de Paris (que não conhecia estar impresso pela Academia de Lisboa) fundado naturalmente nas provas de Cazal, em cuja obra elle tinha a trechos fragmentos para confrontar.

(11) Veja-se a observação (*B*) no fim.

erão ler a sua informação vimos com prazer descoberto, com prova authentica, o verdadeiro author de um livro que corria anonymo. Seja-nos permittido transcrever aqui fielmente as proprias palavras de Barboza, embora demos mais credito á noticia bibliografica, do que á relação panegyrica que dá de Gabriel Soares, e á parte historica que envolve. Eis na sua integra o artigo do nosso Bibliografo, que vem no T. 2.° p. 321.

« Gabriel Soares de Souza natural de Lis-
» boa, e descendente de geração nobre, a cujo
» intrepido valor, e judiciosa direção se deveo
» a Conquista do Rio de S. Francisco em o Bra-
» sil em 1591. Foy nomeado Capitão Mór de duas
» Náos para o descubrimento das Minas das Es-
» meraldas de que trazendo a Portugal varios
» pedaços de terra em que estavão encerradas
» algumas pedras perfeitas, e outras imperfeitas,
» não conseguio o dezejado fim daquelle desco-
» brimento, que proseguio com milhor fortuna
» D. Francisco de Souza Senhor de Bringel,
» Alcaide Mór de Beja que neste tempo go-
» vernava o Brasil por cujo serviço mereceu o
» titulo de Marquez. Compoz:

« *Roteiro Geral com largas informaçoens de*
» *toda a Costa que pertence ao Estado do Brazil,*
» *e descripção de muitos lugares delle especialmen-*
» *te da Bahia de todos os Santos.* Consta de 2 tra-
» tados, o 1.° comprehende 74 Capitulos; e o 2.°
» 196, o qual tem por titulo:

« *Memorial, e declaração das grandezas da*
» *Bahia de todos os Santos, da sua fertilidade, e*
das notaveis partes, que tem M.S. fol.

» Conserva-se na Bibliotheca Real (Está fa-
» lando Barboza em 1747). Dedicado a D. Chris-

„ tovão de Moura em o anno de 1587. Desta o-
„ bra, e seu Author fazem memoria Pedro de
„ Mariz *Dialog. de Var. Hist.* cap. 5.° fol. 36 *e o*
„ moderno addicionador da *Bib. Geograf. de*
„ *Ant. de Leão* (12) Tom. 3.° col. 1710, onde es-
„ creveo compuzera Gabriel Soares.
« *Relação do Descubrimento das Esmeraldas*
„ M.S. „ —

Fora ocioso e até imprudente da nossa parte, á vista de documentos de tanta authenticidade, insistir mais em provar que é Gabriel Soares de Souza o author desgarrado da obra, cujo conhecimento tanto tem dado que fazer, nestes ultimos tempos. Este escriptor fala em seu proprio nome, em alguns logares do seu escripto (13), e claramente dá a entender, que elle mesmo possuia na Bahia um engenho de assucar. —

O Author dos *Annaes Historicos do Mara-*

---

(12) Eis o que diz este addicionador de Ant. de Leon Pinelo no Appendice 4.° logar citado da Edição de 1738

" Gabriel Suarez de Souza. *Derrotero General*: en dos partes.
„ Una de la *Costa del Brasil*, en que por espacio de 300 leguas,
„ describe muchos Lugares, especialmente la *Baia de Todos Santos*
„ en 74 Capitulos; Otra, de las *Cosas Notables* de toda la *Costa.*
„ Dedicado *a Don Christoval de Moura* año de 1587. M. S. en la
„ *Libreria del Conde de Vimioso*, que antes fuè de la de *Manuel*
„ *Severim de Faria*, en la qual estaba tambien la *Relacion del*
„ *Descubrimiento de las Esmeraldas*, que prosiguió *D. Francisco*
„ *de Souza*, en Portugués. „ —

Nicolao Antonio na Edição de 1783 (posterior a Barboza) da Bibliotheca Hisp. Nova Tom. 1.° pag. 509 traz o seguinte: " Ga-
„ briel Suares de Souza, *Lusitanus*, *Olisiponensis scripsit Cardoso*
„ *teste*: Historia do Brasil. „

(13) Gabriel Soares Part. 1.ª cap. 40 e Part. 2.ª capitulos 29, 30 e 177 e Idem Part. 2.ª cap. 127 pag. 250......" e um mestre de assucar do meu engenho afirmou „...... etc.

nhão (14) escreve de um Gabriel Soares, que chegou ás cabeceiras do Rio de S. Francisco, o qual parece-nos ser o nosso escriptor, pela concordancia com o que affirma o Abbade Barbosa.

3. Não só porêm se tinha extraviado o nome do author, que já conhecemos; senão tambem o titulo da obra se corrompera. — O impresso corre com o nome de = *Noticia do Brasil, descripção verdadeira da Costa d'aquelle Estado, que pertence á Coroa do Reino de Portugal, sitio da Bahia de todos os Santos.* =

Assentamos que se não requer muita critica para o banir; e dar como original, e até competente o titulo, que apontam Pinelo e Barbosa, e se lê em outras copias (15): alem de que o nome = Roteiro = quadra bem, e comprehende a primeira Parte; e é com similhante titulo, que, como dissemos precedentemente (Nota 6.ª pag. 4.) Ferdinand Denis faz citação desta obra — Deve-se por tanto igualmente taxar de falso e incompetente o titulo de = *Descripção Geografica da America Portugueza* =, que esteja n'outras copias, taes como as duas, que vio o incansavel author da Corografia Brasilica.

Quanto á segunda Parte o proprio author declara no Capitulo XXIX da primeira, que chamára *Memorial*; e o titulo do impresso (pag. 95) é (salvo uma insignificante differença) o mesmo, que se lê em Barbosa e em varios exemplares.

4. Resta-nos conhecer e rectificar a idade da obra, ou para melhor dizer, o anno da data da Epis-

---

(14) Bernardo Pereira de Berredo, Lisboa 1749: §. 93.
(15) Veja-se no fim a observação (*C.*).

tola dedicatoria, que a precede; e que até hoje corria como de 1589, conforme vem no impresso, e ainda em 1836 no Catalogo das Obras da Academia; comtudo á vista de tantas authoridades e differentes copias fica prejudicada; e válida em seu logar a de 1587, que é a verdadeira.

Indagado e restituido á obra o titulo, author e idade, passaremos a apontar os principaes erros e adulterações, de que o exemplar impresso está inçado; e juntamente, — quando o soubermos, o modo de os corrigir ou conjecturar melhor. Taes correcções e conjecturas não podiamos superficialmente avançar, ainda conhecendo-as; sob pena de sermos tidos por leviano e temerario pelos leitores escrupulosos, que lhes quizessem dar a devida fé. Por isso foi necessario trabalhar por authoriza-las, afim de que á vista das provas se sentencêe.

5. Este modo de restaurar a genuinidade de um escripto antigo, — identico ao que célebres criticos tem posto em practica, commentando os classicos gregos e latinos, empregado com tento, não deixará por ventura de ser approvado e sancionado por um juizo são e livre de preoccupações atrazadoras.

Para authorizar as correcções, que propomos, foi-nos mister entregar ao improbo, esteril, e por este lado, ingrato trabalho de ler e comparar grande numero de authores, para os citar quando for conveniente. Resta-nos a consolação de termos concorrido, quanto em nós foi, para se aperfeiçoar e apurar a importante obra de um classico portuguez quinhentista, de havermos com estas vistas, colhido informações de

varios escriptos inéditos ou pouco conhecidos; e de apresentarmos, em pequeno volume, o resultado de investigações, que, julgamos, não deixarão de aproveitar a quem para o futuro se occupar da historia civil, geografica e até natural daquella extensa parte do Novo-Continente.—

SECÇÃO SEGUNDA.

Reflexões á Primeira Parte.

6 — CAPITULO I. — Quanto á parte historica deste capitulo, já Cazal deixou advertido, e pouca critica bastaria para reconhecer, á vista de escriptos mais authenticos, ter havido inadvertencias da parte de Gabriel Soares; porêm fôra sahir do nosso proposito se nos occupassemos agora neste assumpto.

7 — CAPITULO III. — Note-se que onde diz = cabo *Cortozão*, 15 legoas, =: deve ler-se = *Cabo Corso* (16) são quinze leguas. =

(16) Que ha erro é manifesto: que a emenda é = *Cabo Corso* = vê-se, por se encontrar o cabo com este nome, na Carta grande do *Roteiro de todos os sinaes, conhecimentos, fundos, baixos, alturas, e derrotas que ha na costa do Brasil desdo cabo de Sãto Agostinho até o estreito de Fernão de Magalhães.* MS. Tem 33 folhas. —

Do Mappa maior de todo o Brasil, que vem no principio se póde deprehender a época, em que foi escripto: da comparação se vê ser quasi contemporaneo de Soares. Representa o Brasil dividido

8 — CAPITULO V. — No principio é facil de reconhecer que há alguma inexactidão, conducente a absurdo.

A ponta de Leste do Amazonas, de que fala o A. é naturalmente a de *Maguary*, que fica poucos minutos ao Sul da Equinocial: ora se pelo *Rio da Lama*, de que tambem fala a Carta, que vem depois da pag. 375 do Atlas de Ger. Mercator de 1619, se quer significar, como pensamos, o *Pará* (e por modo algum o *Turiuassú*), como podia o A. dizer que deste ao Maranhão (Meary) havia apenas 19 leguas; quando tal rio fica obra de cinco gráos mais para Leste daquelle?

Que o rio Maranhão significa o *Meary*, testificam Cazal (II. 257), Domingos Teixeira (P. 2. p. 194) e outros; e até se confirma não só com o dizer que nelle conflue o *Pinaré*, como pelo sucesso, que refere de Ayres da Cunha, — um dos doze donatarios (17), de que tambem fazem

---

em Capitanias, por meio de linhas rectas, que se estendem até á linha divisoria dos dominios Castelhanos. Toda a costa do Norte dá a João de Barros, e segue para o Sul: 2. Capit. de Francisco Barreto (donde se vê ser posterior a Soares, que fala ainda da neta do 1. Donatario). 3. de Jorge de Albuquerque 4. De S. Magestade 5. de Francisco Giraldes 6. Do Duque d'Aveiro 7. De Vasco Fernandes Coutinho 8. De Pero de Goes 9. De Lopo de Sousa. — Ao lado vê-se uma explicação onde se lê que a Capitania, que diz de S. Magestade fòra de = *Francisco Pereira Reymão, que morrendo e ficando sem erdeiro ficou á côroa; nesta está a bahia de todos os Santos e cidade do Salvador, onde assiste o Governador e o Bispo.*

Os Mappas são illuminados: pertence á Bibliotheca R. da Ajuda.

(17) Veja-se no fim a Observação (*D*) á cerca destes Donatarios.

menção Barros (18), Galvão (19), Moura (20), e outros escriptores (21).

9 — CAPITULO VI. — Começa dizendo — « Atraz fica dito como a ponta do sueste do rio do Maranhão, que se chama *Esparcelada* está em dois gráos e 4. » Ao ler = dois gráos e 4 = qualquer entenderia 2° 4′; porêm recorrendo ao que o A. dissera antes, vê-se que é erro, em vez de 2° $\frac{1}{4}$.

A *Bahia dos Santos* houvera talvez de ser a que hoje se diz de *S. José*: do Rio de *João de Lisboa* (*Moconandiva*) e da *Bahia da Coróa* fala o Atlas citado de 1619.

Pelo nome de *Rio Grande* quereria Soares por ventura denotar o *Parnayba*. Quanto aos

---

(18) Barros Decada 1. Liv. 6 Cap. 1.

(19) Veja-se o " *Tratado que compoz o nobre e notavel Capitão Antonio Galvão* ,, . . *etc.* Lisboa, 1563 — 8.°; fol. 61 ỳ.

(20) Referimo-nos a *João de Moura* na sua = *Collonia Portugueza que, conthem tres tratados: no primeyro se descreve o Estado do Maranhão, e fórma de seu augmento: no segundo se trata a cultura de algumas drogas, e fructos da Zona torrida: o terceiro, e ultimo conthem huma breve noticia da arte militar* = MS. 1. Vol. 4.° de 227 folh. e 28 Est. Offerecida ao Senhor D. Pedro II. em 1684. —

Desculpe-se-nos o consagrarmos esta nota para dar noticia deste escripto, de cujo original somos possuidores, e que entra no numero dos que deixaram de ter cabimento na Bibliotheca Lusitana, e do qual tambem não reza o seu Summario. Moura fala da empreza e successo de Ayres da Cunha a folh. 3. ỳ.

(21) Severim de Faria na vida de João de Barros, Pedro de Mariz Dial. 5.° Cap. 2.° pag. 345 da ediç. de 1597; Francisco Teixeira de Moraes no seu MS. P. 1. Cap. 2.; Berredo, *Annaes do Maranhão* pag. 19 — Rocha Pitta pag. 90 §. 42 e naturalmente *João de Souza Ferreira*, na sua *America Abreviada* e no seu *Noticiario Maranhense*, MSS. 4.° : o 1.° de 185 folhas, e o 2.° de 40 — do 2.° meado do seculo dezesete, e que estão na *Bibliotheca d'Evora*; e em varios modernos.

mais rios, entre este e o *Meary* e o *Jaguaribe*, e ainda deste até ao *Parayba*, alguns não será obra de momento concilia-los de modo, que se satisfaça completamente á explicação do A., com a dos modernos.—

10—CAPITULO VII.—O titulo está errado, bem como o competente no indice: em vez de *Tagoarive* devia ser *Jagoarive*, como se lê no titulo do Capitulo seguinte. O rio *Macorive* é conhecido por *Macoripe* que fica arrumado segundo Hewet em 3.° 40′ 30″ S. Em vez de rio *das outras* talvez se devera ter lido Rio *das Ostras*. O *Monte de Li* vem demarcado com este mesmo nome na Carta de Fernão Vaz Dourado.

11—CAPITULO IX.—Outro erro se offerece neste titulo, tambem repetido no indice: deve ler-se porto dos *Busios* em vez de porto do *Brasil*: foi troca da palavra *Busios*, por *Brasil*. Este erro, que o fim do Capitulo e o titulo do seguinte emendam, basta para nos deixar prevenidos contra, para quando por acaso não venha logo á mão tão boa prova.

A par deste vem outro, logo na primeira linha, que tambem é facil de justificar ser adulteração; em vez de *Jagoarive* deveria o author ter escripto *Goaripari*; nome que o impresso repete logo abaixo, continuando a descrever a costa, para o Sul: *Jagoarive* ja ficava tratado, e não vinha aqui a proposito.

12—CAPITULO X.— Ao rio *Garatui* chama Cazal (Tom. 2.° pag. 213) *Garatuny*: está em 6° 12′ 53″ S. O *Goaramatai* ou *Guaramatahy* é o que hoje chamam *Cunhanhú* (Cazal Tom. 2.° pag. 193). A enseada *Aretipicaba* é conhecida pelo nome de *Bahia Formoza* (Cazal pag. 192).

13 — CAPITULO XI — Quanto ao nome, que davam os *Pito-uáras* á chamada = *Bahia da Traição*, = diz Cazal (Tom. 2.° pag. 197) ser *Acejutibiró*, e não como está, talvez mais correcto, *Acajutibiro*.

O rio chamado no impresso *Magoape* é mais conhecido por *Manguape* ou *Mamanguape*. E' deste ultimo modo, que vem escripto na obra de Bartholomeu Guerreiro (Lisb. 1625 fol. 65 ỷ), e nos roteiros inglezes modernos, que o fazem quatro minutos para o Sul, do que se tinha calculado ha dois seculos e meio. — *Morisot* (22) escreve (§. 3.) *Mongangape* ou *Mangagoape*.

14 — CAPITULO XII. — Deste cometimento do Rio Parayba e do Ouvidor Martim Leitão, fala circumstanciadamente o *Summario*, que o Abbade Barboza indevidamente attribuio a Christovam de Gouvea (23).

15 — CAPITULO XIV. — Declaramos não ter visto em carta, roteiro ou obra alguma, — rio com o nome de *Tagoarife*; porêm vemos escri-

---

(22) *Reflexions du Sieur Morisot sur les voyages de Roulox Baro.* A viagem de Baro, que começa a 14 de Abril de 1647 e acaba a 14 de Julho do mesmo anno, foi traduzida do Hollandez para o Francez, por *Pierre Moreau*, que a imprimio em Paris; 1651, com a sua = *Histoire des derniers troubles entre les Hollandois et les Portugais etc.*,, =

(23) *Sumario das armadas, que se fizeram e guerras que se deram, na conquista do Rio parahiba scripto e feito por mandado do muito Reverendo padre em Christo o padre Christovão de Gouvea visitador da Companhia de Jesu de toda a provincia do Brasil.* MS. da Bibliotheca Publica de Lisboa (B-3-30 da numeração provisoria). E ha outra copia mais moderna na Bibliotheca Publica Eborense de 70 folhas, 4.°

Do conteudo da obra, ainda mais que do titulo, se vê não ser Christovam de Gouvea o author, senão quem a fez escrever.

pto correspondentemente a este logar, *Jaguari* em uma das cartas da Obra de Baerl (24); a troca ou inversão das duas letras iniciaes de cada um dos nomes é trivial no impresso. *Abionabiaja* tambem é nome para nós estranho: só nos faz lembrar o rio, que na relação da *Jornada do Maranhão* em 1614, que está impressa nas Memorias do Ultramar (T. 1.° n. 4.° pag. 19), vem escripto *Aviyajá*, e será por ventura o hoje *Ipópóca*, que atravessa a lagoa *Abyahy* (C. B. 2.° pag. 199): lê-se *Igarosu* como Gandavo, que escreve (Cap. 3.°) *Igaroçú*, outros escrevem *Iguaroçú* ou *Hyguarassú* (Cor. B. Tom. 2.° pag. 366), ou *Iguaraçú* (25). Por *Aramama* escrevem hoje (Cor. Braz. II, 199) *Guaramâma*.

16 — CAPITULO XVI. — Na pagina 25, onde se lê na lin. 8 = 20$ rs =, deveria mais provavelmente entender-se = 20$ crs., = isto é, vinte mil cruzados, como diz Mariz, que certamente o copiou de Gabriel Soares; o que vai em har-

---

(24) *Casp. Barlæi rerum in Brasilia sub Præfectura Comitis Mauritii Nassoviæ historia.* Amstel. 1647. fol. gr. com estampas, das quaes copiou Santa Tereza a maior parte das da sua = *Istorie delle Guerre, del Regno del Brasile. Roma* 1698.

(25) Assim se lê no *Castrioto Lusitano* (paginas 75, 278, 314 e 524) e na = " *Idea da População da Capitania de Pernambuco, e das suas annexas, extensão de suas costas, Rios e Povoações notaveis, Agricultura, numero dos Engenhos, Contractos e Rendimentos Reaes, augmento que estes tem tido etc. etc. desde o anno de* 1774 *em que tomou posse do Governo das mesmas Capitanias, o Governador, Capitão General, Joze Cezar de Menezes.* " =

E' este um rico MS. de 122 paginas de folha, com seus doirados, e encadernado de veludo carmezim bordado, que está na Bibliotheca Real da Ajuda. —

monia com o que diz um MS. (26) isto é que « o tal contrato de per si era capaz de merecer cincoenta mil cruzados alem do que hoje (diz o MS.) está, em cada um anno dos de seu arrendamento. » — Ora se este author faz conta de que valia 70 mil cruzados, não era natural que elle estivesse arrendado por 20$ reis; — e da mesma importancia que Soares quer dar ao contrato se vê, que devia valer mais do que esta quantia.

17 — CAPITULO XVII. — A ponta, que o impresso diz de *Pero Cavarim*, é chamada nos roteiros de Manoel de Figueiredo (1609 fl. 6) e de Luiz Serrão Pimentel (Ed. 1681 pag. 215) de *Pero Cabarigo*, porêm antes dizia-se *Percaauri*.

18 — CAPITULO XVIII. — Ao voltar a folha encontramos uma nota (a 1.ª) a respeito do rio *Formoso*, duas leguas ao Sul de *Meracahipe*; esta nota tão insignificante, não se pode attribuir ao Author, sem cometer anachronismo, pois refere um facto de 1632: foi escripta por algum curioso possuidor do MS., e não valia a pena de a ter impresso, se ao que parece se não tivesse só por fim o vulgarizar a unica copia que a Academia havia obtido, pelo meio mais simples, qual o da imprensa. —

Pincipia a nota « Neste rio *Formoso* por el- » le arriba quatro legoas está o lugar de Seri- » nhaim (*aliás Serenhem*). Foi Simdalla Andres

---

(26) *Sumario e Descripção do Reino de Angola e do descobrimento da ilha de Loanda, e da Grandeza das Capitanias do Estado do Brasil feito por Domingos d'Abreu de Brito Portuguez.* Anno de 1592. 1 Vol. 4.º — M.S. da Bibliotheca Publica, onde é B-3-5.

» Marim Tenente de Artilharia com pilotos o
» anno de 1632. »

Esta ultima oração não ha rege-la, por mais que se lhe queira applicar quantas figuras haja na Grammatica: nada se colhe sem metamorfosear a segunda palavra, e ler = Foi sonda-lo etc.

Na outra nota (2), que certo não foi tambem de Soares, deve ler-se não *Mambucabá*, senão *Mambucába*, ou como escreve (pag. 462) Montano (27) *Mambukava.*

19 — CAPITULO XIX. — Verifica-se a exactidão do nome, que os *Cahetés* (e não *Caites*) davam ás jangadas de timbós (*Paullinia pinnata* Lin.), pelo que diz Jaboatão (Dig. 2.ª Est. III. n. 15 pag. 10). —

20 — CAPITULO XX. — E' de aproveitar a noticia, que neste logar dá Soares de um Roteiro, que se escreveo da jornada de João Coelho Sousa ao Rio de S. Francisco. —

21 — CAPITULO XXIV. — Não podemos deixar de fazer reparo, em que se escreva aqui *Tapocuru* o nome, que no capitulo seguinte se imprime *Itapocuru;* devendo ser *Itapocurú*, nome do rio, a que os primeiros exploradores chamaram *de S. Jeronymo*, como se deduz do Mappa de João Ruysch, que acompanha a edição de Ptolomeu, de Roma (em 1508), e igualmente do de Lazaro Luiz (em 1563), que pertence á Academia, e do de Fernão Vaz Dourado (em 1571), existente no Real Archivo da Torre do Tombo (28).

---

(27) *De Nieuwe en onbekende Weereld: of Beschrijving van America, etc.; door Arnoldus Montanus, t' Amsterdam, by Jacob Meurs* — 1671 in fol.

(28) Destes dois ultimos Atlas manuscriptos fizemos uma suc-

22 — CAPITULO XXVII. — Tambem aqui ha irregularidade. Escreve-se *Tapoam* e *Tampoam*, para designar a terra que ali boja ao mar, e que hoje se diz assim como a enseada *Itapuan* (*Corogr. Bras.* Tom. 2.° pag. 15): estas irregularidades só podem servir de criar duvidas, quando ellas se podem remover. — Ha neste capitulo um erro de pontuação que poderia inverter o sentido: o author vai com a sua descripção correndo a costa de Norte a Sul; e quando está para chegar á Bahia, diz o impresso:

« Esta terra e outra tanta além do rio de » Joanne he do concelho da cidade. Do Salva- » dor a Tampoam ha huma ponta sahida ao mar » com huma pedra no cabo cercada d'elle, a » que o gentio chama deste nome, que quer di- » zer pedra baixa: » etc.

Ora por ali não ha sitio, a que chamem *o Salvador* senão a *Cidade do Salvador*, como a designa o mesmo Soares nos capitulos v, vii, viii, ix, etc. da 2.ª Parte, e igualmente Bartholomeu Guerreiro (29). Contentar-nos-hemos para mais brevidade de offerecer o mesmo logar mais correcto, e como se devera ter impresso.

« Esta terra e outra tanta alem do rio de » Joannes he do Concelho da Cidade do Salva- » dor. A Tapoam he huma ponta etc. »

23 — CAPITULO XXIX. — Novo erro no ti-

---

cinta descripção, que sahio impressa (desde pag. 494 até pag. 503) com leves incorrecções typograficas, no Tomo 3.° do *Tratado elementar de Geografia* do Snr. D. José de Urcullú impresso no Porto na *Typografia Commercial*.

(29) Até no titulo da sua obra *Jornada da Cidade do Salvador*, Lisboa 1625, e ao depois fol. 65 ỷ.

tulo, como succedeo nos capitulos VII. e XIV. Querendo-se tratar do rio *Camamú*, arrumado em 13° 58′ 6″ S.; errou-se o titulo e tambem o Indice do fim imprimindo *Canami*. — Leia-se accentuado *Tinharé*.

Ainda maior erro existe no nome da ilha que ainda hoje se diz *Boypéba*, como se vê de Ayres do Cazal (T. 2.° pag. 104) — Na linha terceira e vigesima-quinta da pagina 43 do impresso está *Boipoba*, e na linha oitava diz-se *Bispado* (!!).

Ainda aqui não fica: já sabemos em que altura está o rio *Camamú*: Soares deu-lhe um pouco mais; arredondou a conta (como se vê do Cap. 30) em quatorze graos, e cá o impresso na linha nona da mesma pagina 43 diz contradictoriamente *que está em quatro graos*. Queria dizer quatorze. Tudo isto nos vai confirmando, que as dulterações não são insignificantes, conforme dissemos.

24 — CAPITULO XXX. — Trata-se do rio *Das-Contas*, e diz-se que os Indios lhe chamavam *Insiape*. Cazal (II, 101) leu, e modernamente o Snr. Cunha Matos (30) diz *Jussiappe*, e aquelle digno author da *Corografia Brasilica* até reclamava a restituição deste nome, que julgamos era o verdadeiro, e por conseguinte o do impresso adulterado. Em vez de *Taipe* escreve em 1642 João Teixeira (31) *Taype*. Cazal (II, 103) e Arrow Smith dizem Itahype, que os dois

---

(30) Veja-se a *Memoria sobre a Hydrografia Brasilica*, que vem no N. 2 do anno V. do *Auxiliador da Industria Nacional*, publicado no Rio de Janeiro em Fevereiro de 1837 a pag. 43.

(31) *Descripção de toda a Costa da provincia de Santa Cruz a que vulgarmēnte chamão Brasil por João Teixeira Cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1642.* MS. 1. vol. 4.° com 23 mappas

celebres viajantes Spix e Martius (32) escrevem (P. 2.ª pag. 679) *Itahipe.*

Deve ler-se accentuado *Aimorés* ou *Aymorés* Cazal (II, 72), que Bathasar Telles (33) escreve (Part. 1.ª pag. 433) *Aymurés*, ou (Part. 2.ª pag. 283) *Haymurés.*

25 — CAPITULO XXXIII. Devia ler-se *Patipe* e não *Patife.* E' o rio que communica por uma pernada com o *Pardo* ou *de Belmonte*, e desagua no Oceano por tres bocas; a saber: 1.ª pela sua barra ao norte da *Ilha da Juliana*; 2.ª pela *dos Canaveaes;* 3.ª pela barra da *Imbuca.* Cazal (II, p. 101) escreve *Patype.*

26 — CAPITULO XXXIV. — Chama *Boiquisape* o rio, que Laet (34) na sua Carta escreve

---

illuminados, cada qual com uma folha de explicação, em papel encorpado e letra redonda. Está na Bibl. R. da Ajuda.

Traz no principio um = *Juizo do merecimento desta obra* = escripto por Manuel Pimentel, no qual faz poucos elogios a este livro, e diz (sem se enganar) que o primeiro mappa, que é o geral de todo o Brasil estava muito errado, e termina = " *Em somma digo que este livro não tem mais que boas pinturas e illuminaçois* =

Cremos ser o mesmo de que Barbosa dá noticia menos exacta.

Pela mesma occasião gaba Pimentel neste seu *juizo* outras Cartas do Cosmografo João Teixeira Albernaz; que são quanto a nós as 19 que compõem a *Descripção de todas as costas e portos do Brasil*; fol. oblongo: offerecida em 1627 a elrei D. Filippe, e que ora pára na Biblioth. Real de Paris, e é o codice n.º 8372. —

Este mesmo Albernaz escreveo uma *Descripção universal do maritimo de toda a terra navegavel*, que está na Livraria de Castello-Melhor. —

(32) *Reise in Brasilien*, von Dr. Spix und Dr. Martius etc. etc.

(33) *Chronica da Companhia de Jesu etc.* Primeira Parte; Lisboa 1645: Segunda Parte Lisboa 1647 — Balthasar Telles valeu-se para compor quanto desta Chronica diz respeito ao Brasil, das Cartas dos mais afamados Jesuitas, e de varias memorias delles, relações das suas missões, do que se conserva uma boa parte na Bibliotheca Publica Eborense. —

(34) Cumpre-nos notar que nos referimos sempre no decurso

Bonhugquisape; Arrow Smith *Mojekissaba;* Neu-wied (T. 1.° p. 310 e seg.) *Mogiquiçaba* e Ca-zal (C. B. T. 2.° p. 79) *Mugiquissaba.* Quanto ao outro, que fica duas leguas ao norte do *de Santa Cruz*, e ao Sul do *de Santo Antonio* vem no impresso que se chamava *de Cernãodecibe:* Ayres de Cazal, que tambem não leu por copias muito exactas, compendiando este logar (no Tom. 2.° pag. 71 :) escreveu *rio de Simao de Tyba;* e incoherentemente na lin. 8.ª da mesma pagina, e depois logo adiante (pag. 78) lhe chama *rio de João de Tyba.* Nenhum dos tres nomes é

---

destas reflexões a edição latina deste author, impressa em 1633 com o titulo de *Novus Orbis*, a qual verdadeiramente é a terceira, ainda que assim o não declaram as Bibliografias modernas, nem a propria de *Henri Ternaux.* As duas primeiras edições foram publicadas na lingua do author como se vê de Vogt e da *Analecta Litteraria* de Freytag. A segunda sahio em 1630 da typografia de Elzevir com o titulo = *Beschryvinge van West-Indien door Jo. de Laet. Twede Druck. In ontallycke Plactsen verbetert, vermeerdet; met eenige nieuwe Carten, Beelden van verscheyden Dieren ende Planten verciert.* in fol.

Deste mesmo titulo se vê que foi mais ampliada do que a primeira edição. Não virá de todo fóra de proposito referir aqui a respeito de Laet uma particularidade, que Moreri não menciona, confessando saber-se pouco da Biografia deste célebre escriptor; vem a ser; que nos parece á vista do que diz Domingos Teixeira (Part. 2.ª p. 461), que este escriptor esteve no Brasil em 1596.

Laet valeu-se muito para a sua obra dos escriptos de um author Portuguez, cujo nome não declara; porêm cita v. g. no Cap. 7.° do Liv. 15 " *Porro author Lusitanus, quem hactenus hic ut plurimum secutus sum etc.*; " e que Barbosa diz que foram os escriptos de Manuel de Moraes.

O não declarar elle o nome de author faz-nos lembrar que seria a celebre *Rasão do Estado do Brasil*, MS. anonymo que veio da Hollanda, e que Moraes cita no Diccionario e existe hoje com outros MSS. á cerca do Brasil na *Bib. Publica Portuense.* Podia-se talvez avançar a conjectura de que Manuel de Moraes é então o Author da *Rasão do Estado etc.*

correcto; e dizemos isto tão afoitamente, porque estamos bem authorizados: a fol. 10 ý. do *Roteiro* original contemporaneo de Soares, de que demos noticia (na *nota* 16), e que poderá bem ser o tal de Francisco da Cunha ou o de Diogo de Castro, vemos escripto mui distinctamente = *Rio de Sarnãditibi* = e n'uma das cartas do Atlas tambem citado (*nota* 31 *pag.* 20) de João Teixeira = *R. de Cernãobitibe* = Donde vemos que só a nona letra do nome impresso é que está trocada; porêm ainda assim com menos adulteração do que os exemplares, de que Cazal se valeu. Na grande *Carta* de Simão Antonio da Rosa Pinheiro gravada e impressa em 1786 no *Rio de Janeiro*, bem como n'uma Carta de *Dalrymple*, lemos *Sarnabitiba;* e na da America meridional feita por Guil. de l'Isle (Paris 1703) vemos neste logar = *R. de Sernaubitibi.* =

27. — CAPITULO XXXV. — Vamos ao fim do capitulo aonde temos que dizer. Designa-se por *Insuacoma*, o nome do rio que segundo Cazal (T. 2.° p. 72 e 78) se diz hoje *Juassêma.* Este rio fraldeja pelo Sul a *serra dos Aymorés*, incluindo o *Monte Pascoal.*

28 — CAPITULO XXXVIII. — Termina-se falando em indios *Gaizacazes.* Deve lêr-se aqui, e por toda a obra *Gaitacazes*, ou *Guaitacazes*, *Goayatacázes* (Jaboatão, *Preamb.* p. 15) ou finalmente *Ouetacazes* como escrevia o celebre Bispo Azeredo Coutinho, n'uma obra sua, que impressa pela Academia já conta 3.ª edição. —

29 — CAPITULO XLI. — Na linha 17.ª em vez de *Imbaram* devera ler-se *Tubarão*, como vem logo na linha seguinte, e escreve Pimentel (p. 227 da Ed. cit.); esta ponta segundo

Purdy jaz em 20° 16′ 22″ S. A ilha que diz na pagina 60 = *de Duarte de Lemos* = chamava-se *Santo Antonio* antes de Vasco Fernandes Coutinho fazer della doação (35).

30 — CAPITULO XLII — O titulo de Magestade, que se dá a elrei D. João III. não foi seguramente dado pelo author, senão graça ou promoção de algum copista. Não porá nisto duvida quem advertir quanto Soares era assisado, grande observador, entendido nas coisas do seu tempo; e de mais a mais tendo sido vassalo d'elrei não podia ignorar uma formula de tratamento; e dá disto provas o mesmo impresso que em algumas partes ainda lhe dá o tratamento de Alteza (36). São de aproveitar neste capitulo as noticias a respeito do celebre D. Jorge de Menezes.

31 — CAPITULO XLIII. — Este pequeno periodo abunda de incorrecções; mas todas pouco custosas de estremar. *Goarapira* é erro por *Goarapari* ou *Guarapari*, como vem na Carta de Laet; e *Garapari* na de Fernão Vaz Dourado: a ponta do sul deste rio fica em 20° 43′ 56″ S.; e promixo lhe fica a Villa de *Guarapary* (como hoje se escreve; veja-se a Geografia do Snr. Urcullú T. 3.° p. 340). —

Segue-se outro erro dos mais triviaes no impresso: houve quem chamasse de *Jerocão* ás conhecidas serras de *Perocão* como diz Pimen-

---

(35) Esta doação a Duarte de Lemos foi feita pelo Donatario em Lisboa a 20 de Agosto de 1540, e confirmada por elrei D. João 3.° em Almeirim no dia 8 de Janeiro de 1549. *Veja-se no Real Archivo a folh. 108 ℣ do Liv. 67 da Chancellaria d'elrei D. João 3.°*

(36) Veja-se o Tom. 3.° das Noticias do Ultramar p.p. 6-22-23-32-36-45-82-95-96-98-99 etc.

tel (p. 227) ou *Pero Can* como no seu *Grand Routier* (37) escreve J. Hug. Linschot. —

Os erros proseguem: as palavras seguintes podem servir de exemplo a uma verdadeira synchyse:....« defronte do morro de João Moreno » está a ilha escalvada de Goarapira á ponta de » Liretibe, que são sete legoas, e corre-se a » costa nordeste sudueste, etc. » o que talvez se lesse melhor desta maneira:....« defronte do morro de João Moreno está a ilha Escalvada. De Goarapari á ponta de Liretibe são sete legoas; e corre-se a costa etc. « — Nada se perde por advertir que em vez de *Liretibe* diz Smith Iretiba, e na Carta de Faden vem *Iritibu*. Laet escreve (Liv. 15 e 28 p. 597) *Manange* e não *Manage*; parece que é o chamado agora *Itabapuana*, de que fala Neuwied (T. I. p. 160 e seg.). —

Não deixa de fazer admiração a coincidencia da latitude calculada naquelle tempo para o *Cabo de S. Thomé*, com a que os maritimos modernos lhe assignam, que vem a ser apenas duas milhas mais ao Sul.

32 — CAPITULO XLIV. — O principio deste capitulo, vem com pouca differença transcripto no segundo volume da *Corografia Brasilica* (p. 42): porêm no impresso lêem-se tres faltas que

(37) Os varios roteiros desta obra são tirados dos portuguezes, como seu proprio author declara; dizendo particularmente, que os do Oriente foram traduzidos dos de Diogo Affonso e Vicente Rodrigues de Lagos, pilotos d'elrei. Do deste ultimo com o titulo de *Roteiro da Carreira da India e dos Rumos a que se ade gouernar e dos sinaes que nesta viagem se achão com as deferenças da agulha, composto por Vicente Roiz, pilloto mor della etc.* existe um exemplar na *Bibl. Publica Eborense.* —

se não encontram em Cazal; a saber: 1. O Titulo de S. M. por S. A., do mesmo modo que tratamos no *n.* 30: 2. O nome Martim *Antonio* de Souza por Martim *Affonso* de Souza: 3. A doação não foi só de treze leguas; mas realmente de trinta como vem na transcripção da Corografia. A Carta de doação datada de 28 de Janeiro de 1536 está no Liv. 21 da Chancellaria de elrei D. João 3.° (no Real Archivo) fol 65.—

Dois erros tinha como por vindicta o exemplar de Cazal; um corrigio elle com o seu saber e critica; o outro é que onde Soares escreve *cinco ou seis annos* diz lá *cinco* sem dizer que.—

A Carta de nomeação a Pero de Goes para Capitão mor da Costa do Brasil está no Liv. 67 do mesmo Rei a fol. 109 ў. No Capitulo seguinte *Tapanazes* é erro por *Papanazes*, como vem no titulo do Capitulo XLVI. e diz Southey (T. 1.° pag. 39) e Jaboatão (Preamb. p. 13).

33—CAPITULO XLVII. — Na primeira linha da pag. 67 onde diz = « e ancorar afouto e lá e a terra firme » =; parece que deve lerse = « e ancorar afouto entre ella e a terra firme »

34—CAPITULO XLVIII. — O Cabo Frio está 1′ 15″ mais ao Sul, do que se tinha calculado no seculo dezeseis. Neste capitulo encontrase um logar cheio de solecismos manifestos, que nos contentaremos de transcrever sem mais comentos, e sem nos metermos a adevinhar em materias de tanta importancia: eis as expressões do impresso, com a sua propria pontuação, e orthografia.

........» aindaque peloque se julga do mar a ter-
» ra do cabo parece ilha, e o não seja, poronde
» apparece na verdade o cabo a ilha, porque

» a costa e mar, poronde se não enxerga de » fóra, mas he de maneira, que pode passar hum » navio por entre elle, e a terra firme á vontade, e tem hum baixo neste canal bem no » meio de duas braças de fundo, o mais he alto, que basta para huma náo. » Este e outros logares concertarão algum dia melhor os exemplares que de novo aparecerem e se poderem consultar.

35 — CAPITULO XLIX. — Nas linhas 15 e 21 do Capitulo leia-se *Lagea* por *Lagoa*.

36 — CAPITULO L. — Na linha antepenultima deste, deve ler-se do mesmo modo na ponta da *Lagea* em vez de ponta da *Lagoa*.

37 — CAPITULO LI. — Fala-se, mais de uma vez em *páo de assucar*, para significar o bem conhecido *Pão d'Assucar*, que se topa, com a vista, ao entrar a barra do *Rio de Janeiro* (38). Neste livro não se pode classificar esta falta, entre os chamados erros d'imprensa.

38 — CAPITULO LII. — Devem ler-se accentuados os nomes *Macacú*, *Paquetá etc.*, como se vê na Carta topografica e Memorias do

---

(38) E' um erro muito crasso dos nossos escriptores dizerem que foi Martim Affonso quem deu este nome á bahia de *Niterhoy*, do que já Cazal duvidou (T. 2.º p. 12). Já em 1519 (desde 13 até 26 de Dezembro) ali esteve o Magalhães, e o author do *Roteiro* (offerecido á Academia com annotações criticas e mui eruditas pelo Ex.mo Snr. Bispo Conde) impresso em 1836, formando o n.º 2. do 4.º Vol. desta collecão, fala de ter estado no *Rio de Janeiro*, entrando ali dia de Santa Luzia, e Magalhães lhe deu o nome de bahia de Santa Luzia.

Isto ainda se prova mais claramente pelo *Diario* que escreveo Pero Lopes de Souza, da navegação da armada que seu irmão cōmandava, e pelo qual se vê que, entrou no *Rio de Janeiro* a 30 de Abril de 1531 — e já esta enseada assim se chamava. Este interessante *Roteiro* até hoje desconhecido brevemente será publicado. —

Padre Santos (39). Quanto aos outros nomes; leem-se no *Roteiro*, de que demos noticia na nota 16, escriptos deste modo: *Magepe*, *Suruzi*, *J. Curiata*, *R. Vauxindiba*, *Suasunhão*, *Matagabo* e *Curumaré*; em logar de *Magipe*, *Suruy*, *Cuciata*, *Maxcindiba*, *Suasunhao*, *Mutungabo*, e *Virumare*, como estão no impresso. —

39 — CAPITULO LIII. — Nova repetição do titulo de Magestade a elrei D. João 3.°; já deixámos dito (pag 24) que esta falta não pode vir do author. —

40 — CAPITULO LV. — Quatro mil contos para Luiz de Brito fazer um engenho de assucar, era dinheiro de mais; e que nem S. A. (e não S. Magestade como se imprimio) talvez possuisse. Naturalmente queria-se dizer quatro mil cruzados; e o erro procedeu de ler mal o breve 4$ c.os, que algum MS. contivesse.

41 — CAPITULO LVII. — O ilhéo, que está com o nome de João Grego, é o de Jorge Grego, como lhe chamam Pimentel (pag. 229) Manuel de Figueiredo (40) e os modernos todos. —

Logo abaixo lê-se: « Da ilha grande ao morro de *Carabuçu* (aliás *Corossú*) são nove leguas, o qual morro está em 23° ¼ » — E isto dizendo-se acima que a dita ilha *Grande*, que fica para o Norte, jaz em 25° ¾.

Será possivel que o author errasse deste modo dando maior latitude meridional a um logar da Costa, que declara ficar mais para o nor-

---

(39) O Padre Luiz Gonsalves dos Santos nas suas *Memorias para servir á Historia do Brasil.* Lisboa 1825. 2 vol. 4.°

(40) *Roteiro das Indias Occidentaes, etc.* Lisboa 1609, fol. 17 V.

te do que o outro? Não o cremos. Então se diz haver nove leguas do dito morro á ilha *Grande* é certo que o erro não procede do computo dos graos, senão de copia, — pois Soares juntava á instrucção do seculo um juizo claro e bom discernimento e não cometeria faltas desta ordem — e devia saber que ainda quando a costa fosse com o meridiano, jamais poderiam nove leguas perfazer a conta de dois gráos e meio sexagesimaes. —

Se nos é licito fazer uma conjectura, diremos que o A. talvez escrevesse ambas as latitudes em 23° $\frac{1}{4}$; pois quanto á costa segue quasi leste-oeste, e a ponta do S. O. da ilha *Grande* fica, segundo as observações mais recentes, em 23° 15′ 11″. —

42 — CAPITULO LXVI. — Leia-se accentuado Carijós (41). Os rios visinhos á ilha de Santa Catharina, tanto para o Norte, como para o Sul, tem hoje denominação diversa da que tinham no tempo de Soares (42).

43 — CAPITULO LXIX. — Pelos nomes *Alaguna* e *Alagôa* se quer dizer o mesmo porto, que mais vulgarmente chamam da *Laguna*: e por isso é natural que quem escreveu dissesse

---

(41) Veja-se Jaboatão no *Preambulo* pag. 19. Fernão Guerreiro *Relação* de 1609 fol. 196, 197, e 198. Bartholomeu Guerreiro na *Gloriosa Coroa d'esforçados Religiosos da Companhia de Jesu.* Lisboa 1642 in fol. pag. 307 e 308. Bathazar Telles, *Chronica da Companhia* Part. 2.ª Liv. 5.° cap. 52 p. 50. Jarric escreve erradamente *Cariges.*

(42) Pode verificar-se com os Mappas de D. Christoval del Canto (1776) e o de Lopes e Buache (1777) e cartas, que acompanham a obra sobre a Ilha de Santa Catharina escripta por Paulo José Miguel deBrito, e impressa pela Academia. —

d'um ou d'outro modo. Quanto aos seguintes capitulos se confrontarmos a descripção com as relações modernas depararemos inexactidões de latitudes, e tudo hoje nomes differentes: assim o porto de Martim Affonso diz-se *Manipetuba* ou segundo Cazal (T. 1.° p. 184) *Mampituba*; a bahia *dos Arrecifes* será por ventura a *Tramandahy etc.* (43).

44 — CAPITULO LXXIII. — Depois de se haver arrumado no capitulo precedente o cabo de *Santa Maria* em 34° S. (44) diz-se neste, depois de correr a costa por quinze leguas na direcção de S. O., que a ilha *dos Lobos* fica ainda nos mesmos 34°. Esta inadvertencia de algum terço de gráo seria por ventura esquecimento de copista. A ilha *dos Lobos* jaz na latitude meridional de 35°, segundo as observações do Tenente Coronel Engenheiro José de Saldanha.

45 — CAPITULO LXXIV. — Peor ainda é a anomalia que se encontra, na demarcação das latitudes dos cabos *Branco* e *das Correntes*. O A. dá o cabo *de Santo Antonio* em 36° 30′, e acrescenta que delle ao cabo *Branco* são 22 leguas navegando pelo S. S.O.; e o impresso incoherente com taes explicações apresenta este cabo em 27° $\frac{2}{3}$: e proseguindo no mesmo rumo

---

(43) Podem ver-se com proveito os *Annaes do Rio Grande*, e a sua competente Carta, escriptes pelo Dezembargador José Feliciano Fernandes Pinheiro (hoje Visconde de S. Leopoldo). Tom. 1.° Rio de Janeiro 1819 — e Tom. 2.° Lisboa 1822 — 4.° Veja-se tambem o *Mappa Geografico etc.* por D. Juan de la Cruz.

(44) Os roteiros modernos o poem em 34 40′ S. como já se tinha calculado em 1520, e se vê do *Roteiro* citado da navegação de Fernão de Magalhães. Poucos annos depois Pero Lopes de Souza o arruma em 34° 45′ S. —

S. S.O., ao longo da costa por 25 leguas aparece o das correntes em 36° — O erro é manifesto: para a emenda conjecturamos que o A. pozera o *de Santo Antonio* em 36° 30′ o *Branco* em 36 $\frac{2}{3}$ e o *das Correntes* em 37° —

SECÇÃO TERCEIRA.

Reflexões aos Capitulos da Segunda Parte, em que se trata da Topografia da Bahia.

46 — CAPITULO V. — Diz-se = elRei João, = por = elrei Dom João =, falta que não atribuimos ao author.

Com este Capitulo se pode confirmar a verdade do que dissemos no *Num.* 22: Soares diz aqui positivamente que D. Duarte da Costa « *desembarcou a* 13 *de Julho na Cidade do Salvador, nome que S. Alteza lhe mandou pôr etc.* » este governador sahira de Lisboa a 8 de Maio; — isto no anno de 1553, conforme o conta o P. Balthazar Telles, na *Chronica da Companhia de Jesu;* Part. 2.ª Liv. 5. Cap. 6.° pag. 278. —

47 — CAPITULOS VIII e IX — Quem quer que deu *Magestade* a elrei D. João 3.°, resolveu-se por desforra a dar nestes dois Capitulos *Alteza* ao *Demonio do Meiodia.*

48 — CAPITULO X. — Na penultima linha lê-se *outras* em vez de *hortas.*

49 — CAPITULO XIV. — A capitania Ilhas de *Taparica* e *Tamarantiba*, doada a D. Antonio

de Ataíde, herdeiro de sua mãi D. Violante de Tavora teve foral dado a 10 de Novembro de 1556, como consta da Chancellaria d'elrei D. João 3.° no Real Archivo, Liv. 71; fol. 193.

Esta doação teve successivas confirmações a 15 de Dezembro de 1575, 8 de Abril de 1593, 30 de Julho de 1604 e 11 de Maio de 1623, conforme se vê no mesmo *Archivo* no Liv. 22 de Filippe 2.° fol. 183 ỷ., e Liv. 4 de Filippe 3.° fol. 150. —

50 — CAPITULO XIX. — Chama *Paraião* ao esteiro de *Pirajá* (45), que talvez estivesse escripto *Parajaa* ou *Pirajao*: deste ultimo modo se lê no mappa da Bahia de uma collecção de 32 cartas manuscriptas do Brasil, que se acham na Livraria Real (46), e o João Teixeira, de cujos mappas démos noticia na *nota* 31 (pag. 20) escreve *Pirájão*. Adiante (pag. 248) no Capitulo cxxv imprimio-se correctamente *Piraojão*.

51 — CAPITULO XX. — Do mesmo modo que dissemos (*num.* 47) vem de novo *Alteza*, devendo agora ser *Magestade*.

52 — CAPITULO XXI. — Ha erro onde se diz = « engenho de assucar, que móe com *dous*: »

---

(45) Quem não conhecer este nome que é hoje o de um Viscondado, pode procura-lo na *Descripção topografica da Villa de Santo Amaro, e de suas relações com a Bahia*, que vem no *Jornal de Coimbra* numero 86, pag. 62; e na *Nova Lusitania* de Francisco de Brito Freire (Lisboa 1675; num. 144) e na *Corog. Bras. T.* 2. *pag.* 117.

(46) Estas Cartas estão encadernadas conjunctamente no fim do *Livro das praças de Portugal com suas fortificações desenhadas pelos engenheiros de S. Magestade etc. por João Nunez Tinoco Architecto de S. Magestade*; *Anno* 1663; que diz no principio = *Este Liuro mandou fazer o Snr. Conde da Torre.* =

= deve ler-se *bois* em vez desta ultima palavra; e no fim do Capitulo convem saber-se que onde se diz *ponta do toque* deve ler-se *do Toquetoque* (47).

53 — CAPITULO XXII. — Vamos igualmente ao fim, onde ha que advertir. Fala-se de uma ribeira, que se diz era chamada de *Curnuibão*, o que foi naturalmente má leitura de *Curnuibuçú;* e logo abaixo diz-se: « Na boca desta ribeira está uma ilha mui fresca, que é de Nuno Fernandes *de Curnuibão etc.* » Se estivessemos authorizados a fazer conjecturas um tanto atrevidas, apresentariamos á consideração do leitor que estas duas ultimas palavras em gryfo poderiam acaso estar em alguma entrelinha, e que se devessem ler mais acima: « Na boca desta ribeira *de Curnuibuçú etc.* — Porêm isto é méra conjectura.

54 — CAPITULO XXIII. — *Sacarecanga* é adulteração de *Jacarecanga*, nome de uma enseada conhecida (48). Escrever *Apitanga* e logo passada uma linha, *Pitanga* é notavel irregularidade: deste esteiro trata Cazal (Corog. Br. Tom. 2.° pag. 117). Chama de *Mataripe* o esteiro que no titulo diz *Metaripe*.

55 — CAPITULO XXIV. — *Cospe* é erro por *Caípe*, que é o mesmo esteiro, cujo nome adiante no Capitulo XXIX se transcreve correctamente, e que Cazal (Tom. 2.° pag. 128) escreve *Ca-*

---

(47) Veja-se o *Jornal de Coimbra* n.° 86 P. 1.ª pag. 62; João Teixeira na Carta da *Bahia*; e igualmente uma das Cartas, de que falamos na *nota* precedente; *Jacaracãga* lemos a fol. 7 do *Roteiro*, mencionado na *nota* 16. Advirta-se que o *mappa* grande, de que ali fazemos menção, vem no fim *a fol.* 33. v.

(48) *Jornal de Coimbra* citado pag. 61; e igualmente João Teixeira.

hype. Ita-pitanga está correcto; quer dizer *pedra vermelha*. João Teixeira escreve *Corupeba* e não *Corurapeba*. Na linha 3.ª da pag. 120 imprimiu-se *oiteiro de Pernamarim*, querendo dizer *esteiro*. Esta ultima palavra foi infeliz neste escripto, pois já na Primeira Parte na linha penultima do Capitulo LIX, e na segunda do LXIV, foi convertida em *estreito*, e agora aqui em *oiteiro* (!). Cazal (Tom. 2.º pag. 117) chama o dito esteiro, fronteiro á ilha *das Fontes* = *de Paranamirim*. =

56 — CAPITULO XXV. — No titulo a ultima palavra é *Paraguaçú*. No Capitulo precedente tem acabado de tratar da terra de *Tamarari*, e agora chama-lhe corruptamente *Tamaram*. *Cajuaiba* é a ilha que outros escrevem (vg. Cazal Tom. 2.º pag. 114) *Cajahyba*. *Alum* é erro por *Acum*, como se lê no citado *Jornal de Coimbra* (pag. 63), ou *Acupe*, segundo está escripto na *Carta da Bahia, e Sergipe* da Obra italiana de Fr. João José.

57 — CAPITULO XXVI. — Trata-se do conhecido reconcavo ou valle de *Iguape* (Corogr. Bras. Tom. 2.º pag. 125), e chama-se-lhe primeiro *Ugape*; e dahi *Uguoape*. Este nome escreve-se de varias maneiras, porêm mais ordinariamente *Uguape* (49).

58 — CAPITULO XXVII. — Trata-se da Capitania de D. Alvaro da Costa; porêm é claro, que nem este, nem o Conde da Castanheira, de quem falamos no num. 49, se devem contar no numero dos doze donatarios, que Barros (Dec.

---

(49) Veja-se Denis e Taunay (Paris 1822 Tom. 4.º pag. 161); Spix e Martius (Viag. Part. 2. pag. 654 onde lemos *Iguape*); e a Geogr. traduz. de Balbi (Paris 1838: Tom. 2.º pag. 529). —

1.ª Liv. 6.º Cap. 1.º) menciona, e dos quaes falamos em uma observação final. —

59 — CAPITULO XXVIII. — *Puinqua* parece-nos adulteração de *Pujuca.*

60 — CAPITULO XXXI. — Logo no titulo se lê um erro (repetido no indice), pois se escreveu *Japarica* por *Taparica* ou *Itaparica;* todavia neste logar o erro não ficou só no titulo; o mal lavrou pelo texto e pegou n'algumas sete partes. Porêm não é só isso: trata-se do rio *Tarairy;* escreve-se deste modo na segunda linha do capitulo, e na ante-penultima da mesma pagina escreve-se *Tairiri*, o que é grande irregularidade. — No fim diz-se de certa ilha, que se chama *Adomedo*, querendo o author dizer *a do Medo*, i. é, a *ilha do Medo*, da qual fala adiante no capitulo CXLIX; cujo nome ainda hoje conserva, como se vê de Cazal (Tom. 2.º pag. 114) e Spix e Martius (P. 2.ª pag. 637).

61 — CAPITULOS XXXII. e XXXIII. — Nova repetição indevida do titulo de *Alteza* por *Magestade*, como vimos nos *num.* 47 e 51.

Já agora irá nesta secção a unica advertencia que temos a fazer neste capitulo XXXIII. *In fine* leia-se *Gallipavo* onde está *Gallipato.* Aquelle vocabulo hespanhol, que se encontra no Diccionario da Academia de Madrid fica naturalizado portuguez, pela *carta*, que lhe dá Soares.

SECÇÃO QUARTA.

Reflexões aos Capitulos da 2.ª Parte em que se trata da Fytologia.

62 — CAPITULO XXXIV. — Onde se trata da parreira (*Vitis vinifera*), na linha 30 da pag. 135, ha um ponto final de mais. — Das plantas deste e dos dois seguintes capitulos fizemos um Catalogo, e quem quizer o pode vêr na observação *(E)*, que vai no fim destas reflexões. —

63 — CAPITULO XXXVII. — As differentes especies de mandioca *(Jatropha Manihot)* foram designadas por nomes differentes dos que lemos em Simão de Vasconcellos (50), Mello (51), Carvalho (52) e Marcgraf (53).

64 — CAPITULO XXXVIII. — E' incoherente escrever *tupitim* e duas paginas adiante *tapeti*: deste ultimo modo é que deve ser, segundo Durão (54). No Dicc. vem *tipiti*.

---

(50) *Noticias das cousas do Brasil*: Lisboa 1669; pag. 151.

(51) *Jos. Rodericii Mellii de rebus rusticis Brasilicis carminum libri quatuor, quibus accedit Prudentii Amaralis de sachari opificio singulare carmen: Olysip. MDCCXCVIII.* pag. 3. —

(52) O Capitão José Monteiro de Carvalho no Dicc. de productos naturaes, que se imprimiu pela 1. vez em Lisboa 1765, pag. 344.

(53) *Historia naturalis Brasiliæ, auspicio et beneficio ill. I. Maur. Com. Nass. etc.* 1648.

(54) O *Caramurú*; *Poema epico do Descobrimento da Bahia*, por Fr. José de Santa Rita Durão. *Lisboa* 1781. 8.º Cant. 7. E. 28. Este poema foi traduzido para o francez por M. Eugène de Montgalve.

65 — CAPITULO XL. — Escreve-se *urupena* o nome da joeira da mandioca; que Marcgraf diz *urupema;* no Jornal de Coimbra (n.° 60 pag. 376) lemos *gurupema;* e na Memoria sobre a mandioca no Tom. 7.° da *Hist. e Mem.* da Academia *gurupemba.*

66 — CAPITULO XLIII. — Quiz Soares tratar dos *aipins*, como escrevera no capitulo XLI, e agora neste capitulo lê-se *aipinis*, e no singular *aipini*, devendo ser *aipim* (*Manihot Aipi*, Pohl) como se lê na penultima linha da pag. 284. — O certo é que sendo a orthographia deste nome uma das mais variadas (55) nenhum author nosso conhecido se lembrou de dizer *aipini.*

67 — CAPITULO XLV. — Propõe-se tratar do milho, e começando-se por dizer como chamam os indios ao — *zaburro* (*Holcus sorghum*) imprimiu-se *ubatim:* Lery (pag. 176) diz *auati:* De-

---

(55) No Dicc. do Capitão J. M. de Carvalho (pag. 344) lê-se *aipyi*: do mesmo modo escreveu Bluteau citando o P. Simão de Vasconcellos: e tambem assim se lê no Diccionario da Academia; porêm aqui cita-se Gandavo que em 1576 escreveu *aipim*; e no *Tratado* impresso no Tom. 4.° desta collecção (pag. 202) *hypim.* Vandelli e os viajantes Spix e Martius (P. 2. pag. 526) e Lisboa (*) escrevem *aipim*, e seria naturalmente a orthografia do author, que apparece a pag. 284 do impresso. — Ayres de Caval (I. 115) escrevia *aypim*: Marcgraf escreve *aipii*; Lery (pag. 132 e 135 da Ediç. que citamos na obs. (*A*)), Martinière (Tom. 1.° pag. 120), e Antonio Roïz (**) escrevem *aypi*, cuja orthografia seguiram Denis (Brésil, pag. 17), e Saint Hilaire, que (Tom. 1.° pag. 393) censura os outros modos de escrever; taes como *aipii* e *impim* que segue Moraes; e o seu compilador o Snr. F. S. Constancio.

(*) *Descripção curiosa das principaes producções, rios e animaes do Brasil*, *Lisboa*, 1804 — 1 *peq. vol.* 8.° pelo Alferes Joaquim José Lisboa.

(**) *Tesoro de la lengua Guarani*, Madrid 1639; 4.°

nis (Brésil pag. 17) *avati* ou *abati*, e o Diccionario Bras. (56) *abaty*.

68 — CAPITULO XLVI. — Escreve-se *somenda* em vez de *comandá* (*Cytisus Cajan*): é deste ultimo modo que dizem Marcgraf, Lery, e Abbeville; e este nome é até conhecido pelos naturalistas europeos. A's aboboras (*Cucurbita lagenaria*) da primeira especie diz o impresso erradamente chamarem *gerómus*: em todo o caso a syllaba accentuada deve ser a ultima, e ler-se *geromús*, *jurumús* ou *jurimú*; porêm esta especie será a *jurumú pacoba*.

69 — CAPITULO XLVII. — A alteração é manifesta neste capitulo: imprimiu-se *amendões* por *amendoîs*, e o erro repete-se algumas seis vezes. E' o *mandubi* do Brasil (*Arachis hypogæa*), que em Angolla chamam *ginguba*.

70 — CAPITULO XLVIII. — Promette-se tratar de varias castas de pimenta (*Piper*). — Primeiro cumpre-nos advertir que os indios têem um nome geral para designar a pimenta. O A. diz que é *cuihem*: Carvalho (pag. 444) diz *guiyá*; Piso (57) *quiya* e o Dicc. Bras. (pag. 62) *kyy'nha*. Continuando, vemos que se escreveu *inquitai* o que Marcgraf diz *juquitaya*: segue-se *cuihemocu*; deve-se ler *cuihem-oçú*, isto é, *pimenta grande*. Mais abaixo lemos *pesihejurimu*, que no nosso fraco entender julgamos uma corrupção formal de *cuihẽ-jurimú*; i. é *pimenta-abobora*; pois o

---

(56) *Diccionario Portuguez, e Brasiliano etc. Primeira Parte*; Lisboa 1795 — Na officina Patriarcal. —

(57) *Gul. Pisonis de Indiæ utriusque re naturali et medica libri quatuor etc.* 1658 pag. 225. Piso nesta segunda edição copiou muito de Marcgraf, e por isso muitas vezes quando o citamos, entendem-se as duas opiniões.

author acrescenta: « por ser da feição de abobora » ás quaes como dissemos no *num.* 68 chamam *jurimú.* J. J. de Figueiredo (58) escreve *Comarim* (*Capsicum bachatum*). —

71 — CAPITULO XLIX. — No fim deste capitulo, em que se trata do cajú (*Anacardium occidentale* de Lin. ou *Cassuvium pomiferum* de Lamarck), vem *alquieira* em vez de *alquitira;* e tambem *Cantigaa* por *caatinga*, que são os matos carrasquentos do sertão (59). —

72 — CAPITULO L. — Em vez de *pocoba, pacobusa* e *pocobamirim* deve ler-se *pacoba*, *pacoba-ussú*, e *pacoba-mirim*, que são variedades da banana da terra (*Musa paradisiaca*). Pode ver-se Piso (pag. 155). —

73 — CAPITULO LI. — Depois de se tratar da mamamoeira (*Mamea Americana*), leu-se *Saracatea* em vez de *Jaracateá*, como dizem Piso e Fr. Ant. do Rozario (60).

74 — CAPITULO LII. — Depois de se descrever a mangabeira (*Hancornia speciosa* de B. A. Gomes) e o seu fructo, vem a arvore do araçá (*Psidium pomiferum*); porêm ha na orthographia tal discordancia, que parece tratar-se de dois nomes diversos; pois se escreve primeiro *aaçazeiras* e logo abaixo *arafazeiras*. Vê-se que o A. queria dizer *araçazeiras*, do mesmo modo que

---

(58) *Flora alimentar Portugueza*, imp. pela Academia; Lisboa 1825 pag. 71. —

(59) Vej. Neuwied Tom. 2.º pag. 206; A. de St. Hilaire (*Hist. des plantes etc.* pag. XII.) e Spix e Martius, e Cazal em muitos logares.

(60) *Fructas do Brasil*; Lisboa 1702 pag. 132. Foi reimpresso ha poucos annos no Rio de Janeiro.

escreve o P. Simão de Vasconcellos (n. 123 pag. 76).

A especie de *araticú* de que trata logo abaixo vem a ser a *Anona muricata*. Mais abaixo vem *Abajeru* ou antes *Abajerú*; que o author (61) do *Dialogo das grandezas do Brasil* (fol. 73 ℣) escreve *Aychaierús*. A descripção recorda o *Crysophyllum monopyreum* de Swarts ou *Chrysophyllum oliviforme* de Lamarck.

Na pagina seguinte lê-se *Murusi*: Cazal (1, 99) a *Statistica do Maranhão* (62) e St. Hilaire (63) dizem *Muricy*; Lisboa (pag. 35), e Durão (C. 7.° E. 46) escrevem *Moricí*; e Rosario (pag. 150) *Morecí*. Pertence ás *malpighias* de Jussieu.

Copinha não parece nome indigena: sería *Copiuba?* Rocha Pitta (pag. 37) diz *Maçaranduba* e não *Macarandiva*, em que faltou a cedilha; pois na pagina 184 do impresso lemos *Maçarandiba* — do mesmo modo que diz Vandelli (Mem. Econ. T. 1.° pag. 195) e Piso (pag. 187). Em vez de *Enga* diz Lisboa (pag. 34) *Angá*, e Lago (pag. 52) *Ingá*. Devera pois ter-se lido *Engá* (*Spondias*....). Termina-se o capitulo descrevendo a *Bacoropary* e *Pequohy*. A primeira destas diz Lisboa (pag. 33) *Bacopari*; e do mesmo modo Saint Hilaire (T. 2.° pag. 323). No *Dialogo* (MS.) *das grandezas do Brasil* citado (*nota* 61) lê-se *Ubacropari*. E' a *Achras mammosa* de Linneo ou *Sapotille mamée* dos Francezes. Na pag. 183 imprimiu-se *Pequihi*; e na nossa opinião esta ultima, que não a primeira; sería a

---

(61) Veja-se a observação (F) no fim.

(62) Escripta pelo Engenheiro Antonio Bernardino Pereira do Lago: Lisboa, 1822; pag. 53.

(63) Nas suas viagens imp. em 1830 T. 2.° pag. 353.

orthografia do author. No Brasil pronuncia-se hoje regularmente *Piquí*.

Julgamos advertir que *Araçazes* se deve igualmente ler em vez de *Jracazes* na lin. 26 pag. 204 do T. 4.° das Mem. Ultram.

75 — CAPITULO LIII. — Trata-se da *Spondias tuberosa* de Arruda; chama-se-lhe *Ambu*. Rosario (pag. 110), Piso (pag. 167) e Carvalho (pag. 587) dizem *Umbú*. Ha tambem quem escreva *Embú* e *Imbú* — Carvalho (pag. 33) diz *Ambú*, e assim escreveria o nosso Soares.

76 — CAPITULO LIV. — Começa-se pela *Lecythis ollaria*, Lin. Tambem na maneira de escrever o nome portuguez desta arvore encontramos muita irregularidade, que se communicou ao impresso escrevendo-se aqui *Zabucay*, e dahi adiante no fim do cap. LXV *Zabucai*. Brotero escreve *Zabucaia*: Lara Ordonhes diz que outrora se pronunciava *Zabucá*: Gandavo (cap. 5.°) disse no plural *Zabucaes*: Coelho (64) escreveu (pag. 250) *Jacapucaia*: Aublet (65) *Zabucajo*, e Vandelli (Mem. Econ. Tom. 1.° pag. 195) *Sapocaya*; e assim designa Cazal (Tom. 1.° pag. 100) escrevendo *Sapucaya*, e Lisboa (pag. 35) *Sapucaia*. — Segue-se *Piquiha*. Os naturalistas modernos seguindo a Piso (pag. 141) escrevem *Pequeá* ou *Pekeá*; Rocha Pitta e Durão (C. 7. E. 52) *Pequiá*; Monteiro de Carvalho *Pitiá*; de toda a fórma deve ler-se accentuado (Rosario pag. 117, e J. de Coimb. n. 60 pag. 378). Cazal (1, 114) e

---

(64) *Pharmacopea Tubalense etc.* por Manoel Rodrigues Coelho. Lisboa, 1735 fol.

(65) *Histoire des plantes de la Guiane Française*; etc. Londres, 1775; Est. 288. —

Vandelli escrevem *Piquihá*, e naturalmente assim escreveria Soares. E' o *Caryocar* de Lin. ou *Rhirobolus* de Gärtner: *Macugi* é erro por *Mocugé*, como escreve (I, 111) Cazal e Rosario (pag. 130), e que no Dicc. de Moraes vem *Macujé*.

No paragrafo seguinte depois de se tratar do fructo do *Jenipapeiro* (*Genipa Americana*) lemos o nome *guti* para designar uma arvore, que pela descripção parece ser a da *guaiába* (*Psidium pyriferum*) de que se faz a *guaiabáda*, chamada em Portugal *doce de tijolo:* e logo depois vem *ubucaba*. Dar-se ha caso que seja esta a *Ubucuiba* ou *Becuiba* de Brotero, ou *Myristica officinalis* de Martius?

Mondururu será erro por *Mandacarú*, como diz Rosario (pag. 136) — *Comicha* e *Mandiba* são-nos inteiramente desconhecidas — Em logar de *Acambuy* escreve Piso (pag. 178) *Canuy*, e Cazal *Cambuhy*. Segue-se *Curvanja*, que pela descripção dá todos os indicios de ser a *Curubá* de Piso (*Trichosanthes anguina*). Se o é, devemos confessar que ha erro onde se diz » *a fructa que dá é de um a oito dedos de comprido, e de tres a quatro de largo;* » e deve-se então ler = *dezoito* = onde diz = *um a oito* = por quanto Piso (pag. 263) diz que tem ás vezes vinte dedos. Lisboa (pag. 37) faz identica descripção da que chama *Coroá* e diz que « *terá tres palmos, pouco mais ou menos de comprida.* = » Termina-se com outra arvore que erradamente se diz *Cambaca* em vez de *Cambucá*, ou como escreve Lisboa (pag. 33) *Cambocá*.

77 — CAPITULO LV. — Propõe-se tratar de muitas castas de palmeiras, e dá-se primeiro ao que parece a descripção da *Pindoba* (*Coccos bu-*

tyracea), que adiante (cap. CLI.) se diz erradamente *Pindeba*, e neste capitulo se lhe chama *Perina*. Isto confirma-se em parte pelo nome *Pindobuço*, que se deve ler com Southey (1.°, 289) e Laet (Lib. 15 e 10) *Pindobuçú*.—

Em vez de *Anajamerim* diz Piso (pag. 126) *Inajámerim* (Attalea....?). Por *saparaçaba* será *Japaraçaba*?

Da *Pati* falam Spix e Martius (Viag. P. 2.ª pag. 688) Parece o *Coccos botryophora* de Mart. Tab. 83, 84.—A' cerca do nome *Boy* só nos vale para justificar a leitura de uma obra antiga (66) onde vemos a pag. 42 que *Bouix* era uma palmeira: porêm poderá ser a *Yri* ou *Airi* de Piso (pag. 125) escripto por diverso modo.—

Em logar de *Pisandoas* diz Neuwied (1.° pag. 272) *Pissandó*, e acrescenta ser o mesmo que o *Coqueiro de Guiriri*, que corresponde ao *Coccos Arenarius* de B. A. Gomes.

Segue-se *Ururucuri* que escreve Piso (pag. 127) *Urucury*, e Neuwied no logar acima *Aricuri*. Por ultimo nos cumpre advertir que se chama *Pacoba* a uma palmeira; naturalmente queria dizer-se *Patioba*, que é bem conhecida; porêm algum copista não reparando ser aquelle o nome da *Musa Paradisiaca*, o quiz assim ler, talvez por ser nome que achou no seu Diccionario.—

78 — CAPITULO LVI. — Não conhecemos a herva que o A. menciona depois do *Maracujá* (*Passiflora*). Porêm a que se segue e o impresso diz *Moduruqu*, parece ser a *Jamaracú* de Car-

(66) *Description de l'Amerique et des parties d'icelle, comme de la Nouvelle France, Floride, etc.* A Amsterdam, chez Jean Evertsz Cloppenburch; 1619.—

valho (Diccionario pag. 292) ou *Jamacarú* como escreve Piso e com elle os nossos Lexicografos Bluteau e Moraes, que o fazem uma especie de *Cactus*, do mesmo modo que se deduz da descripção. Em vez de *Marujaiba* escreve Piso (p. 129) *Maraiaiba*. Não sabemos qual seja mais correcto; porem Bory de Saint Vincent diz do ultimo modo. Na segunda linha deste paragrafo ha um (;) de mais, que altera o sentido.

Cajaota é erro por *Caraotá* ou *Carautá*, como diz Fr. Antonio do Rosario (pag. 143). Moraes escreve *Carahuatá;* Piso (pag. 193) e com elle Brotero *Caraguatá*; e Bluteau *Caragoatá*, e *Caroatá*. Ha muitas especies: são como *Agaves*.

Termina o Capitulo em *Neambu*, que Carvalho (pag. 67) diz *Nhambú*, e Piso (pag. 228) e a *Pharm. Tubal.* (pag. 259) *Nhambi*.

79 — CAPITULO LIX. — Passando em claro os capitulos em que se trata do *Ananazeiro* [*Bromelia ananas*], da *Cabureiba* ou *Caborehiba* (67) (*Myroxillum Peruiferum*) e da *Copaiba* (*Copaifera Officinalis*) vamos ao que, depois de se falar da *Ambaiba* (*Cecropia peltata*), distingue duas especies de *Caraóba*, cujos nomes

---

(67) Assim escreve Vicente do Salvador na sua *Historia do Brasil* MS. (no cap. 6.º do 1.º dos cinco Livros) dedicada a Manuel Severim de Faria em data de 20 de Dezembro de 1627. Até 1587 aproveitou quanto refere, de Soares, porêm dahi por diante até 1627 é original, e merece ser consultado. Foi verdadeiramente com V. do Salvador á vista, que Jaboatão escreveu, segundo elle declara, e até o cita na pag. 85 do *Preambulo*. E' engraçada a maneira como Salvador arremata o seu Livro; depois de contar a vida de Mathias d'Albuquerque, dizendo que veio para o Reino, e chegou a Caminha em 52 dias, termina: " *E darei fim a esta historia porque sou de 63 annos, e he ja tempo de tratar só da minha vida, e não das alheas.* "

se devem ler *Caraóba-açú*, e *Caraóba-mirim* i. é. Caraóba grande e pequena. No cap. CLXV se diz haver-se feito menção da *Caraóba*, e só pode haver referencia a este logar. —

80 — CAPITULO LX. — O nome *Ubirasiqua* é um dos que parece estar intacto; é a *Ubira-icica* ou *Icicariba* (Cazal II, 163) ou *Elemicira* de Brotero (*Amyris Elemifera*), arvore que dá o *icica* (Ygcy'ca escreve o Dicc. Bras. pag. 68) ou *elemi*, que os pretos de Angola chamam *Ume-bafo*, segundo lemos no Jorn. da Soc. Farm. Lusit. (Tom. 2.° pag. 152). Na ultima linha deste paragrafo vem erradamente *issau*, que se devera ler *issica:* tambem se diz *pretos*, quando é natural que o A. se referisse aos *indios*.

Corneiba quer dizer (68) a *Carnaúba* ou *Carnaúva* [*Corypha Cerifera*, Arruda; e Mart. *Palm.* tab. 49 e 50]. —

Duvidamos muito que *Genciana* seja o nome indigeno-Brasilico da *Canafistola* (*Cassia Occidentalis*): e suspeitamos que algum copista foi quem por má leitura e espirito preoccupado associou neste impresso á lingua *guarani* uma palavra latina, e até do tempo de Plinio. Mais depressa devera acabar em *una*, que é o adjectivo da lingua *tupi*, que significa preto; o que vai concorde.

Piso escreve *Mucuná* (*Dolichos Urens*) porem Brotero escreve *Mucuna* como está impresso, e duvidamos que erradamente. Lêa-se cipó (como está no cap. LXXVI) e não sipo. —

---

(68) Veja-se a *Instrucção para os Viajantes etc.* Rio de Janeiro, 1819; pag. XLV: e veja-se tambem o *Jorn. de Coimbra* n. 59 P. 2.ª pag. 356. —

Termina com os mangues « *a que o gentio chama o pareiba.* » Deve ler-se junto *Opareiba* ou *Apareiba*, que vem a ser o *mangue vermelho* designado no Dicc. Brasilico (pag. 51), attendendo á interrupção typografica, por *Moparey'ba.*

81 — CAPITULO LXI — Mais uma confirmação de grande adulteração apresenta o nome da primeira planta, de que se trata neste capitulo: diz-se que chamam á *herva-santa* (*Nicotiana Tabacum*) *Petume;* e adiante no capitulo CLXIV. lemos no impresso *patem.* O Dicc. Bras. (pag. 73) chama-lhe *Pyty'ma*, e Balthasar Telles (P. 1.ª Liv. 3.º cap. 3.º pag. 442) *Betum.* O A. devia naturalmente escrever *Petume*, como diz Piso [pag. 206]. —

O que se chama *Pino* dá idea do *Ricino maior* de Brotero, ou *Purgueira* de Cabo-Verde (*Jatropha Curcas*). Desconhecemos a planta, que se segue; porêm a ultima é evidentemente a *Ipecacuanha officinalis.*

82 — CAPITULO LXII. — No Dicc. Bras. (pag. 9) lemos que os indios chamam ao *algodão* (*Gossypium*) *Amany'ú;* e Piso (pag. 186) diz *Amigú;* por isso inclinamo-nos a crer o nosso A. escreveria *Manyú.* Leiam-se accentuados os nomes *Camará* (*Lantana Camará*) e *Ubá* (Hist. e Mem. d'Academia T. 7.º).

Termina-se com o *Piper Jaborandi* (69); porêm tendo-se falado em *jaborandi* diz-se que ha outra planta a que dão o *mesmo nome*, e que lhe chamam *jaborandiloa.* Se lhes dão o *mesmo nome*, devia ler-se *jaborandiba* como em cima.

---

(69) Vide *Flora Fluminensis etc. a Fr. J. M. C. Velloso*, *Ed. Flum. Januario MCCCXXV.* Tab. LV. pag. XXIV.

83 — CAPITULO LXIII. — E' tão claro o erro de *pedegosos*, em vez de *fedigosos*, que nos abstemos de authorizar. *Caapela* é erro por *Caapeba* (*Cissampelos Pareira*) como se lê na *Descripção Curiosa* pag. 27. —

Não será máo deixar aqui advertido para os outros nomes, que *Caa* na lingua brasilica-geral vale o mesmo que *herva*, como se vê do *Dicc. Bras.* pag. 4, e que por esta causa entra na composição de muitos nomes botanicos dos indigenas. —

84 — CAPITULO LXIV. — Quanto aos *cedros* de que se trata, chamam-se a nosso ver adulterinamente *Acajucatinga*: porquanto no *Dicc. Bras.* [pag. 23] vemos que ao cedro se chama *Acáyacá*, e por isso o tal nome deve ser o composto *Acáyacá-tinga*: será por ventura o *Cajueiro bastardo* de Brotero, ou *Cedrela odorata* de Jussieu [Lam. Illustr. Tab. 137, e Gärtner Tab. 95]. —

85 — CAPITULO LXV. — Vimos no *numero* 74 que se chamou *Pequohy* no cap. LII o nome escripto neste logar *Pequihi*. —

Quoapaiajú parece-nos ser uma bem arredada adulteração de *Guaparaiba*; ainda que só pela inspecção dos nomes não é facil de attingi-la. Deste ultimo modo lemos em Carvalho [pag. 347]; e é o *Guapariba* de Piso [pag. 204] e de Brotero, ou *Rhisophora Mangle* de Linneo. —

Aos *mangues* chamam os Francezes em geral *Paléluvier des Marais*.

Sutapeba tambem é outro erro; queria dizer-se *Jutaípeba*, que Pitta [pag. 37] escreve *Jataypeva*. O erro principal provêm da troca do

J por *S*, que um tanto se semelham na letra de mão. *Zabucai* é o *Lecythis ollaria;* e já fica discutido *num.* 76.

86 — CAPITULO LXVI. — Rocha Pitta diz [pag. 37] *Maçaranduva* em vez de *Maçarandiba* como dissemos no *num.* 74. A grande arvore, a que se chama *Jacaxuuba*, parece pela descripção ser a *Jequitibá*, de que tratam Vandelli, Martius, e a Corog. Bras. (I, 114). —

Ubiratum talvez se devesse ler *Ubiraeem* [Piso pag. 245], e *Sepepera* talvez *Supopira* [Car. 7, 52]. —

Chama o impresso *Mutumujú* a arvore, que Rocha Pitta [pag. 37] e Vandelli [Mem. Econ. Tom. 1.° pag. 195] chamam *Putumujú.* O nome seguinte temos por certo —

87 — CAPITULO LXVII. — *Camaiari* será a *Camaçary* [Cazal T. 2.°, pag. 75 e 163] ? — Tambem o nome, que se lhe segue, não nos parece differente. —

88 — CAPITULO LXVIII. — Propõe-se tratar da *Envira*, ou *Embira;* como lhe chama Brotero: e por tanto deve ser esta palavra o radical predominante; e o nome *Enuiroçu* devera ler-se *Enviroçú*; e os dois *Ibiriha* e *Ejubiriti* talvez tambem melhor *Embiriba* e *Embiratinga. Goyaimbira* não parece adulterado. —

89 — CAPITULO LXIX. — Vandelli [Mem. Econ. T. 1.° pag. 195] escreve *Candurú* e Carvalho no *Dicc.* [pag. 258] *Gandarú* ao que o impresso traz *Conduru.* O Capitulo trata depois do *Suasucanga* e do *Páo ferro* [Cæsalpinia ferrea? Mart.], a que chama *abiracta* em vez de *ubirateá*, que Denis [*Brésil*, pag. 63] diz *ibirirateá*; e logo do *Páo d'arco* [Bignonia..? Neuw.], que

Carvalho [pag. 408] chama *Guiraparіba*, e o nosso A. escreveo melhor *Ubirapariba*; — melhor dizemos por ser mais conforme á etymologia, pois *Ubira* ou *Ymyrá* (como diz o Dicc. Bras. pag. 50) quer dizer madeira. Por esta razão o nome, que se segue = *Ubiranna* = está errado; e deve ser = *Ubira-una* = i. é *madeira preta*; e *Ubira-piroca* está correcto. —

90 — CAPITULO LXX. — *Tatagiba* cremos ser a *Tarajuba* de Rocha Pitta (pag. 35), que designa o *mangue branco*; e o seguinte quer Carvalho (pag. 346) se diga *Cereiba*, e o Diccionario Brasilico (pag. 51) escreve *Xerey'ba*. Segue-se outra casta de *mangues*, cujo nome, quanto a nós talvez devesse antes acabar em — *paúba*.

91 — CAPITULO LXXI. — A primeira arvore é *Copaubuçú*, e não *Copambuca*. A segunda é a *jangadeira* (*Apeiba cimbalaria* d'Arruda, Cent. Plant. etc). Segue-se outra que não conhecemos, porêm cujo nome parece não estar adulterado: dahi vem a *Gerummaré*, que será por ventura a *Gerémma*, que menciona Cazal (Tom. 1.° pag. 107). — Os outros dois nomes são conhecidos e estão certos. —

92 — CAPITULO LXXII. — A primeira arvore não conhecemos. — A segunda é a que Cazal (II, 75) chama *Inhuhybatan*: o *Jacarandá* é bem conhecido: — o nome da quarta parece estar correcto: o da quinta talvez devesse ter o *c* cedilhado; o da que se segue parece pelo principio *ubira* que está certo. Quanto ao ultimo — dar-se ha caso que seja a *Atángapéma*, nome que os Guaranîs dão ás espadas della feitas?

93 — CAPITULO LXXIII. — Do Genipapo [*Genipa Americana*] já falamos. *Huacão* será por

ventura o *Guaiacão?* Leia-se *ubira-tinga* e não *abiratinga.*

94 — CAPITULO LXXIV. — Da *Ubirarema* fala Carvalho chamando-lhe *Ibirarema* (Dicc. pag. 407). O nome *cipó* é conhecido e geral: a especie de que neste logar se trata é a alliacea ou *Cipórema*, que os Francezes chamam *Liane à l'ail.*

95 — CAPITULO LXXV. — O *Comedoi* parece o *Abrus precatorius*: as suas sementes são-nos bem conhecidas. O *Araticupana* (especie de *Anona*), de que o A. torna a falar no fim do cap. CXLVI. nomeia Moraes no Dicc. na palavra *Araticú.* O nome da arvore seguinte diz Soares que significa *pente do diabo:* ora segundo o *Diccionario Brasil* pente (D. pag. 61) diz-se em Tupi = *kybába* = e o diabo (o genio do mal) é *anhangá*, segundo diz o P. Santa Rita Durão no *Caramurú*, e o explica Denis (*Brésil* pag. 19 e seg); logo o composto é *Anhangá-kybába*, e não *Anganyaquiabo* como diz o impresso.

Leia-se *cuyas*, ou *cuias* [como vem a pag. 285] e não *cujas*, na pag. 195, lin. 5.ª

96 — CAPITULO LXXVI — Do cipó ja tratamos no *num.* 93. Na penultima linha da pag. 195 lê-se *cipao*, que deve ser adulteração de algum composto daquella palavra.

97 — CAPITULO LXXVII. — Terminemos as reflexões á cerca das plantas: — algumas das quaes podéra até a sagacidade de qualquer leitor ter corrigido. Seja-nos porêm concedido apresentar um reparo á cerca do nome da ultima que o A. trata: vem a ser o *Tocúm* ou como Vandelli lhe chama [Mem. Ec. I, 198] *Ticum*, que pela descripção parece ser o de que aqui se trata o *Astrocarium vulgare* de Martius [*Vid. Palm.*

Tab. 63, III]; com tal nome costumam designar no Brasil varias especies de que resulta certa canhamiça, cujas fibras fiadas e torcidas fornecem linhas e cordagens. Ora estando-se no capitulo a tratar deste tocúm, apparece mui desconchavadamente = « Este *totum etc.* (!).

SECÇÃO QUINTA.

Reflexões aos Capitulos em que se trata da Zoologia e Ethnografia.

98 — CAPITULO LXXVIII. — Comecemos pela Ornithologia, á qual o A. dedicou os doze capitulos seguintes. Neste capitulo advirtamos já, que o nome *cabuicazu* nos parece adulterino, e que talvez devesse acabar em *açú* (grande); — sería talvez o *Jabicú-açú* de Piso [pag. 87]? — Segue se o *Nhandú* ou *Nandú* [*Struthio Rhea*], que se imprimiu *n'hundú* (70). Na ultima linha desta pagina deve ler-se *cósso* em vez de *coco*: da expressão *tomar a cósso* se serve o A. logo no principio do capitulo seguinte: na linha 3.ª da pagina seguinte, leia-se *pennas* onde diz *pernas.* Termina o capitulo a nosso ver com a *Palamedea cristata;* porèm não destinguimos com qual nome o A. a quizera denotar.

---

(70) Aug. de Saint Hilaire na sua *Hist. des plantes les plus remarquables etc.* 1824 Tom. 1.º (nem ha outro) a pag. XX diz que os Guaranis conhecem esta ave por outro nome, e que o vocabulo *Nandú* é pouco usado entre elles: assim será; mas a sua authoridade tem contra si a de quasi todos os viajantes.

99 — CAPITULO LXXIX. — Do *Macucaguá* trata Piso (pag. 188), Laet (pag. 557), e Lery (pag. 169) que escreve em francez *Mocacoua.* Pela descripção de Soares parece o *Trombeteiro* dos Hespanhoes, ou Agami de Cayena, a que os habitantes do Pará chamam *Jacamí* (*Psophia crepitans*); porêm Bory de S. Vincent diz ser o *Tinamus brasiliensis.* Cazal enganou-se quando suppoz que o *Trombeteiro* correspondia no Brasil ao *Queroquero.* No paragrafo em que se trata do *Mutúm* (*Crax alector*) leia-se na linha 3.ª *pennas* onde diz *pernas.* Do *Mutúm* tratam com diversa orthografia Lery (pag. 169), Laet (Lib. 15 cap. 7), Piso (pag. 80), Cazal, Spix e Martius, e S. Hilaire, que descreve (2, 66) um que vio vivo. — Deve ler-se accentuado *Jacú* (*Penelope*).

Em vez de *Tujuju* dizem Cazal (Tom. 1.° pag. 93) e o Gabinete Historico [Tom. 10 pag. 46] (70) *Tuyuyú*; Lisboa [pag. 43] escreve *Tuiuiú*; é a *Mycteria Americana* ou *Mycteria Tujuju*, e segundo outros o *Tantalus Loculator.*

100 — CAPITULO LXXX. — Deve ler-se accentuado *Canindé* (*Psittacus Araruna*); como se lê em Pitta [pag. 40] e Durão [Cant. 7.° E. 64] e vem descripto na *Hist. Nat.* de Buffon [T. 7.° pag. 154 e 155 da ed. de 4.° gr.]; Thevet (71) escreve [pag. 92] Caninde, Coreal (72) Ca-

(70) As noticias de *Minas Geraes* que vem de pag. 1.ª até pag. 117 deste Tomo são preciosas. Fr. Claudio bebeu-as de varias fontes e MSS.; especialmente dos do Naturalista Diogo de Couto, e por ventura da anonyma *Descripção de Minas Geraes* escripta (*manu-*) em 1781 ou 1782, acompanhada de 39 mappas dos rendimentos, população etc.

(71) And. Thevet, *Singularitez de la France Antartique etc.*: 1558. —

(72) *Voyage aux Indes Occidentales*, Paris 1722. —

ninda (Tom. 1.° pag. 179). O nome *Arara-una*, que quer dizer = Arara preta = corre trocado entre os naturalistas como o explica Saint Hilaire (2, 376) — Denis leu no exemplar de Paris *embagaduras*, e não *embagadeiras* (*Brésil*, pag. 29).

A *Arara* é o *Psittacus Macao*, e o *Tucano* o *Ramphastos Dicolorus*.

101 — CAPITULO LXXXI. — Trata Soares de varias aves ribeirinhas: e depois de descrever as duas [*Ardea*] *Uratinga* e *Upeca* menciona a *Parra Jacana* de Linneo; e por fim o *Jacú-açú:* no ultimo periodo leia-se mais correcto « crião-se ao longo dellas e dos rios, no chão » etc.

102 — CAPITULO LXXXII. — Trata-se do genero *Tetrao*. As *Pararís* [Durão C. 7. E. 62], *Juritis* [Decr. Cur. pag. 46], *Nambús* [Carv.° p. 376 e Descr. cur. pag. 42] são bem conhecidas.

103 — CAPITULO LXXXIII. — Propõe-se Soares tratar de diversas especies de papagaios [*Psittacus*]. — Deve saber-se preliminarmente que o nome geral indigena é *Jerú* [Dicc. Bras. pag. 58]; e por tanto este é o radical para uma parte do genero: a especie qualifica-se por um adjectivo. A primeira especie, de que neste logar se tracta, julgamos ser o *Psittacus festivus*: deve pois ser o papagaio grande ou *Jerú-assú* ou *Jurú-assú* como diz Figueiredo (73) e por

ab

---

(73) O D. Caetano de Brito de Figueiredo na Dissertação que escreveo á cerca da Ornithologia Brasilica, a qual é a setima do Codice 366 dos MSS. da livraria do extincto convento de Alcobaça, e vem a fol. 53 do mesmo codice, que se acha ordenado como outros mais da mesma Livraria na *Bibliotheca Publica* de Lisboa; conservando a mesma numeração indicada no *Index Codicum Bibliothecæ Alcobatiæ*, impresso em Lisboa em 1775. — Este Codice

isso Soares dissera mais depressa *Ageruaçú* e não *Agervaçu*. O *Agcruetecú* (que o mesmo Doutor Figueiredo escreve *Ajurucu*) cremos ser o *P. æstivus*. Abaixo vem *Marcão;* o que deve ser erro por *Marcaná* como diz Gandavo (cap. 7.°) Lery escreveo em francez *Marganas*, e por isso deve ler-se accentuado; Carvalho escreve (pag. 350) *Maracaná*, é o *P. macaruanna*. Vejam-se Marcgraf (pag. 207); Jonston, *Avi*, pag. 142; Willugby, Ornithol. pag. 74; Buffon, Tom. 7.° pag. 156; Brisson, Ornithol. Tom. 4.° pag. 202. Laet escreve *Tuim*, e Piso *Tuy*.

104 — CAPITULO LXXXIV. — Não falando nos varios nomes que nos não soam como indigenas exceptuando o *Jaburú* (*Ciconia Mycteria*, Tem.) não podemos passar em claro um nome reconhecidamente adulterado, que vem antes do *Matuí-mirim*, e se diz *Matuimasce* devendo ser *Matuim-uçú*, i. é. *Matuim grande*, quando aquelle é *Matuim pequeno*. —

105 — CAPITULO LXXXV. — *Vebus* é erro por *Urubús* (*Cathartes Urubu*, Vieill.), como se lê adiante no Capitulo CIX, e igualmente na *Desc. Cur.* pag. 41. *Uraoacu* devera ler-se *Uráçú* ou *Guiráoçu* como diz Velloso (74). Parece

---

n.° 366, bem como os numeros 365, 367 e 368 de que trata o mesmo index desde pag. 164 até 167, contém disertações recheadas de erudições pouco proveitosas, que foram recitadas em 1724 e 1725 na *Academia Brasilica dos Esquecidos*, creada na Bahia naquelle anno sob a protecção de Vasco Fernandes Cezar de Menezes, que então vice-reinava. Estes MSS. eram do espolio do P. Mestre Fr. João Cezar, e foram depositados na Livraria por mandado do Prior do Mosteiro Fr. Bernardo do Amaral em 1761.

(74) Veja-se o *Aviario Brasilico ou Galleria Ornithologica das Aves do Brasil*, etc. por José Mariano da Conceição Velloso; Lisboa, na Off. do Arco do Cego, em 1800: pag. 4.

uma especie do *Falco Milvius.* O *Carácará* é o *Falco Brasiliensis.* — A *Oacaoam* será talvez a *Caumhám*, que descreve Lisboa (pag. 49) e igualmente o A. das *Viagens de Silverio Diniz* impressas em 1815, o qual escreve (pag. 73) *Cauán.* Termina com a *Urubú-tinga;* porêm deve ler-se *gallipavo* onde diz *galiopavo* [*num.* 61].

106 — CAPITULO LXXXVI. — O A. querendo tratar do unico genero pertencente á familia das aves nocturnas *Stix*, *Otus*, *etc.* julgou a proposito meter nesta conta, como era de esperar do tempo em que escreveu, um mammifero — o morcego (*Vespertilio*).

107 — CAPITULO LXXXVII. — Logo ao principio, quando parece que trata do *Oriolus persicus* lê se *Jiouba*, que se diz mais vulgarmente *Jrouva.* —

Trata-se depois do *Sabiá-tinga* (*Lanus cayanus*) e dos *Tijepiranga* (*Tanagra Brasilia*), segundo escreve Piso (pag. 94). — Segue-se *Gayrambo* que infallivelmente quer designar o *Gainumbi*; segundo escreve Anchieta (Tom. 1.° das Mem. do Ultr pag. 156 e 176), ou segundo Carvalho [pag. 268] *Goanhambig.* — Vem depois outros nomes menos conhecidos e quanto a nós tão adulterados, excepto o *Tupiana*, que não será facil tentativa de acertar com os verdadeiros, e ordena-los systematicamente.

108 — CAPITULO LXXXIX. — *Nenappüe* é conhecido erro por *Nhapupé* ou *Enhapopé*, segundo dizem Rocha Pitta (pag. 40) e Durão (C. 7. E. 61). *Taracurá* tambem é corrupção de *Saracura*, segundo escreve a Desc. Cur. (pag. 16 e 47) e Figueiredo (fol. 59). Leia-se *Anmú* ou *Annúm* segundo Figueiredo, que a Desc. Cur. (p.

46) escreve *Anúm*, e assim vem no Dicc. de Moraes. — Do *Magoarí* trata Carvalho (pag. 341). —

A Statistica do Maranhão fala de certa *Aracoam*. O *Sabiá-una* é conhecido. Outro tanto não diremos dos nomes, que se seguem. E' sabido que a Classe dos passaros, com quanto seja muito circumscripta, preciza para estabelecer divisões, caracterizar as ordens, dispor as familias, arranjar os generos etc. de recorrer ás minimas differenças da fórma do bico, da sua estructura, dos pés e unhas, á conformação e *envergamento* das azas etc., circumstancias a que não se attendia no tempo, em que os unicos ornithologos eram Bellon, Gesner e Aldrovandi, e mal imaginaría Soares que seria preciso algum dia aproveitar miunças para concertar a sua obra, que o lapso de quasi dois seculos e meio arruinára. —

109 — CAPITULO XC. — Passemos com o author, nos quatro seguintes capitulos, a discorrer á cerca da *Entomologia*, o que adiante se continúa. Em vez de *tacura*, lemos no Dicc. Bras. [pag. 42] que gafanhoto se diz *Tucúra*; e tambem lemos [pag. 18] que borboleta se diz *Panamá*.

110 — CAPITULO XCI. — Trata-se de varias especies de abelhas; porêm os nomes, se bem que nos não parecem adulterados, são differentes dos apontados por Spix e Martius (pag. 542) Aug. de S. Hilaire (T. 2.° pag. 373), e Vicente Coelho de Seabra na Memoria, que vem no T. 2.° (pag. 100) das Historicas da Academia. — Só da *Taturama* fala Piso (pag. 289) e da *Copueroçú* Piso (pag. 287) e Carvalho (pag. 351). —

111 — CAPITULO XCII. — Cunha Matos (75) escreve *mutuca* e não *mutiqua*.

112 — CAPITULO XCIII. — Devia ter-se lido naturalmente *Jetinga* (Piso pag. 289) ou *Yetin* (Lery, 183) e não *nitinga*. Em vez de *Margões* deve ler-se *Margoés*, pois Carvalho (pag. 351) escreve *Marigué*; ou *Margois*, porquanto Moraes diz *Maruî* ou *Marigué*, e deste ultimo modo escrevem tambem Anchieta (§. 33) e Piso [pag. 288]. Do *Piúm* não se esquece a Statistica do Maranhão [pag. 61]. Em vez de *inhatuim* e *nhabruasu*, podia ser que estivesse escripto *Nhatium* e *Nhatiû-açú*, segundo vemos de Piso [pag 288].

113 — CAPITULO XCIV. — Seguem-se quinze capitulos á cerca dos *Mammiferos*, alem do cxxv em que mais adiante se trata da balea (*Balœna*), que Soares, como era natural, classificou entre os peixes. — O capitulo que ora nos occupa tem por objecto tratar do pachyderme *anta* (*Tapir Americanus*), que os indigenas chamam *Tapira*, ou como escreve Thevet *Tapihire*, ou finalmente segundo o Dicc. Bras. [pag. 12] *Tapyîra*, a qual descreve Buffon [T. 11 pag. 444 da Ediç. de 4.° grande]. Deve pois ler-se no impresso *Tapir-uçú*, onde diz *taparuçu*. Lery escrevia para ser lido em francez *Tapiroussou*.

114 — CAPITULO XCV. — Começa deste modo no impresso: « Tem para si os portuguezes,

---

(75) *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Provincias de Minas Geraes* e *Goiaz*, pelo (recentemente (*) fallecido) marechal do Imperio *Raimundo José da Cunha Mattos*. Rio de Janeiro 1836; Tom. 1.° pag. 46.

(*) Morreu a 23 de Fevereiro de 1839; vem a sua necrologia no *Despertador* n. 273 de 28 do mesmo mez.

» que o *jaguarete* he onde, e outros dizem, que he tigre, » etc.

Facil é de conceber que se quer referir do *Jaguar-eté* ou *Yaguar-eté* [Neuw. Tom. 1.° pag. 173], (o qual julgamos (76) ser o *Felis discolor* de Lin.), a mesma idea que conta Gandavo no Cap. 6.°: i. é. que uns o reputavam *tigre* e outros *onça;* porêm algum copista converteu esta ultima palavra no adverbio *onde*. Venha mais este erro para convencer algum incredulo, que quizesse preferir ao verdadeiro méras considerações de respeito a um MS. estropeado por copistas. —

115 — CAPITULO XCVI. — *Jagoaroçu* quer dizer o *Jaguar-oçú* (Laet pag. 553), que parece a *Felis onça*. Onde diz » *nos d'estes* » devera ter-se lido « *nos dentes* » = o que é evidente. Ao *Jaguar-cangoçú* chama Lisboa (pag. 49) e Moraes (Dicc.) simplesmente *Cangoçú* e Cazal (1, 66) escreve *Cangoçú* (*Felis campestris* de Neuw. ?). Segue-se « outra alimaria, a que (diz o impresso) o gentio chama *sua*, *sucrana*, que é do tamanho de um rafeiro, » etc.

Ora este nome em grifo adulterinamente cortado por uma virgula quer dizer o que Lisboa (pag. 49) escreve *Susuarana*, Rocha Pitta (pag. 39) *Suçuarana*, e Ayres de Cazal (T. 1.° pag. 66) *Suçuaranna:* i. é. o *Couguar* de Buffon (T. 9.° pag. 216) ou *Felis Concolor* de Lin.

116 — CAPITULO XCVII. — Que *Çuaçú* quer significar veado o diz o Dicc. Bras. (pag. 78) e o

(76) Fundados na obra de J. C. Daniel Schreber = *Die Säugthiere* = impressa em Erlangen em 1775 4.° vol. fig. — o que confirma Brotero na Tradução de Blanchard por Mattheus José da Costa. Lisboa; 1817 Tom. 3.° pag. 366. —

confirma S. Hilaire (T. 3.° das suas viagens ou 1.° imp. em 1833 pag. 226), e designa em especial o *campeiro* (*Cervus longyccaudatus*, Spix.). Segue-se o veado *Caatinqueiro* (*Cervus simplicornis* Ill.) e finalmente do *mateiro* (*Cervus rufus* de Ill. ou *tenuicornis* de Spix). A estes ultimos chama o Dicc. Bras. (pag. 78) *Çuaçuapára*; e por estar errada deve emendar-se a palavra *juagupara*: e na linha que precede tambem é erro dizer *as quaes* em vez de *os quaes*. O A. não se está referindo ás femeas, mas aos veados: o que se vê por dizer outra vez antes e depois *os quaes*, e ainda pelo proprio nome *Suaçupára*, que compete ao veado de que se trata, e não ás corças. — 117 — CAPITULO XCVIII — Leia-se accentuado *Tamandoá* (*Myrmecophaga Tamandua*, Cuv.). O *Coaty* ou *Quaty*, que Lisboa (pag. 54) escreve *Quatí* é o *Ursus nasua* de Cuvier ou *Viverra nasua* de Linneo. Costuma-se dizer *Maracayá* (Cor. Bras. I, 63) ou *Maracaiá* (Desc. Cur. pag. 50) e não *Maracaja*: é o *Felis tigrina*, ou *Jaguaráticica* de Mato Grosso. Arremata-se o capitulo com uma noticia do *Didelphis marsupialis* de Linneo; porêm chama-se-lhe *Semgoi*: ainda que seja este nome de orthographia mui variada, com tudo esta apresenta um som muito arredado, e por isso parece adulteração. — Rocha Pitta (pag. 39) e o Caramurú (C. 7.° Est. 59) dizem *Sarehués*: a Corographia Brasilica escreve (T. 1.° pag. 69) *Saróhé*; Anchieta (§. 24 e N. 46) *Sariguéa*, Carvalho (pag. 514) *Sarigué* (A. Pop. T. 2.° pag. 20); outros dizem *Serigué*. Alguns lhe chamam *Gambás*. Pode ver-se na rica obra de Alb. Seba (T. 1.° Tab. 38), e Cuvier (Edic. de 1817, pag. 172). — 118 — CAPITULO XCIX. — *Jaguarecaqua* quer

designar o *Mephitis fœda*, Ill., que Cazal (1, 64) chama *Jaraticaca*, e Lisboa (pag. 54) *Geriticáca*, e outro escriptor moderno *Jeritacaca* ou *Maritacaca*. Alguns lhe chamam *Cangambá*: deve entender-se que na quinta linha o A. está-se referindo ao animal, e por isso se deve ler: « o qual é tão estranho e fedorento etc. » — e não « a qual etc. »

119. — CAPITULO C. — Ainda que os naturalistas chamem *Tajassu* aos *Dicotyles labiatus*, Cuv. com tudo, o verdadeiro nome é *Taiassú* (Jor. de Coimb. n. 60 pag. 385 e n. 81 P. 2.ª pag. 85), que Lery escreveu (pag. 155) *Taiassou*: Vandelli (Mem. Econ. T. 1.º pag. 190) diz *Tajacú* Piso pag. 98. escreve *Taiaçú* — Laet traz (pag. 551) *Tayasutirica* e não *Tajasutiraqua*, e Abbville (77) *Tayassou-eté* e não *Tajasuetu*.

120 — CAPITULO CI. — *Capinaras* é erro por *Capivuáras*, como escreve Lisboa (pag. 53) e o Caramurú (C. 7. E. 59) ou *Capyũára*, segundo Anchieta (§. 10). Outros, taes como Cazal (1, 62), escrevem *Capibára*, que Piso (pag. 99), e Vandelli (T. 1.º das Mem. Ec. pag. 190) escrevem *Capybara*, e Carvalho no seu Diccionario (pag. 129) *Capigoara*; Aug. de S. Hilaire diz (Hist. des plantes etc. 1824 pag. LVII da Int. not. 1.) *Capivara* ou *Capibára*. E' o *Cavia Capibara* de Linneo (78). Veja-se Cuv. T. 1.º pag. 213.

A' lontra (*Mustela Lutra Brasiliensis*) chama

---

(77) *Histoire de la Mission des PP. Capucins en l' Isle de Maragnon*, *par Claude d'Abbeville*, Paris; 1614.

(78) Pode ver-se a *Spicilegia Zoologica* de P. Sim. Pallas, Fasc. XIV. 1780 Tab. 1.ª —

Laet (Liv. 15 cap. 14) *Jaguapopeba*, que no impresso vem *jagoapapeba*, e o Dicc. Bras. [pag. 49] dá *Jagoacacáca* Seguem-se dois bichos, dos quaes o primeiro é o chamado *Cachorro do mato*, e o outro, que escreve *uyuia*, é o *Irára* ou *Cão do mato*.

121 — CAPITULO CII. — *Jatuasu* é outro erro incomportavel, e da natureza dos já mencionados; queria dizer-se *Tatú-assú*. *Tatos* tambem é erro por *Tatús*. *Tatuapcha* quer dizer *Tatúpeba*. São diversas especies do *Dasypus*, e este ultimo é o *D. peba* (Pan. n. 73) ou *D. gilvipes* de Ill. —

122 — CAPITULO CIII. — Tendo havido n'outras palavras tanta mingoa d'accentos, vieram estes a prodigalizar-se onde eram nocivos á boa pronuncia — *Paquás* é erro por *Páquas* ou *Pácas* como diz a Descr. Cur. (pag. 54), que é animal mui conhecido: é o *Cavia Paca* de Lin. e Pall. ou *Cœlogenus fulvus* de Cuv.; ainda que esta não tem grande cabo, como diz o A. —

A *Cotia* vem a ser a *Dasyprocta Aguti*, Ilig; ou *Dasyprocta Azaræ*, Licht. ou *Cavia Aguti*, Lin. e Pall. Na linha oitava da pag. 225 parece que se deve ler *laços* onde diz *lanços*.

123 — CAPITULO CIV. — *Giguo* ou *Gico* é o *Callitrix Gigot* de Spix. — Na linha nona ha um [;] de mais, que devera estar na antecedente, para não alterar o sentido. Da *Guariba* [*Mycetes Ursinus* de Humboldt] tratam Rocha Pitta (pag. 29), Durão (C. 7. E. 39), Cazal (1, 65) e Balthasar Telles que escreve (P. 2.ª Liv. 5.º cap. 12 pag. 307) *Guarigba*. O Saguim é o *Simia jacchus* ou *Callitrix Sciurea* de Cuv. Quanto ao nome, que significa *bogio-diabo*, bom será advertir que ao diabo (como dissemos no *num.* 95) chamam

elles *anhangá* e por tanto a palavra escrita *Caïeunhanga* deve terminar nas syllabas *anhangá*.

124 — CAPITULO CV. — Chama-se *Savia* o que n'outras partes dizem *Mocura*, segundo declara o Dr. Alexandre em um dos volumes das suas obras, que pertencem á Academia. Deve segundo Lisboa (pag. 53) pronunciar-se *Apercá* (*Cavia Aperca* de Lin.) e segundo outros (Pitta pag. 40, Durão 7, 59) *Periá*, que Cazal (1, 68) escreve *Prehá*. O radical dos dois nomes seguintes deve naturalmente ser o mesmo *Savia*. Em logar de *Tapotim* diz Abbeville *Tapity*, Laet (pag. 553) *Tapati;* Piso (pag. 102) e Vandelli (Mem. Econ. Tom. 1.° pag. 190) *Tapeti;* é a *Lepus brasiliensis* de Linneo. O marsupial, de que em seguida se trata, vem a ser o *Didelphis Cayopollin*, *Did. Philander*, ou *Did. Dorsigera*, de Lin., do qual trata Cuvier Tom. 1.° pag. 174. Quanto ao nome que os indios dão aos ratos diz o Dicc. Bras. (pag. 66) ser *Goabyru*.

125 — CAPITULO CVI. — Nova troca fatal das letras *S.* e *J*: leu-se *Sabuty* por *Jabuty;* nome que até para mais está adoptado pelos naturalistas europeos, que designam a especie por *Testudo Jabuti*. Os compostos que se seguem confirmam a realidade de erro no radical. —

126 — CAPITULO CVII. — Trata-se da *Priguiça do Brasil (Bradypus)*. *Aly* é corrupção de *Ahy*, onomatopeia que representa os gritos do animal. Buffon (T. 13 pag. 60) escreve *Ai;* e assim vem no Pan. (Vol. 1.° pag. 86), Anchietá (§. 23) *Aiq*, Lery (pag. 165) *Hay*; Piso (pag. 322) *Ai*, e Lisboa (pag. 55) *Ay*.

127 — CAPITULO CVIII. — *Coanduque* é o *Coandú* (*Histrix prehensilis* de Lin.) ou *Quan-*

dú (Cor. Bras. II, 223); e o *Cuim* de que se não esquece Moraes é uma subespecie deste (Varied. γ Ed. de Gmelin). Termina o capitulo na *Histrix insidiosa*, Licht.

128 — CAPITULO CX. — Passando a dedicar-nos á Herpetologia sabemos que se deve lêr *Sucuriú (Boa murina)*, e não *Sucuriju*; e igualmente *Boyuna* (Laet pag. 554) e não Bojuna. Piso (pag. 282) e Nieuhof (79) tratam da *Tareiboya*.

129 — CAPITUO CXI. — *Gereraça* é erro por *Gereraca*, como escreve Lisboa (pag. 56); e Mello (pag. 37 vej. *not.* 51) e Anchietta (§. 13) *Jararáca*: é a *Vipera atrox* bem conhecida. Piso (pag. 278), Laet (pag. 555), Anchieta [§. 15] e Lacépède escrevem *Ibiboboca* e não *Ububoca* para designar a *Coluber Ibiboboca*, Encycl. Oph. pag. 25, *Coluber Corais*. Daud. —

130 — CAPITULO CXII. — *Boifininga* deve ler-se [Laet pag. 555; Piso pag. 274; Pharm. Tubal. pag. 170; Anchieta pag. 145 e 171] *Boycininga*, que é a *Boiquira* [*Crotalus horridus*, L.], ou *Caudisona terrifica* de Laur. = Vej. Encycl. Serp. P. I est. 2. f. 3; e Gmel. Syst. Nat. XIII. Part. 3.ª, 1080. —

Uboiara hade ser a que Fernam Guerreiro [Relaç. do Brasil de 1603 Liv. 4.° Cap. 3.° fol. 113] diz *Ebijare*; e no *Tratado de Pero de Magalhães* se lê *Hebijare*: é a *Cæcilia tentaculata* Lin. Gmel. Syst. Nat. XIII. Part. 2.ª; 1124;

---

(79) *Johan Nieuhofs*, *Gedenkweerdige Brasiliænse Zee-en Lant-reizen; behelzende alhet geen op dezelve is voogevallen beneffens Een bondige beschvijving van gantsch Neerlants Brasil etc.; t'Amsterdam voor de Weduwe van Jacob van Meurs*, 1682 pag. 24. Esta Obra de 240 paginas contém noticias interessantes a respeito das guerras com os Hollandezes no Brasil, etc. —

Lac. Serp. f. 2. do T. 21; Encyc. Serp. Est. 34 f. 1; *Cæcilia Ibiara*, Daud., Buff., Rept. — Segue-se no terminar o Capitulo o nome *Boitiapoias* para designar a cobra que Piso (pag. 279) e o author da *Relação da Não S. Pedro e S. João* (Lisboa 1743; pag. 14) dizem *Boitiapó*; porêm no titulo traz o impresso irregular e erradamente *boiopoitia*.

131 — CAPITULO CXIII. — Do *Surúcucú*, *Trigonocephalus Alecto* Cuv., e *Bothrops Surucucu* de Spix (Serp. T. 23) tratam Piso (pag. 175), Pitta (pag. 39), Lago (pag. 61) e outros. Mello (pag. 37; vej. *not.* 51) diz *Caninana* em vez de *Caninão*. A Pharm. Tub. (pag. 167), Bluteau (Voc.), Nieuhof (pag. 24), a *Relação* citada (pag. 13) e Piso (pag. 278) escrevem *Bojobi* ou *Boiobi*, e ninguem *Bojubu*. Este ultimo (pag. 276) fala da *Ibiracoa*, e igualmente Laet (pag. 555); que antecedentemente (pag. 554) tem tratado da *Giraupiagara*, a qual vem designada pelo nosso A. por *Urapiagára* —

132 — CAPITULO CXIV. — Descreve-se o *Crocodilus Sclerops*, Schn.; o *Tupinambis monitor*, L., *Lacerta Tequixin*, Shaw, *Chamælion*, *etc.*

133 — CAPITULO CXV. — Rã em guaranì diz-se *Iuí* ou *Yuí* (Dicc. Bras. pag. 66), e por tanto concluimos que os nomes das diversas especies estão erradamente neste capitulo começados por *ini*, devendo ser por *iui* — ou *yui* —.

134 — CAPITULO CXVI. — Em vez de *Imbua* diz Piso (pag. 287) *Ambuá*.

135 — CAPITULO CXVII. — *Mamoas* lê-se em Piso (pag. 291) *Memoás*.

136 — CAPITULO CXXIII. — *Copi* quer dizer o *Cupim* (*Termes fatale* de Lin.; Cuv. 3,443).

137 — CAPITULO CXXIV. — O primeiro insecto é o *Pulex penetrans*, Lin., e o segundo o *Pulex irritans*, ou *bicho do pé* do Brasil e *chique* das colonias francezas. O impresso chama ao primeiro *tungasu* e o segundo *jumga*: ha pois erro; porquanto aquelle nome devera ser o composto deste correcto, com o adjectivo *assú*. Piso diz *Tunga* [pag. 289]; e por isso *jumga* é visivel adulteração — Lery e Abbeville dizem *Ton*. —

138 — CAPITULO CXXVI. — Passando á Ichtyologia advertiremos de passagem que peixe se diz [Dicc. Bras. pag. 60] *Pyra*, e por isso ha varios nomes, que começam por estas duas syllabas.

139 — CAPITULO CXXVIII. — Antonio de Almeida, na sua traducção do *Compendio de Zoologia* de Cuvier [Tom. 1.° pag. 381] diz *Araguaguá* ao *Squalus pristis* ou *Squale Scie* de Lacépède, que Soares escreve *Aragoagoay*. Seguem-se especies de *Squalus*.

140 — CAPITULO CXXIX. — *Goarágoá* é o *Manatim (Trichechus manatus* L.*)*, *Peixe mulher* d'Angola ou *Peixe Boi* do Brasil.

141 — CAPITULO CXXX. — Do *Beijupira* tratam Laet [pag. 570] e Rocha Pitta [pag. 42]: Bory conjectura pertencer ao *Centronotus* de Schneider. *Camoropi* é o que Gandavo escreve (cap. 8.°) *Camboropim*; Lago (pag. 62 *Camaropim*, o Pitta (pag. 42) *Camoropim*, e Laet *Camurupi*.

142 — CAPITULO CXXXI. — O *Peixe Méro* vem a ser o *Perca Gigas* de Lin. — Não encontramos em author algum, que chamem *Genaa* ás *Pescadas bicudas*, ou por ventura *Julianas* dos nossos pescadores (*Gasterosteus Spinachia?* Lin.) *Tuarapicu* é o que Piso (pag. 59) diz *Guarápucú*, do qual trata Cuvier T. 2.° pag. 313.

Carco cremos deve ler-se *Carpe* (*Cyprinus Carpio* Lin); e *lango* deve ser erro por *largo*.

143 — CAPITULO CXXXII. — Leia-se *Panapaná*: é o *Papaná* de Piso (pag. 50), ou *peixe-martello*, segundo Brotero na traducção da obra de Cuvier de Antonio d'Almeida, aliás *Squalus Zygæna*, Cuvier. — Piso (pag. 49) diz *Cuçuri* e não *Socori*, ainda que bem podera ter lhe aqui escapado a cedilha, como acontece n'outros logares. — Tambem escreve (pag. 63) *Curui* e não *Guris* e (pag. 65) *Urutús* por *Virutus*. No Dicc. Bras. (pag. 66) se chama ás raias *Jabybyʼra*, o que combina com o *Jabubira* do A. —

144 — CAPITULO CXXXIII — *Albocora* é erro por *Albacora* ou *Alvacora* (Cuv. T 2.° pag. 13). Depois de falar das *garoupas* (*Trigla Hirundo*, Lin) e *Camurís* (Piso pag. 74), vem as *Abróteas* (*Gadus Lota* Lin.) e *Ubaranas* (Rocha Pitta pag. 42), que Carvalho (pag. 593) escreve *Vubarana*; segue-se a que Piso (pag. 56) diz *Guaibi-coára*, cuja synonymia desconhecemos. *Timoem* é erro por *Timocú*, segundo Marcgraf (Ed. de 1648 pag. 168); Piso (1658 pag. 62); Jo. Jonston Tom. 4 ° *Hist. Nat.* (Rothomgi: 1767; Tab. 37 pag. 203) e se declara tambem na *Memoria*, que vem no fim do Tom. V. da *Hist. e Mem. da Acad.* Este *Timocú* ou *peixe-agulha* não é pois como julga Bory a *Fistularia tabacaria*, senão o *Esox Brasiliensis*.

Termina o capitulo com as tartarugas, a que chama *griscoas*. No Dicc. Bras. (pag. 74) chama-se-lhe *Jurará*, o que confirmamos n'outra parte (81). Piso diz (pag. 105) *Jurucuá*.

---

(81) No *Specimen Linguæ Brasiliæ vulgaris*, que vem no Jornal de Murr; Part. 6. Nurenberg, 1778. —

145 — CAPITULO CXXXIV. — Das *Paratís* trata Piso (pag. 70 e 71). Leia-se *Puçás* onde diz *pusas*. Piso (pag. 55) dá outro nome ao *Zeus faber* de Lin. ou *Zéeforgeron* de Lac. Onde diz *Coirisma* deve ler-se segundo Piso (pag. 70 e 71) e Durão (C. 7. E. 68) *Curemá* ou *Corimá*. Pitta (pag 42) e Piso (pag. 69) tratam da *Carápeba*, que parece-nos ser a *Sciœna punctata*.

146 — CAPITULO CXXXVI. — No titulo fala-se em *natu*, e não sabemos o que quer dizer pois de tal se não trata no texto. — Descreve-se os *Pleuronectes* e *Octopus* de Cuvier, e deve ler-se com Piso (pag. 72) accentuado *Aimurés*. Ao que chama *Baiaqu*, e a que talvez se referissem as duas syllabas do titulo, dá ideas de ser uma especie de *Tamboril* (*Lophius*), *Enxarroco maior* de Brotero, e que se vê na Ichtyologia de Bloch (Berlim, 1796 Est. 111). — O seguinte que diz parecer *ouriço-cacheiro* hade ser alguma das especies do *Diodon*, a que os nossos chamam *Galhudo* (*Histrix piscis* de Clus.?) e que vem configurado na obra de Bloch Est. 126 e 127 e na trad. de A. Seba T 3.º Tab. XXIII. pag. 58 fol. An. de 1761, e tambem na de Franc. Willugby (*De historia piscium libri* IV. Oxonii 1686. Tab. J. n. 6 e 7). —

Em vez de Bacupua diz Piso (pag. 54) *Pacamó*; e podia Soares ter escripto *Bacamó*.

147 — CAPITULO CXXXVII. — *Ruivaças* deve ler-se *Ruivacas* (*Cyprinus auratus*, Lin.). —

148 — CAPITULO CXXXVIII. — Escreve-se separado *potique quia*, como se fossem dois nomes; Piso (pag. 77) escreve *Potiquiquiya*. O que se lê *usas* deve ser *Uçá* (Dicc. Bras. pag. 22), ou *Uçá* (Piso pag. 76) ou *Ussá* (Pitta pag. 47):

é o *Cancer Uca*, Lin. ou *Ocypode fossor*, Latr.: *Hist. Nat. dos Crustaceos e Insectos.*

149 — CAPITULO CXXXIX. — Ao *Serí* [*Cancer menas*, Lin] chama Piso [pag. 76] *Ciri*, e Pitta escreve [pag. 47] *Serí*, e ha quem pronuncie *Xarí*. Piso escreve [pag. 75] *Guáia*, e o nosso A. *Guoaia*. Do *Aratú* [*Grapsus pictus*] tratam Piso, Laet. [pag. 574] e Rocha Pitta [pag. 47] — *Goaiacera* hade ser talvez o *Guaiapará* de Piso [pag. 75]; — e *Guoaracusa* o *Garáusas* de Pitta [pag. 47]. —

150 — CAPITULO CXL. — Começa-se deste modo: « As mais fermozas ostras, que se crião na Bahia são as do Brazil, e infinidade dellas, como se vê na Bahia, etc. » e declaramos que não entendemos isto, que fica para melhor interprete. O significado da palavra ostra [*Ostrea*] procura-se em vão no *Diccionio Brasiliano;* com tudo sabemos que é *Lerí*, e com este radical deduzimos que os nomes escriptos *keriuasu*, *kerimirim*, e *laripegas* [e n'outros logares *leripebas*] deviam ler-se melhor *Lerí-assú*, *Lerí-mirim* e *Lerí-peba;* o que quer dizer ostra *grande*, *pequena*, e *espalmada:* estas ultimas escreve Pitta (§. 77) *Eriripeba*. Tambem ignoramos o que sejam as « *salmoninas* da feição de *vieiras* » porquanto desconhecemos estes dois vocabulos: pelo que toca ao primeiro cumpre-nos advertir, que as ostras do Barreiro são chamadas *Carcanholas*.

151 — CAPITULO CXLI. — Vamos aos testaceos. Pitta (pag. 47) escreve *Sernambis* e o Jorn. de Coimbra n. 87 (pag. 93) *Cernambi*. O Dicc. Bras. dá por significado de mexilhão (pag. 52) *Çururú*.

152 — CAPITULO CXLII. — Buzio diz-se

Oatapú e isto faz descortinar irregularidade nos primeiros tres nomes; seguindo-se talvez o que Pitta chama *Periquaris*.

153 — CAPITULO CXLIV. — Carvalho (pag. 549) diz *Tarreiras* e não *Tareiras*. (Cuv. T. 2.° pag. 179) — Custa-nos a crer que *Inguia* seja o nome que dão os indios aos safios, e não fosse antes isto obra de algum copista ignorante. No Jornal de Coimbra (n. 60 pag. 386) lemos *Tamuatás*. A celebre *Piranha* é o *Myletes macropomus* de Cuvier. — Por *Oaqueri* diz Piso (pag. 72) *Guacari*. *Pachis* é erro em vez de *Pachoẽs*, bem conhecidos nas costas de Portugal. Piso diz (pag. 67) *Maturaqué* em vez de *Maturagoi*, lê accentuado *Acará*; e a paginas 76 lemos *Guarúguarú* e isto poderá ser o nome, que impresso quer designar por *guuara guarara* dado ás *ruivacas* (*Cyprinus auratus*, Lin.), ás quaes erradamente aqui se chama *ruibacos*.

154 — CAPITULO CXLV. — No Diccionario Brasiliano (pag. 22) se diz chamar-se aos Camarões *Poty*.

155 — CAPITULO CXLVI. — *Goachamoi* é erro por *Guayamú*, como vem no Dicc. de Moraes, ou *Ganhamús* segundo Pitta (§. 77).

156 — CAPITULO CLXIV. — Na primeira linha da pag. 292 lemos = *intes* = que julgamos ser erro proveniente do breve = in.tes = de *innocentes*; e quem melhor entender, que nos contrarie. — Leia-se conforme dissemos no *num*. 81 *Petume* em vez de *Patem*.

157. — CAPITULO CLXV. — *Cimbaiba* é erro por *Ambaíba* (*Cecropia peltata*), que nomeamos no nosso *num*. 79 (pag. 44) —

158 — CAPITULO CLXXI. — *Mazaraca* é

claro erro por *Muçurana*, como se diz nò capitulo CLIX. e se comprova com o exemplar da Bib. R. de Paris que leu Denis (*Brésil*, pag. 28).

159. Dispensamos-nos de fazer menção de erros de menor gravidade; não deixará porêm de utilizar o apresentar os varios nomes de uma das principaes nações de indigenas brasís, tratados por Soares, e sobre que não tocámos em logar competente (pag. 15), onde seguindo a etymologia escrevemos *Potiuaras*. Soares escreve *Petiguares*, o que tambem fazem Fr. Rafael de Jesus (*Cast. Lus.* pag. 288); Fernão Guerreiro (fol. 114 ỳ. e 115); e Fr. Manuel Calado (82). O P. Vieira [Carta 2.ª pag. 22 do Tom. 2.°] escreve *Poquigára*, e Jaboatão *Potygoar*.

160. Remataremos declarando reconhecermos quanto o nosso trabalho dista do que desejaramos apresentar, e que presaremos quaesquer considerações tendentes a corrigir, aprimorar, refundir, e até refutar as nossas — por ventura prematuras *Reflexões Criticas*.

---

(82) *O Valeroso Lucideno*; Lisboa; 1648 pag. 310.

OBSERVAÇÕES.

OBSERVAÇÃO [A].

Pag. 2.ª lin. 7 e seg. — Para que melhor se conheça que o nosso juizo não é encarecido, pedimos se nos tolere resenhar neste logar os escriptos á cerca do Brasil daquelle seculo, dispensando-nos d'alguns, que mui de leve, e só por incidente, delle falaram nas suas obras.

E sem poder avançar juizos a respeito dos MSS. de Diogo de Castro, Barros, Manuel de Faria, Nicolao de Oliveira, Manuel de Moraes, Francisco da Cunha, Pedro Nunes, Christovam de Gouvea; nem dos Mappas Geograficos de Vasco Gallego, João de Lisboa (*a*), Diogo Leite, Belchior de Carvalho, Pero de Goes, Gonçalo Coelho, Diogo Garcia, e Gonçalo da Costa; e dos cosmografos Bartholomeu Velho e Luiz Teixeira, que nunca vimos e só (por ora) temos noticia, e sem metermos em conta as cartas avulsas dos Jesuitas Antonio Pires, Diogo Jacome, Pedro Correa, e Leonardo Nunes, e dos Rodrigues (Antonio, Manuel, Pedro e Vicente), e das noticias publicadas por Amador Rebello, eis os escriptos d'aquelle tempo tocantes ao Brasil:

1.º A Carta de Pero Vaz Caminha, escrip-

(*a*) Da relação de João de Lisboa, piloto Portuguez, que chegou até ao Rio da Prata faz menção Herrera Decad. 2.ª Lib. 9.º cap. 8.º

ta a ElRei D. Manuel da Terra de Vera-Cruz em data de 1 de Maio de 1500, cuja authenticidade não podemos contestar, pois vimos o seu original no Real Archivo, onde se conserva (*Gaveta* 8.ª *Maço* 2.° *N.°* 8). Foi pela primeira vez dada mui incorrectamente ao prelo em 1817 n'uma nota da *Corografia Brasilica.* A Academia a imprimio com mais alguma correcção no tomo 4.° desta collecção. —

A' Traducção Franceza que saío em certa obra em 1822 não é muito fiel. —

Esta Carta de curioso interesse veio esclarecer as particularidades desta expedição, na qual Barros com a fertilidade da sua imaginação poetizou á vontade. — Nem diga um erudito escriptor Francez que á vista de *um escrupuloso exame* não achou a Carta em contradicção com o que dizem Barros, Goes e Osorio; se fizer *ainda mais escrupuloso exame*, achará as contradicções de que fala o incançavel Cazal.

2.° A relação da viagem de Cabral, que foi publicada nas collecções de Ramusio e Gryneo — e traduzida no Tom. 2.° desta collecção.

3.° As Cartas d'Amerigo Vespucci publicadas pela primeira vez segundo se crê em 1504. — Estão traduzidas em Port. no T. 2.° destas Not. Ultr.

4.° *Diario*, que escreveu Pero Lopes de Souza, da navegação que fez, indo com seu irmão Martim Affonso ao Brasil, tendo partido a 3 de Dezembro de 1530, e voltado passados tres annos — M.S. E' dos escriptos mais curiosos deste genero, e quasi que desconhecido pela maior parte. Emprehendemos a sua publicação, e já está no prélo.

5.° O Discurso d'um francez de Dieppe sobre varias navegações que foi publicado em italiano na collecção de Ramusio, 19.ª do Vol. 3.° — O A. dá noticia primeiro da Terra Nova, e depois do Brasil, Guiné, etc. —

Fallando do Brasil descreve-o como pode; nota-se porêm nas suas expressões rancor contra os Portuguezes, convidando os seus para se irem fazer senhores daquelle paiz.

Parece ter sido escripta em 1535; por quanto diz — « Esta terra do Brasil foi haverá 35 annos descoberta algures pelos Portuguezes — pois outra parte foi descoberta por um natural de Honfleur chamado Denis de Honfleur de vinte annos a esta parte, e depois a tem frequentado navios Francezes. » —

6.° Carta de Gonsalo Fernandes Oviedo ao Cardeal Bembo, sobre a navegação do Amazonas datada de 20 de Janeiro de 1543, que foi impressa na Collecção de Ramusio.

7.° *Wahrhaftige Historie und Beschreibung eyner Landschaft der wilden, nacketen, grimmigen Menschenfresser Leuten in der neuen Welt America gelegen etc.* Esta relação do allemão Hans Staden, natural de Hesse, — um tanto pictoresca, foi publicada pela 1.ª vez em Marburg em 1557 (*b*), e veio depois a fazer parte da collecção de Bry, sobre o que se pode consultar a Dissertação, que Camus publicou em 1802.

8.° *Copie de quelques lettres sur la navigation*

(*b*) Neste mesmo anno de 1557 foi impressa em Evora a *Relaçum do que ho Adiantado da Frolida, dom Fernãdo de Souto passou em conquistar.* in 8.° ultimamente reimpressa pela Academia. — Saío em Inglez em 1563 — e foi traduzida para o Francez por M. D. G. Pariz 1685.

du chevalier de Villegaignon etc. Paris 1557. —

9.° *Discours de Nicolas Barré sur la navigation du chevalier de Villegaignon en Amérique* Paris 1558. —

10.° And. Thevet — *Les singularités de La France Antartique, autrement nomée Amérique etc.* Anvers 1558 in 8.°, Paris E. A. 4.°

Esta relação d'um frade arvorado em cosmografo não deixou de nos ser d'utilidade, ainda que se occupa mais a dar conta do gentilismo dos Indigenas (*c*).

11.° *Histoire des choses memorables advenus en la terre du Brésil, partie de l'Amérique Australe, sous le gouvernement de M. le chevalier de Villegaignon etc.* S. L. — 1561 — 12.° E' contra Villegaignon. —

12.° Summario das Armadas e guerras no Rio Parahiba M.S. de que temos noticia na nota 23 pag. 15 destas reflexões.

13.° Antonio Salema, *Tratado da Conquista do Cabo Frio* MS. Vej. Barboza; e Soares P. 1.ª cap. 55.

14.° Pero de Magalhães de Gandavo, *Historia da Provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil.* Lisboa 1576 — 4.° — Foi ultimamente traduzida para o Francez por H. Ternaux; e se esta obra não fôra das Portuguezas mais raras, della teriam utilizado os modernos que visitaram o Brasil. — A Academia annunciou a sua reimpressão. —

(*c*) E' notavel que a traducção italiana, que sahio em Veneza em 1584 em 4.° servisse ao *Abbade Barbosa* para inventar, que o seu author fôra André de Teive, Portuguez, do qual bem podia em vão procurar noticias.

15.° *Tratado da terra do Brasil.* E' um resumo do mesmo Gandavo, que foi ha pouco dado á luz pela Academia no seu 4.° Volume das *Noticias Ultramarinas.* —

16.° *Roteiro da Jornada de João Coelho de Sousa ao Rio de S. Francisco*, do qual dá noticia Gabriel Soares P. 1.ª cap. 20.

17.° Jean de Lery, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique;* A la Rochelle, 1578. =

E' a esta edição, de que ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa, que referimos as nossas citações ás paginas.

18.° *Relacion y derrotero del Viaje y descubrimiento del estrecho de la Madre de Dios, antes llamado de Magalcanes por Pedro Sarmiento de Gamboa — em* 1580.

19.° Gabriel Soares de Sousa, concluiu em 1587 a obra composta de duas partes, que foi impressa em 1825.

Ao seu estudo e exame consagrámos algum tempo, o que teve em resultado a presente Memoria. — Os leitores judiciosos que a estudarem conhecerão que é a melhor obra entre as existentes do Seculo 16 á cerca do Brasil. — « Esta preciosa chronica (diz Mr. Ferdinand Denis) contêm mais factos sobre as antigas nações do Brasil do que qualquer outra obra contemporanea. » —

20.° J. P. Maffei *Historiarum Indicarum Libri XVI.* Florentiæ 1588. — Ainda que pouco diz do Brasil, não deve ser esquecido em uma *Bibliotheca Americana.*

21.° Domingos d'Abreu de Brito — O MS. de que fallámos na nota 26 (pag. 17) destas Reflexões.

22.° *Libro Universal de derrotas, alturas, longetudes, e conhecenças de todas as navegações, etc.* ordenado por pilotos consummados nesta sciencia e virtudes de aproveitar em serviço de Deos, en lix.ª o 1.° de março de 1594. de Manoel Gaspar — 1 vol. 4, com estampas, que segundo uma noticia do Snr. Doutor Rivara existe até pag. 83 na Bibl. Publica Eborense. —

23.° José de Anchieta — Arte da grammatica da lingoa mais usada na Costa do Brasil — Coimbra 1595. — Este veneravel sacerdote, que havia partido para o Brasil em 1553 morreu em 1597. — Escreveu varias outras obras, entre ellas a *Epistola quamplurimarum rerum naturalium etc.* publicada pela Academia em 1799, e depois em 1812 incorporada no Tom. 1.° das Mem. do Ultramar — 4.° — e bem assim a *Brasilica Societatis Historia et vitæ clarorum Patrum, qui in Brasilia vixerunt*, de que faz menção Sebastião Beretario, que imprimiu a vida deste Padre escripta em portuguez pelo P. Pedro Rodrigues em 1617 — e igualmente o P. Simão de Vasconcelos, que escreveu a mesma vida — Lisboa 1672 — e Estevan Paternina, que traduziu a vida de Anchieta do latim para o Hespanhol, e a imprimio em Salamanca, 1618, 1 vol. em — 12.

24.° *Roteiro de todos os sinaes, conhecimentos, fundos, baixos, alturas e derrotas que ha na costa do Brasil desdo cabo de Sãto Agostinho até o estreito de Magalhães* = 4.° de que falámos nas nossas notas 16 e 47 (pag. 11 e 33).

OBSERVAÇÃO [B].

Pag. 6 lin. 10 e seg. Pero de Mariz na sua 1.ª Edição de 1594 pouco diz do Brasil, e só na segunda edição de 1597 é que se extendeu muito, quando já tinha havido á mão o MS. de Soares, que elle proprio cita: vê-se pois que havendo Mariz copiado sem critica as inexactidões historicas de Gabriel Soares, é á sua authoridade mais fallivel, do que a de escriptores contemporaneos a quem a boa critica dá preferencia, que revertem e vão estribar os factos, que dizem respeito á exploração da costa Brasilica, e que trazem envolvidos em nuvem densa os nomes de Gonçallo Coelho e principalmente o de Christovam Jaques (de quem não faz menção Alex. de Gusmão, porêm delle fala a Carta de D. João III), de que foram seguidamente escrevendo o P. Vasconcellos (Lisboa 1663), Francisco de Brito Freire (Lisboa 1675), João Joze de Santa Tereza (Roma 1698), Sebastião da Rocha Pitta (Lisboa 1730), Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão (Lisboa 1761), Fr. Gaspar da Madre de Deos (Lisboa 1797), e neste seculo Rob. Southey (Lond. 1810), Alph. Beauchamp (*d*)

(*d*) Era bem escusado mencionar Beauchamp fazendo menção de Southey, que o escriptor Francez não fez mais do que recopilar. E' curioso um reparo que fizemos a respeito deste escriptor.

Paris 1815), o Monsenhor Joze de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo (Rio de Janeiro 1820), Paulo Joze Miguel de Brito (1829), Ferdinand Denis (Paris 1837), e o Snr. Francisco Solano Constancio (Paris 1839). A este respeito só por agora avançamos que provaremos, como o exacto conhecimento do anno, em que Fernando de Noronha descobriu a ilha do seu nome, com que até hoje nenhum author se importou, ha-de por certo derramar uma luz sobre este intricado ponto de começo da Historia do Brasil e dos Descobrimentos Portuguezes.

Desculpa-se de ter omittido citações dizendo com fingida ironia *que não era erudito*; e logo abaixo se quiz contradizer apresentando um longo catalogo d'authores que tinha lido, refutado, consultado e não sei que mais! — E então queria ser erudito ou não? Se havia de nomear tantos authores porque não os collocaria nos logares onde podia utilizar a sua authoridade? Mas o caso não é esse: Beauchamp seguiu a Southey; porêm para o não imitar em tudo expurgou-o de notas e citações marginaes e no fim tomando uma nota dos Authores citados por Southey apresentou-os como fructo da sua investigação. Parece-nos que damos disto uma exuberante prova, 1.° no apresentar elle como tres obras diversas: *Damiam* de Goes, a Chron. de ElRei D. Manuel, e o mesmo *Damian* de Goes. —

2.° Julgar differente a *obra de Fr. Gaspar*, das *Mem. para a Hist. da Cap. de S. Vicente*.

3.° Em alguns nomes e authores que ainda conservou o cunho e caracter da citação inglezada v. gr. Knivet *in* Purchas etc.

OBSERVAÇÃO [C].

Além das copias de que fazemos menção, somos informados de mais duas que provavelmente ainda existem em Madrid, e que são referidas nos *Apontamentos para a Historia Civil e Litteraria de Portugal e seus Dominios; colligidos dos Manuscriptos assim nacionaes, como estrangeiros, que existem na Bibliotheca Real de Madrid, na do Escurial, e nas de alguns Senhores, e Letrados da Corte de Madrid*, por Joaquim Joze Ferreira Gordo, que vem no principio do T. 3.° das *Memorias de Litteratura Portugueza*, impresso em 1792.
— O Leitor naturalmente espera aqui de nós tudo quanto averiguamos de concernente ao livro, que ao presente tanto nos interessa. O apontamento, que ali achamos e nos diz respeito, vem a paginas 51 e 52: é do teor seguinte:

« *Roteiro geral com largas informações de toda » a costa, que pertence ao Estado do Brasil; e a de» scripção de muitos lugares delle, especialmente da » Bahia de Todos os Santos.* Segue-se ao titulo » huma Epistola Dedicatoria, escripta a D. » Christovão de Moura no primeiro de Março » de 1587. Nella confessa seu author que residi» ra no Brasil pelo largo espaço de 17 annos; » e que sendo depois em Madrid tirara a limpo » todas as noticias ali adquiridas, em quanto a » dilação de seus requerimentos lhe dava a isso

» lugar (*e*). » Esta obra he dividida em duas
» partes, da qual a primeira tem 74 capitulos, e
» a segunda 196. O primeiro capitulo desta tem o
» titulo seguinte : « *Memorial, e declaração das*
» *grandezas da Bahia de todos os Santos ; da sua*
» *fertilidade, e das notaveis partes que tem. E o*
» *derradeiro o que se segue : Capitulo em que se*
» *declara a muita cantidade de ouro e prata, que*
» *ha no commercio (f) da Bahia.*

« Pertenceo n'outro tempo ao Conde Du-
» que de Olivares Ministro d'ElRei Filippe IV.
» Tem 456 paginas. Bibliotheca Real Estante J.
» numero 83 fol. » E accrescenta em nota.

« Ha outro exemplar não completo debaixo
» do numero 82, o qual pode ser de algum pro-
» veito para com elle se concertar o anteceden-
» te, que tambem he copia. » —

O Addicionador de Pinelo fala no T. 2.º Tit. 12 Col. 676. de um *Roteiro, e Descripção do Estado do Brasil e Bahia de Todos os Santos*, que vira na Livraria do Conde de Villa Umbroza, o qual poderia bem ser o mesmo de Soares; que elle depois refere na Col. 1710 do Tom. 3.º (*g*).

Além desta noticia tivemos posteriormente conhecimento de mais dez exemplares, tres dos quaes se acham na *Bib. Portuense*, tres na *Eborense*, outros tres na Bib. Real, e um na Livraria do extincto convento de Jesus : delles daremos circumstanciada noticia no Additamento.

(*e*) Repare-se na exacção ; são as proprias expressões, que vem a pag. 1.ª do impresso.

(*f*) E' mais natural que seja comarca, como se lê no impresso da Academia.

(*g*) Como fizemos menção na nota 12, devendo porém advertir, que Leon devera dizer = Conde *Vimieiro* (e não *Vimioso*) ; por

OBSERVAÇÃO [D].

Pag. 12 nota 17. Ja que tocamos neste successo de Ayres da Cunha julgamos de nossa imperiosa obrigação fazermos o sacrificio de divagar por um momento do nosso proposito a fim de nos occuparmos com uma das particularidades historicas, cuja escassa informação tem lamentado e sentido os diversos escriptores do Brasil, — falamos do conhecimento dos seus primeiros doze donatarios. E' bem sabido pelo testimunho do Chronista Barros que elrei D. João III., querendo povoar a terra do Brasil e christianizar o gentio daquella região tão extensa, se resolveu a repartir o litoral em doze Capitanias, dadas de juro e herdade; porêm este escriptor reservou-se segundo elle mesmo declara a dar mais informações sobre este assumpto na parte, que escreveu intitulada = Santa Cruz = manuscripto que se julga perdido; este escripto nos teria transmittido circumstanciadamente o nome de todos estes donatarios, ou quasi que senhores feudaes (*h*) do hoje Imperio Brasileiro, a cu-

que foi na celebre livraria deste Conde (pela maior parte perdida pelo terremoto de 1755) que se recolheram os MSS. de Manuel Severim de Faria, como testifica o Conde da Ericeira, na Collecção da Acad. Real da Hist. em 1724.

(*h*) Quem achar improprio falando daquelle governo a idea do feudalismo, será mais justo censor lendo o Chronista de D. João III. Francisco de Paiva Parte 4.ª cap. 32, quando diz que

jo conhecimento nunca a historia poderia ser indifferente — Delles nove tinham-se apurado, e são mencionados como Donatarios nas obras de Soares e dos modernos, nenhum dos quaes dá este titulo a Ayres da Cunha, nem a Fernão Alvares de Andrade, nem a Antonio Cardozo de Barros: destes ainda se não fez por ora menção com tal dignidade, e nós só o fazemos depois de consultar e folhear os documentos originaes que se acham no Real Archivo. Elrei constituiu os donatarios por cartas de doação especiaes, dando conforme os individuos de 30 a 100 leguas de costa comprehendendo as ilhas que estivessem a 10 leguas ao mar, e pelo sertão até aos limites de Castella — Depois lhe deu foraes ás Capitanias, nos quaes se refere ás doações, e permittia que os donatarios dessem de sesmaria terras a quem se comprometesse cultiva-las pagando o dizimo; e igualmente deu por escripto os privilegios para os que ali fossem homiziados; de tudo estão os originaes passados em Evora, na Torre do Tombo, nos livros que citamos da Chancellaria do senhor D. João III. —

Foram pois os donatarios começando a falar delles pela ordem das suas capitanias de Norte a Sul os seguintes.

Antonio Cardozo de Barros (*i*) que fora

---

mandara os Capitães mores " com poderes e jurisdicção de civel e crime sem consideração alguma dos damnos que dahi podiam resultar, que o decurso do tempo veio a descobrir não pequenos nascidos da muita alçada que tinham os Capitães ,, etc.: — ou melhor o que diz Fr. Rafael no Castrioto Lusitano Liv. 1.° n. 18 = " Crescia a licença e demasia dos Governadores tão absolutos, que não havia honra nem fazendas, que não estivesse á disposição do seu gosto ,, etc.

(*i*) Teve foral datado de 20 de Novembro de 1535 Liv. — 22

Capitão de uma náo da India, como se vê do Real Arch. Liv. 70 de elrei D. João III. fol. 109.

Fernão Alvares d'Andrade (*k*).

Ayres da Cunha (*l*).

João de Barros (*m*) os quaes tiveram entre si toda a parte Septemtrional da Costa — e a estes tres ultimos fez elrei doação de todo o oiro e prata, que por lá descobrissem.

Pero Lopes de Souza (*n*).

Duarte Coelho (*o*).

---

f. 108 ꝟ. e 110. Este Donatario é o que depois foi com Thomé de Souza por Provedor da Fazenda, (como consta do Liv. 55 f. 119 ꝟ. da Chanç.ª delrei D. João III.) e como diz Francisco d'Andrade (Chr. de João III. P. 4. c. 32) e Soares Parte 2. c. 2; e que tendo partido de Lisboa no começo de Fevereiro de 1549, e embarcando-se para o Reino no Governo de D. Duarte da Costa com o Bispo D. Pedro Fernandez se perdeu com este no Rio de Cururrupe, onde foram devorados pelos Caytés: como dizem Soares P. 1. c. 18 e Fr. Vicente do Salvador Liv. 3.º cap. 3.º

(*k*) Vej. a Doação datada de 18 de Junho de 1535 Liv. 21. f. 73.

(*l*) Teve foral datado de 11 de Março de 1535 Liv. 10 f. 86. Já que tornamos a este Ayres da Cunha voltaremos ao n.º 8 pag. 12 das *Refl. Crit.*, que deu lugar a esta digressão, a fim de elucidar melhor algumas ideas ali expendidas, valendo-nos já da correspondencia, que entabolamos para o Porto, e das informações que nos subministrou o erudito Snr. Dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara dignissimo bibliothecario, a cuja bondade devemos todas as noticias que damos á cerca de MSS. de Evora. Veja-se adiante a *observação* (G).

(*m*) Id. id. Liv. 10 f. 85. —

(*n*) A Carta de Doação de Pero Lopes de Souza datada do 1.º de Septembro de 1534 de que fala Souza (Hist. Geneal. T. 12. P. 2. pag. 1112), que vem mal transcripta a pag. 147 das = Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente = é um *specimen* das dos outros Donatarios *mutatis mutandis*. Teve foral a sua Capitania datado de 6 de Outubro de 1534 — Liv. 10. f. 18.

(*o*) Teve a doação datada de 10 de Abril de 1534 (Liv. 7.º f. 83) e foral dado em 24 de Outubro de 1534 — Liv. 7.º f. 182 ꝟ. e Liv. 20 fol. 157 ꝟ.

Francisco Pereira Coutinho (*p*).
Jorge de Figueiredo Correa (*q*).
Pero do Campo Tourinho (*r*).
Vasco Fernandes Coutinho (*s*).
Pero de Goes (*t*) e finalmente cem leguas a Martim Affonso de Souza (*u*).

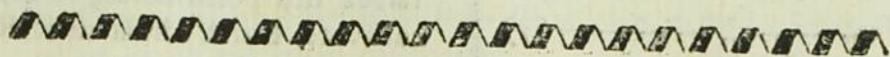
(*p*) Teve foral dado a 26 de Agosto de 1534 Liv. 7. f. 146 ỷ. — Fora-lhe doada a Capitania a 5 de Abril do mesmo anno, de 50 leguas de costa (Liv. 7. fol. 110 ỷ.). Nos principios de Agosto do anno seguinte ainda não tinha chegado á Bahia; pois segundo conta Antonio Herrera (*Hist. General de los Hechos de los Castellanos.* Dec. 5.ª Lib. 8.º cap. 8.º) João de Mori encontrou ali só nove Portuguezes.

(*q*) Id. 1. d'Abril de 1535 Liv. 10 fol. 70.

(*r*) Id. 27 de Maio e 23 de Septembro de 1534 – Liv. 7. f. 103 e 181.

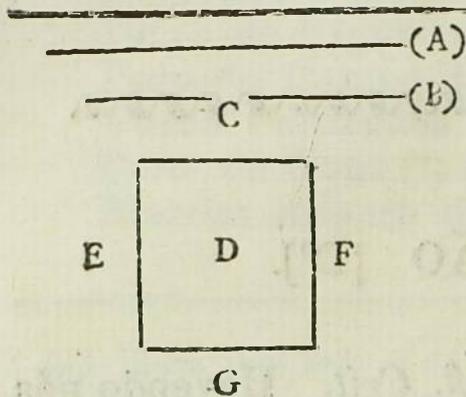
(*s*) Teve a sua doação de 50 leguas feita no 1. de Junho de 1534 (Liv. 7. f. 113) e não f. 73 como diz Fr. Gaspar pag. 81; recebeo foral a 7 de Outubro do mesmo anno (Liv. 7. f. 187 e Liv. 20 f. 165 ỷ.) e a 12 de Março de 1543 recebeu a confirmação da demarcação com Pero de Goes (Liv. 6. f. 51 ỷ.).

(*t*) Tinha ido na Armada com Martim Affonso, e acompanhado a Pero Lopes ao Rio da Prata, e naufragado com elle (Soares Part. 1. cap. 44). Teve a doação de 30 leguas de costa datada de 28 de Janeiro de 1536 (Liv. 21 f. 65) e recebeu o foral da Capitania a 29 de Fevereiro do mesmo anno (Liv. 22 f. 141). A 8 de Fevereiro de 1553 estava em Santos, segundo consta do Cartorio da Prov. da Faz. R. de S. Paulo Reg. de Sesmar. n. 1. Liv. 1. fol. 170 — citado por Fr. Gaspar pag. 42 e 43.

(*u*) Foi nomeado para ir Capitão mor de uma expedição ao Brasil em 20 de Novembro de 1530; partiu de Lisboa a 3 de Dezembro do mesmo anno; e em Carta que elrei lhe escreveu a 28 de Setembro de 1532, communica ter-lhe feito doação de 100 leguas de Costa – o que confirmou dando-lhe foral a 6 de Outubro de 1534 (Liv. 10 f. 19 ỷ. e 20). E' com tudo bem notavel a observação de Cazal (T. 1. p. 201), que diz que apezar de ser esta a capitania, que teve maior extensão de costa saiu menor que as outras, por quanto aquellas corriam mais na direcção N. S. — Talvez por attender já á direcção da costa lhe désse della maior porção.

OBSERVAÇÃO [D'].

Pag. 22 Nota 34 das *Refl. Crit.* Havendo nós avançado uma conjectura temeraria a respeito da celebre = *Rasão do Estado do Brasil etc.* = cumpre-nos dizer, que tendo perguntado se existia, na *Bibliotheca Publica* da Cidade do Porto, algum exemplar da obra que criticámos, e recebido de um joven e habilissimo litterato daquella cidade (cuja modestia nos impoz a condição de calar seu nome) os trabalhos de uma aturada confrontação das folhas das nossas *Reflexões*, que se iam imprimindo, com os tres exemplares daquella Bibliotheca, de que muito ficamos penhorados e nos confessamos agradecidos, recebemos tambem o desengano de que o seu A. anonymo não é Manuel de Moraes, e que não foi a *Rasão do Estado* o livro que consultou Laet (*u*).

(*u*) Eis tudo quanto a este respeito recebemos em uma das suas cartas que achamos de muito interesse, e por isso lhe damos publicidade.

" Não vejo que a = *Rasão do Estado do Brasil* no governo do Norte sómente assim como o teve D. Diogo de Menezes até ao anno de 1612 = apresente vestigios de ser da familia de Moraes. As armas introduzidas no frontispicio de pergaminho illuminado são dos Castros de 13 arruelas; pois tem em campo de ouro 13 arruelas azues. O frontispicio é do modo que vou indicar. O formato é folio maximo, papel grosso e escuro (portanto coetaneo), a marca d'agoa d'algum vem a ser como dois VV ligados superiormente, por um risco, dentro de um circulo; outras folhas não a tem.

A El Conde Marg. de Clichy
5.ⁿᵒ 16 -- n.° 2 (*letra franceza*).

(A) e (B). Aspadellas de nomes, talvez dos possuidores, feitas a canivete. Em A ainda se lê *Robines*.

(C). As Armas de Portugal.

(D). O Titulo como ja o escrevi: fundo vermelho, letras d'ouro, capitaes de ½ pollegada.

(E). Uma tarja representando um volcão lançando chamas.

(F). Outra tarja, representando chamas no fundo, e no alto as palavras AD ALTIORA, invertidas nas letras.

(G). As Armas dos Castros (podem ser dos Altamiranos). Coroa sobre as armas de Barão, sem florões etc.

" Do Livro consta 1.° que foi escrito = " Nesta Cidade de Lisboa ,, = 2.° que o Governo do Norte foi pela costa *vista e visitada de Sul a Norte por quem fez esta Relação*, *e posta pello dito Guovernador na Rezão em que oje a vemos.* 3.° que o A. era da confiança de D. Diogo de Menezes, e sabia de cousas tocantes ao Governo, que em quanto a mim sómente pessoa em authoridade sabia. Julgo que do texto e dos Mappas se póde conjecturar o A.

" Depois do frontispicio illuminado segue-se uma introducção em que o A. larga e fortemente accusa os Religiosos (da Companhia) de concorrerem, pelo seu systema, ao affastamento do gentio do trato das cidades, e deste e outros modos privarem a população do seu augmento, e o estado de accrescidos rendimentos. Esta introducção occupa 6 paginas. Abaixo darei com a orthographia moderna a parte della mais interessante. — Segue-se lhe um Mappa Geral de toda a Costa do Brasil, sendo o total comprimento do Mappa desde 5 ½ Lat. Norte, até 38 ½ Lat. Sul; isto é desde Inana, acima do Rio Itata (no Norte) até um pouco mais ao Sul do que a Ponta de Santo Antonio, abaixo do Rio da Prata. — Vem depois a descripção da Capitania de Porto Seguro, do Duque d'Aveiro, e com esta se occupa o A. 4 pag. Dá elle o orçamento do rendimento da Capitania, e os pormenores das despezas feitas com a Justiça, as Armas, o Ecclesiastico, a Fazenda etc – systema que segue em todas as Capitanias. Esta Capitania abrange 3 Mappas, cujos titulos transcreverei, pois servem para basear conjecturas sobre quem será o Autor. Sigo a orthografia moderna.

1.° *Mappa.* " Demonstração da Capitania do Spirito Santo até
,, a ponta da barra do Rio Doce, no qual parte com Porto segu-
,, ro. Mostra-se a Aldêa dos Reis Magos que administrão os padres
,, da Companhia; e do dito Rio Doce para o Norte corre a costa
,, como se vê até o rio das Caravellas, tudo despovoado com bons
,, portos para navios da Costa, e com muitas matas de pao brasil.
,, Mostra-se pelo dito Rio Doce o caminho que se faz para a serra
,, das Esmeraldas, passando o rio Guasisi, e mais avante das ca-
,, choeiras o rio Guasisimiri, e mais avante como se entra no Rio
,, Una, e delle caminhando pouca terra se entra na lagoa do ponto
,, E, da qual se desembarcão e sobem a serra das esmeraldas, tudo
,, conforme a jornada que fez MARCOS D'AZEREDO.,,

2.° *Mappa.* " Diligentissima demonstração da Sonda dos A-
,, brolhos na Costa do Brasil desde o rio dos frades, e ponta de
,, Corumbabo até o rio das caravellas, feita por mandado do Go-
,, vernador Dom Diogo de Menézes o anno de 1610, PELO CAPI-
,, TÃO E SARGENTO MOR DAQUELLE ESTADO, sendo pilotos Antonio Vi-
,, cente e Valerio Fernandes. Todas as letras de Arithmetica valem *bra-*
,, *ças de sonda.* Em todos os recifes que se mostrão descobertos rebenta
,, e desflora o mar a todas horas de baixa mar de agoas vivas todos
,, por muitas partes se descobrem ficando com lagamares na fórma
,, que se presenta.

" Desde as ilhas da letra A correndo ao Norte até 16 gráos etc. etc. etc. — ,, O resto são referencias ao Mappa.

,, Notem-se 1.° as passagens assignadas, em relação á declaração que o A. viu e visitou estas partes; note-se que elle sabia de orçamentos de fazenda, de ordenados, de tenças particulares etc. — Começo a suspeitar que elle fosse o *Capitão ou Sargento Mor. As braças de sonda* não apparecem no Mappa; esta circumstancia e a *tacita* paginação, que se menciona no texto, quando se falla nos Mappas a paginas tantas e tantas — paginação que ainda não pude combinar com as folhas do livro — faz-me suspeitar ser nosso exemplar uma copia. — O 3. Mappa não tem titulo, mas inclue Porto seguro (a Villa) e a costa desde o Rio dos Frades até o Rio de Santo Antonio.

" Segue-se a Capitania dos Ilheos, de Francisco de Sá de Menezes; 4 paginas de texto; e 3 Mappas; a saber: 1. (Darei o summario sem attender ás palavras do A.) Desde o Rio de Santo Antonio até os Ilheos; notando que diz o A. que *até o Rio Grande é terra de Porto Seguro*: 2. a Capitania dos Ilheos, desde o Rio da Trindade até acima do Taype (ou Taipe); e 3. um Mappa que o A. intitula = Rio das Contas (Contas) Camamume, e o Morro de S. Paulo = e alcança desde o Taipe até á barra do Jaguaripe e a Ilha de Itaparica, mostrando tambem a Ponta de Santo Antonio.

" Segue-se = A Bahia de todos os Santos = em cuja descripção, rendimentos, despezas etc. occupa o A. 12 paginas, mostrando seu perfeito conhecimento estatistico da Capitania, o que deve notar-se. Refere-se a hum Mappa que alcança a costa desde a barra do *Jaguaribe* até a ilha *Itaponm.* (O A. confunde *b* com *p* muita vez); e huma Planta, em dobrada folha, da Cidade de S. Salvador; a qual elle declara no texto ser copia d'outra, que se apresentou a S. Magestade no anno de 605, com as traças d'obras, intentadas ou começadas, de *oleonardo Turriano*, Engenheiro mór do reino confirmadas por *Tibursio Espanoeci*, Engenheiro-mór d'Hespanha.

" Segue-se = A Capitania de Serigipe d'elRei = que occupa 3 pag. de texto. O Mappa comprehende desde o rio Itapicoru (ou Tapicuru, etc. — que de varios modos o escreve o A.) até á ponta de S. Francisco.

" Depois vem = Rio de S. Francisco = cuja descripção e do seu curso occupa 2 paginas, e acaba tão abruptamente esta descripção, e sem ponto final, que parece haver aqui alguma falta. Tem esta descripção um Mappa de duplicada grandeza, extendendo-se pela costa desde a Lagoa Guaratuba, *em que se fazem pescarias*, e barra do Rio de S. Francisco — até adiante da Alagoa do Norte, e a Villa nova de Santa Luzia, *que foi fundada por um cego.* Pela terra extende-se o curso do Rio até as serras de *Arucurituba*, e outras ainda mais longe. O Mappa dobra-se em oitavo (referindo a 8 paginas que não ao formato) — e na pag. 1., por assim dizer, vê a perspectiva do *forte novo* da *Paisem.*

" Segue-se = A Capitania de Pernambuco, de Donatario = : 8 pag. de descripção; 2 Mappas 1. A Capitania, desde a Lagoa do Norte e barra de Javagua até Olinda. 2. Perspectiva do Recife e Villa de Olinda.

" Depois = Itamarqua, Capitania de Donatario: 3 paginas: um Mappa da Capitania, desde o Porto do Páo Amarello, *que ainda é de Pernambuco*, até a ponta do cabedello do Paraiva. Segue-se = Paraiba (o A. escreve ora *b* ora *v*), Capitania de S. Magestade; 5 paginas. 1 Mappa mostrando a villa e a barra de Paraiva, ou Rio de S. Domingos.

" Segue-se = Rio Grande, Capitania de S. Magestade 6 paginas: 1 Mappa, da Capitania, desde o Rio Mogoamgoape até a barra do Rio Grande, e baixos de S. Roque; tendo o Mappa, n'um canto, a perspectiva d'uma fortaleza, que julgo ser a *dos Reis.*

" Termina a obra com um Mappa que comprehende a costa e terras d'alluvião desde a Barra do Perejá até a barra e costa occidental do *Meari*, sobre a qual terra se lê = Terra de Comut. =

" Todos os Mappas são em pergaminho; e julgo que pouca fé

merecem em quanto á delineação das Costas, e demarcação dos logares etc. A fóra o primeiro, os mais não apresentam Parallelos ou Latitudes, mas sim Escalas de Legoas, -- e os fortes = de *braças craveiras.* As tintas são primorosas. Mas julgo que delles se conclua bem o estado do Brasil naquella epocha. O A. não se esqueceu de marcar muito engenho com seus nomes ou proprietarios.

" E' de notar que o livro está pela maior parte em branco, conservando no alto da pag. o titulo da Capitania que precedeu, — como se houvera tenção de mais escrever, ou dar logar a apontamentos. O Livro foi composto no anno de 1613, e o A. falla da chegada do Governador *Gaspar de Souza*, que então succedeu como afirma tambem Rocha Pitta pag. 201.

" Falla a Rasão em *Gonçallo Soares*, em uma passagem na descripção de Serigipe — e diz que sua não chegára pelo rio Vaza-Barris até um ponto que o A. marca D no Mappa, e que diz ser o melhor para povoação.

" A pontuação é mui confusa, e na seguinte porção da Introducção vai regularizada. —

Fragmento da Introducção da Razão do Estado do Brasil.

" O Estado do Brasil (Provincias de Santa Cruz) é parte oriental do Peru, povoada na costa do Mar Ethiopico, e repartida em partes a que chamão Capitanias, que em tal fórma forão servidos os Reis passados de Portugal de as encarregar (com Doações largas) a certos Donatarios. Corre a costa de seu districto desde o Rio Mearí ou Maranhão até á bocca do Rio da Prata ou Paraná, como na Carta Geral se mostra a fol. 3.,,

" Todas estas Provincias ou Capitanias, para bem do que produzem tratão de separação, e se sustentão de violencias, e nesta enfermidade gozárão de mais aumento aquellas, que o Braço Real tomou mais á sua conta quando (no povoar e conquistar) faltárão seus Donatarios: neste caso fazem exemplo a Bahia de todos os Santos, o Rio de Janeiro, Parahiba, e Rio Grande, todas hoje de S. M., nas quaes pello serem cada dia se augmentão povoações e crescem fazendas. Pernambuco e Tamarquá podem entrar nesta conta, por quanto ás suas maiores necessidades acudio S. Magestade com capitães, presidios, e fortificações, que até hoje sustenta de sua Real Fazenda.

" Tambem se deve considerar que as terras deste Estado e os filhos dellas naturalmente são variaveis: ellas em produzir, elles em as habitarem, porque como das mais ou menos chuvas succedão

mais ou menos novidades, ou mais abundancia em umas que em outras partes, a modo dos Aduares de Africa, tratão estas gentes de se mudar de uns a outros lugares, e tambem se pratica que os naturaes da terra o tem por cerimonia. Assim por este caminho não lhes acodindo, se achão desemparados os sitios que mais ao commum importão. ,,

" Este accidente nas Capitanias de Donatarios acontece mais vezes porque nellas nunca se encontra pessoa respeitavel no Governo, o que não succede donde servem Capitães do dito Senhor, que sem duvida fazem muito no augmento dos lugares pela esperança de serem bem reputados, dignos de maiores cargos, e por outras razões que per si se publicão, e de que asseguradamente entendemos que tudo o que neste Estado não fôr de S. M. crescerão de vagar e durarão muito pouco. ,,

" Ninguem ignora que a saude das almas e a liberdade natural e real nos vassalos são os fundamentos com que S. M. (como Catholico Monarcha) manda se que proceda em suas conquistas, de tal modo porêm entendida esta maxima que a superstição não confunda a fôrma do bom Governo, pois lemos que as republicas em si contrarias e differentes hão-de ser governadas por maximas contrarias e differentes. Pelo que parece que o Doutor Lagasca Lugartenente pelo Emperador no Peru não só livrou dos Pissarros o estado dos Indios, mas tambem dos outros inconvenientes, dado aos conquistadores em tal fórma parte do serviço pessoal destas gentes (que outra cousa não possuião), que ficando livres ficárão juntamente sujeitos a uma razão que serve a Deos, ao Rei, e ao Povo; e todos tirão de bem fundadas povoações um facil e justo proveito, cousa que no Estado Brasil parece impossivel, sendo assim conveniente, porque não sómente, como fica dito, o Gentio é variavel, incapaz, e fóra de todo o Governo e razão per si só, mas ainda debaixo de tutores incompetentes fica de menos prestimo; porque como no espiritual, temporal, e pessoal, vive entregue a religiosos, tão religiosamente defende esta posse que aos que mais contra ella sabem, faz que amurrem menos, — temerosos de intentarem novidades os que de razão devião intenta-las, e assim aquella lei justa que S. M. mandou o anno de 610 á cerca dos Indios e Capitães nas Aldeas não póde chegar a effeito. Tal é a força que tem introduzido os religiosos! ,,

" Por este caminho fica cheio o estado de véos de piedade, debaixo dos quaes desapparecem muitas rendas á fazenda de S. M., que sem duvida lhe podem dar os Indios, e muitas fazendas que com suas ajudas sendo geraes podem augmentar-se aos brancos, evitando se com o comprimento da dita ley que se dilata mocambos

entre os negros ou juntas de fugidos a que chamão santidades, e outros males que em toda esta costa vimos derivados da doutrina que elles (como incapazes) mal aprendem ou mal lhes ensinão seus tutores sem a presença de Capitães leigos, porque os Indios, que vivem de mistura com os brancos, não sómente são melhores Christãos criando-se com seus filhos, mas tambem aprendendo officios mecanicos dão proveito á Fazenda Real, e melhores ajudas nas armas a todos os accidentes que se offerecem na costa e no sertão de suas terras, nas quaes nunca a falta da gente de roupa larga faz, nem pode fazer tanto damno, e em todas as materias quanto pode fazer a falta das armas, e quem as exercite pela razão da violencia atraz referida, em que tudo se funda sobre tanto escravo e tanta cousa forçada, e pelos corsarios que de continuo buscão nesta costa não sómente a saude das enfermidades que lhes causa Guiné, mas o asuquar e Páo Brasil, ambar, malagueta, fumo e outras cousas que estimão, tambem por amor dos facinorosos da terra que se valem do mato, contra quem a justiça desarmada pode pouco, todas as quaes cousas mais parece que devem consistir e acharem-se nos seculares que nos ecclesiasticos.

" Os bens dos vassalos deste Estado são engenhos, canaviaes, roças ou sementeiras, gados, lenhas, escravos, que são o fundamento, em que se estriba esta potencia, cousas todas que cada uma persi como fica dito se desvia da visinhança em tal modo, que como as mais provincias do mundo constão d'união de seus ou por seus habitadores, esta como vemos trata de separação, e tanto se sustenta de violencias, quanto a 1.ª cousa forçada é a agoa por levadas e calles trabalhosas e compridas, trazidas á força donde mais importa, e o fogo de continuo abrazando grão copia de lenhas, e uma quantidade grande de gado vaccum, que neste trabalho morrem, e se consume, e um numero d'escravos, que cada anno vai por este caminho sem os quaes não ha que tratar em fazendas ou rendas do Brasil, e tambem se qualquer das outras cousas falta, porém as dos escravos é a mais consideravel porque della depende o remedio de todas as outras.,,

" Os escravos hão de ser de Guiné vindos das conquistas ou commercio da Ethiopia, ou hão de ser da propria terra, ou de uns e de outros.

" Os escravos de Guiné como se comprão caros, por causa dos muitos *dasios* ou direitos que delles se pagão em Angola, fazem difficil e custoso o crescimento desta Republica, e tão pouco duravel quanto morrem ou vivem seus Senhores, que como violentados pela maior parte durão tão pouco que em lugar de livrarem de miserias a seus amos acontece darem com elles na enxovia, donde

tambem se vem a consumir a propriedade para os que comprárão, como vemos cada dia.,,

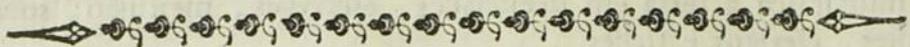
" Os Indios da terra porêm que parecem de maior facilidade, menos custo, e maior numero, como andão metidos com os Religiosos, a quem vivem sujeitos, e a quem adorando pagão pequenos *dasios*, de maravilha fazem serviço, nem dão ajuda aos leigos que de sustancia seja, antes sendo chamados dos pobres moradores acontece levarem-lhes o salario de antemão; sem lhes fazerem nada, sendo causa que os pobres o percão, e as peitas que costumão dar-se a quem lhos administra, como tudo se saberá tirando-se devassa; daqui resultão grandes queixumes contra os Religiosos, os quaes se querem mostrar que castigão estas cousas com seus carceres privados ou açoutes, por levemente que sejão, estão os Indios tão mimosos e tão pouco praticos no uso da nossa justiça e obediencia, que logo se vão ao matto, donde fazem como dito é, abominaveis vivendas e rito, juntando-se com os negros de Guiné tambem fugidos, do que resultão mortes, furtos escandalosos e violencias, por cujo respeito senão pode atravessar o sertão commodamente de umas partes a outras, nem dilatarem-se as povoações pela terra dentro.

" Se os Portuguezes tomão as armas contra estas desordens, e com trabalho e custos de suas fazendas e vidas são contra estes mocambos ou ladroeiras, e desfazendo-as trazem presos os ditos fugidos, logo a piedade dos padres e necessidade em que delles vivem os leigos buscão leis para os não castigarem, antes repartindo-os entre si os largam das prisões; das quaes tanto que se vem livres, tornão-se ás aldeas dos ditos padres, que como a gente livre e que elles tem em sua protecção, de boa vontade os recolhem e occultão, e se parece que ali todavia os buscão seus donos, tornão-se ao matto; de modo que fica sendo este dominio absoluto dos religiosos uma miseria secular dos leigos, que mostra não poder ter fim, e não tendo, bem se vê quão trabalhoso e quasi impossivel será o dito augmento.

" Destas desordens tanto introduzidas nasce que nenhuma obra do bem publico se coalha, e assim os Indios, sem os buscar quem pode, vão por donde querem mais barbaros e mais ociosos que nunca, e os brancos ao longo da costa mais hospedes que como povoadores, separados uns dos outros, vendo-se sem serviço nem a quem servirem, conforme as suas fantesias mettidos em duvidas em um deserto, pondo o sentido e o coração na patria, tratão de se acolher tanto que da provincia confusa tem esfolado alguma cousa com que o fazer possão; daqui nasce tanto trocar, tanto mentir, tanta trapaça, que as novas dellas não fazem senão accarretar bachareis á pobre Provincia, a qual com os termos religiosos que tratados

ficão, e com a multidão de letras que do reino vão, e nos estudos lhes ensinão aos mecanicos, em lugar de fazendas e de trabalhadores multiplica a terra em licenciados, escrivães, meirinho, solicitadores, clerigos e frades.

" Tem este estado mais outra sarapasão á qual sobre todas convem buscar-se remedio, que é a distancia mal assegurada delle a estes reinos ,, ...

Tal é a parte mais interessante da Introducção de tão nomeado livro, pelo modo desabusado como seu A. escreve especialmente, contra a " *gente de roupa larga* " como elle diz: — contra esses jesuitas, que muita gente boa se persuade haverem concorrido para a felicidade do Brasil. E quem sabe se por diligencias *jesuiticas*, é que o livro não foi publicado ? ......

OBSERVAÇÃO [E].

Num. 62 Pag. 36. Eis o Catalogo das plantas, de que o author trata nos capitulos 34, 35 e 36 com os correspondentes systematicos de Linneo.

Assucar (Saccharum officinale).
Parreira (Vitis vinifera).
Figueira (Ficus carica).
Romeira (Punica granatum).
Laranjeira (Citrus aurantium).
Limeira— (——— medica lima).
Limoeiro- (——————limonia).
Cidreira--- (——————vulgaris ou C. m. citria).
Zamboeira (—————— verrucata)
Coqueiro (Coccos nucifera).
Tamareira (Phænix dactylifera).
Gingibre. (Amomum zingiber).
Arros (Orysa sativa).
Tayoba (Dioscorea sativa ?)
Cará— (——— cara).
Meloeiro (Cucumis melo).
Pepino— (———sativus).
Aboboreira (Cucurbita pepo: Varied.).
Melancieira (———— citrullus).
Mostardeira (Sinapis nigra).
Nabo (Brassica napus).
Rabão (Raphanus sativus).

Couve tronchuda (Brassica oleracea crispa).
———murciana (—————— murciana).
Alface (Lactuca sativa).
Coentro (Coriandrum sativum).
Endro (Anethum graveolens).
Funcho (——— foeniculum).
Salsa (Apium petroselinum).
Hortelãa (Mentha sativa).
Cebola (Allium cepa).
Alho— (——— sativum).
Beringela (Solanum melongena).
Tanchagem (Plantago).
Poejo (Mentha pulegium).
Agrião (Sisymbrium nasturtium).
Mangericão (Ocimum minimum).
Alfavaca— (——— basilicum).
Beldro (Amaranthus blitum).
Beldroega (Portulaca oleracea).
Maturço ou [mais correcto] Mastruço [Lipidium sativum].
Cenoura [Daucus carota].
Acelga ou Celga [Beta vulgaris].
Espinafre [Spinacia oleracea].
Chicorea [Cichoreum endivia].

OBSERVAÇÃO [F].

Pag. 40 nota 61. Esta obra quanto a nós de grande preço, não só pelo correcto e variado estylo como pelo interesse historico e scientifico, ainda que tambem não limpa de adulterações, existe na Bibliotheca Publica de Lisboa. E'um MS. em folio sem rosto, de 106 folhas, não metendo o indice, que é de letra differente — provavelmente de algum curioso possuidor do MS. Consta de seis dialogos, onde são interlocutores *Alviano* e *Brandonio.* Observa-se porêm que este ultimo interlocutor é o que se dá por author do livro, e toma o caracter didactico e magistral, informando dialogisticamente a Alviano á cerca das *grandezas do Brasil.* Foi escripta a obra em 1618 (*x*): o seu author em 1586 já estava em Pernambuco (*y*); em 1599 tinha vindo a Portugal (*z*); aonde se conservava em 1607 (*aa*) depois voltou a Pernambuco, onde escreveu o livro, e estava feito lavrador (*bb*), e diz que tinha

---

(*x*) " Até este anno de 1618 ,, — diz o A. a fol. 11 do MS.

(*y*) Vej. foll. 11 vers. do MS.

(*z*) Vej. fol. 62.

(*aa*) " Estando eu no Reyno no anno de 607 se quiz informar ,, de mim o meirinho mór Veador da fazenda de sua magestade de ,, duas cousas. A 1.ª se poderia mandar lavrar navios neste estado ,, etc. etc. ,, MS. fol. 53 ✠.

(*bb*) " Eu semeei já por duas ou tres vezes, na Capitania de Pernambuco, trigo..... etc. etc. fol. 61 vers.

descoberto ali a *Malagueta*, dando até a entender que tinha estado na India (*cc*) — Na 1.ª pagina lê-se com letra differente = Foi composto por Bento Teixeira =. O Abbade Barboza que segundo colhemos da sua informação viu esta mesma copia, acreditou ser este o Author. Nós porêm não estamos dispostos a dar-lhe inteiro credito; fundados n'um ponto da vida de Bento Teixeira Pinto, que não julgamos conformar-se, e nas informações do addicionador da Bibliotheca de Pinelo T. 3.º col. 1714, que são do teor seguinte:

« Brandaon, Portuguès, Vecino de Pernam-
» buco *Dialogo de las Grandeças del Brasil*, que
» contiene muchas cosas de la *Chorografia i*
» *Historia Natural de aquel Pais*, Ms. en la *Li-*
» *breria del Conde de Vimieiro* en Portuguès. »

Nesta mesma columna vem um pouco acima « Benito Texeira, Tratado de la Grandeça i
» fertilidad de la *Provincia del Brasil*, ò *Nue-*
» *va Luzitania*, i Descripcion de *Pernambuco*,
» segundo Franco, en la Biblioth. Luzitana, MS.

Se são realmente dois authores os que se apontam e propõem para a mesma unica obra, não duvidamos que o tal Fuão *Brandão* seja o verdadeiro e legitimo, até pela transformação do seu nome em *Brandonio* (*dd*), com que o A. explica as grandezas do Brasil.

(*cc*) Fol. 68 do MS.

(*dd*) Sem acreditarmos nas impostoras combinações da Astrologia, não deixaremos de apresentar pela sua curiosidade parte de um Dialogo, copiado da fol. 6 v.

" *Brandonio.* E sobre isto me disse um fidalgo velho bem conhecido em Portugal algũas cousas de muita consideração.

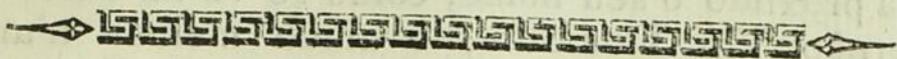
" *Alviano.* E què é o que vos disse esse fidalgo?

" *Brand.* Dizia-me elle, que ouvira dizer a seu pai como cousa indubitavel, que a nova de tão grande descobrimento foi festejada muito do magnanimo rei: e que um astrologo, que naquelle tempo no nosso Portugal havia de muito nome, por esse respeito alevantava uma figura, fazendo computação do tempo e hora, em que se descobriu esta terra por Pedr'alvêz Cabral.

E outro sim do tempo, e hora que teve elrei aviso de seu descobrimento: e que achára que a terra novamente descoberta havia de ser uma opulenta Provincia, refugio e abrigo da gente portugueza. E posto que a isto não devemos dar credito, são signaes da grandeza em que cada dia se vai pondo.

" *Alv.* Não permitta Deos que padeça a nação portugueza tantos males que venha o Brasil a ser seu refugio e amparo.,, etc.

Em 1804 imprimiu um versejador de Minas Geraes que

,, Se o Real Regente Augusto
,, Fosse honrar nosso paiz,
,, Faria ao povo feliz,
,, E o seu Imperio faria.,,

OBSERVAÇÃO [G].

Pag. 12 e 85. Os escriptores fornecem a respeito da synonymia dos nomes *Maranhão* e *Meary*, que Teixeira [II, 194] e Cazal [II, 257] suppoem designarem o mesmo rio, argumentos pró e contra. O A. da *Rasão do Estado* de que publicámos a descripção na observação [D'], differença-os chamando *Meary* braço de Leste e *Tapocurú* ou *Maranhão* ao do Oeste: Souza Ferreira no *Noticiario Maranhense*, [pag. 2.ª e 3.ª] e na *America Abbreviada*, MSS., [cap. 3.º] tambem affirma que quatro rios entrando o *Meary* e *Pinarè* vem desaguar na Bahia do Maranhão. — O Padre José de Moraes na *Historia da Companhia de Jesu na Provincia do Maranhão e Pará* MS. original de 1759 (a pag. 14 e 692), e igualmente o mesmo Sousa Ferreira (pag. 40) dizem que ao Amazonas chamaram tambem Rio Maranhão. — Deste labyrintho só nos podemos saír bem com a opinião do Snr. Doutor Rivara, que distingue *Rio Maranhão* de *Rio do Maranhão*, devendo o 1.º nome representar o Amazonas; e o 2.º a como enseada, que desemboca no mar as aguas do *Meary*, *Pinaré*, *Moni etc.* —

A sua parte desta conjectura reforça-se com o dizer Pero Lopes na seu *Diario* [pag. 15] que fora enviado Diogo Leite ao *Rio de Maranhão*,

e vemos nós que elle ali chegou e deu a uma abra proximo o seu nome, como se vê na Carta de Fernão Vaz Dourado, e ainda melhor n'uma doação de Ayres da Cunha, João de Barros e Fernão Alvares de Andrade, que está no *R. Arch. Liv.* 21 *da Chanc.* de elrei D. João 3.º fol. 73 — Quanto ao successo de Ayres da Cunha não podia por modo algum ser á bocca do Amazonas (Rio Maranhão), mas sim no *Rio do Maranhão*, por quanto não só a sua doação não chegava até aquelle rio, senão que é este o sentido em que escreveram os AA. que citamos nas notas 20 e 21, especialmente João de Moura, Berredo e Moraes, MS. (Bib. Pub., e da de Jesus Gab. 5.º Est. 24 n. 38); e ainda alêm destes Fr. Agostinho de Santa Maria no *Santuario Mariano* (cujos tomos 9 e 10 contêm muita noticia sobre o Brasil) no Tit. 46 pag. 360 do Tom. 9.—

A respeito do que conjecturamos na nota 21, á cerca dos MSS. de Souza Ferreira, nos comprova o Snr. Dr. Rivara que a fol. 14 da *Amer. Abbrev.* diz: « e chegando á barra do Maranhão nella se perderão por falta de pratico, onde agora chamão o *Boqueirão* » *etc.* e igualmente, na obra allegada do Padre Joze de Moraes, se conta o mesmo facto.

ADDITAMENTO.

Noticia de mais dez copias da Obra de Soares.

Tinham as presentes *Reflexões* corrido as censuras desde 7 de Novembro de 1838, em que foram lidas na Academia, e depois de approvadas estavam no prelo, quando obtivemos informações importantes, que não podémos utilizar para as dar em logar proprio, e que se as souberamos nos teriam poupado muito trabalho. Diremos o mais importante destas noticias. —

Tres copias da Bib. Pub. Portuense.

Tendo conseguido entabolar correspondencia litteraria com um curioso, diligente e erudito litterato da cidade do Porto, de quem falamos a pag. 87, obtivemos em 29 de Maio do corrente anno uma carta sua, em que nos annunciava a existencia na Bibliotheca daquella cidade de tres exemplares do escripto, que criticavamos todos com a data de 1587, as quaes na numeração provisoria da Bib. vinham a ser os codices 119, 610 e 1041 — A' cerca das quaes em cartas subsequentes nos deu as seguintes explicações:

O codice 119 tem por titulo = « *Roteiro geral com largas informações de toda a costa que pertence ao estado do Brasil, e descripção de mui-*

tos lugares della, especialmente da Bahia de todos os Santos » = E' de formato de folio; a letra de mão é antiga, e sem duvida não avança dos começos do seculo 17.° o que de mais é comprovado pela antiguidade da encadernação, sendo como outros de igual data do mosteiro de Santa-Cruz de Coimbra (donde o MS. veio) encadernado em uma folha grande de pergaminho grosso. Sobre o alto da pagina 1.ª tem escripto com letra diversa e mais moderna da do codice = « O Autor deste Roteiro he Gabriel Soares de Souza » = Porêm este distico está traçado e riscado por mão de barbaro, que assim cuidava realçar o valor do MS. tornando incerto o seu A., ou talvez por algum, que se fiou nos boatos de ser Francisco da Cunha, e sem o examinar não o quiz pseudonymo; porêm é mais natural a primeira conjectura, pois não foi o unico MS. da Bib. Port. que soffreu isto. Este letreiro é da mão de D. Pedro da Encarnação, conego Regrante de Santo Agostinho, e Bibliothecario do Mosteiro de Santa-Cruz, do anno de 1748 em diante. Na lombada do MS. se lê = « Roteiro das costas do Brasil de Gabriel Soares de Souza = 20 » = na letra de mão de D. José d'Avemaria, Bibliothecario do mencionado mosteiro, no anno de 1804; e julga o nosso atilado litterato que delle é a numeração = 20 = assim como toda a dos MS. de Santa-Cruz, o que tudo authentica pelo conhecimento peculiar que tem das letras dos individuos — Tem duas partes a 1. de 74 capitulos e a 2. de 196. E' dos tres o unico que mereceu exame e confrontação, da qual publicaremos o essencial, e só as lições, que nos parecem rasoaveis para esclarecer o que

ainda está duvidoso (*ee*). O codice 610 é de 4.°, e tem por titulo = *Descripção geografica da America Portugueza*, = como o exemplar, que cita Cazal. E' escripto pelo erudito e incançavel Bibliofilo o Bacharel Manoel Francisco da Veiga, que residiu por muito tempo no Brasil. Só o titulo não é de sua mão, que era seu costume faze-los sempre escrever nitidamente por outrem. No fim do MS. reconhece que o copiou do codice do

(*ee*) Refl. 94 Cap. 48. Vem esta passagem tambem algum tanto confusa do modo seguinte:.. " e ainda que pello que se julga do
,, cabo digo do mar a terra do cabo parece ilha e o não seja por onde
,, aparesse na verdade, ho cabo he ilha porque o corta ho mar por
,, onde se não enxerga de fóra mas he de maneira que pode passar
,, hum navio por antre elles e a terra firme a vontade, he tem hum
,, baixo neste canal bem no meio de 2 braças de fundo ho mais
,, he alto que basta pera passar hũa não, etc.

— Parece que o erro procede muito da mesma maneira de escrever *he* (é) 3.ª pessoa do ind. do verbo *ser*, e a conj. *e*.

Ref. 41 – 57. Diz *Caresu* e não Carabuçu. Fr. Gaspar (pag. 17) escreve Cairuçú; e Rosa Pinheiro em huma carta que comprehende desde a ilha de Santa Anna até á ponta de *Joatinga*, que foi gravada e offerecida á Acad. R. das Sciencias em 1792, escreve *Cairosu*.

44 — C. 77 — Dá 34° e $\frac{2}{3}$: fica segundo os modernos em 35° 1′

45 — C. 74 — C. Branco = 37 $\frac{2}{3}$

50 — C. 19 — Perajão.

53 — C. 22 — " Na boca desta
,, ribeira está huma ilha mui-
,, to fresca que é de Nuno
,, Fernandes; de Cornujbasa a
,, huma legoa etc. ,, —

- - - C. 24 — " Cospe será meia legua ou menos, *o qual está todo lavrado* - - E neste esteiro de *Caipe* - - Defronte deste esteiro de *Caipe*.

59 — C. 28 — Poinqua.

61 — C. 33 — Gallipavo — Para mais authoridade accrescentaremos que já em 1717 disse o P. Cordeiro *Hist. Insulana* pag. 57. *Galipavos*.

70 — C. 48 — Cuyem, Juquitaj, Cuihemoqua, Cuihejurimu.

77 — C. 55 — Patioba.

80 — C. 60 — Genejuna e Coipiuna.

91 — C. 71 — Copaubuqua.

92 — C. 72 — Carunje, Istagapomma.

93 — C. 73 — Hoacham.

100 — C. 80 — Embagaduras.

- - - C. 84 — Margus (e não Maigessi).

105 — C. 85 — Vurubus etc. etc.

do Gabinete dos MSS. da Bib. do extinto Convento de Jesus, de letra de Fr. Vicente Salgado, do qual abaixo falaremos; e mais accrescenta que deslocou o catalogo de AA., que este traz entre fol. 1 e 3 para as paginas 464 a 468 da sua copia — Veiga data esta copia do Porto em 1802. A 1.ª parte contêm 74 capitulos e a 2.ª — 78, bem como o codice donde foi copiado.

O codice 1041 é um mui desleixado exemplar, e por tal motivo não merece que nos occupemos muito delle. Tem o titulo de *Descripção Geografica d'America Portugueza.* O nosso erudito correspondente conclue que é da letra de Fr. Lucas de S. Jeronymo; porque n'um Indice de MSS., que foi de Francisco de Almeida Jordão, e que depois passou a Veiga, acha-se no fim em quatro paginas uma relação de obras mss. na mesma letra deste codice 1041, onde elle se acha mencionado, e por baixo da obra final vem uma observação na letra de Veiga, que diz que estes eram os MSS. que tinha » Fr. Lucas de S. Jeronymo Peculista que passou ao estado clerical.

MS. da Livraria do Extinto Convento de Jesus.

Acha-se como diz Veiga no Gab. 5.°, e é o codice n.° 133 da Est. 9.ª — Form. de 4.° e escripto na letra do grande escrevinhador Fr. Vicente Salgado — E' copia de uma grande collecção que devia conter outros MSS. e documentos, com o titulo « Descripção Geografica, Geometrica, e collecção Juridica e Historia da America meridional ou Estado do Brasil ».. etc. Segue-se um Indice geral de onze escriptos que deviam estar juntos no volume do qual Salgado copiou sem cri-

terio.—não se lembrando que naquelle volume reunia só um dos escriptos deste indice — Vem então a *Descripção Geografica da America Portugueza*, que é o nosso livro compilado e com muitas adulterações, tendo a 1.ª Parte 74 capitulos e a 2.ª 78: tem a data de 1787. Daremos delle o pouco que nos parecer interessante (*ff*).

MSS. da Bibl. das Necessidades.

Alcançando ultimamente licença de visitar esta Bibliotheca fomos nella encontrar mais tres copias, porêm todas tambem mais ou menos erradas e incompletas — Daremos resumida noticia destes exemplares; não só porque não tivemos occasião para mais, como por nos persuadirmos que qualquer delles se pode referir e reputar copia de algumas das outras que damos, e nesta parte o trabalho dos nossos eruditos correspondentes o dispensa.

1.° *MS.*

Contêm só a Primeira Parte muito errada e se pode suppor irmã de uma das copias que viu Cazal; ou muito similhante á 1.ª Parte do co-

---

(*ff*) Cap. 5.° — Diz *muitas* leguas, e não *nove*, o que dissolve a nossa duvida.

Cap. 48... " e ainda pelo que se julga do mar parece a terra
„ do cabo ilha, e não he na realidade, porque supposto o mar cor-
„ ta a terra entre este cabo e a terra firme em tanta distancia e
„ com tal altura de agua, que passa qualquer navio á vontade de
„ huma para outra parte entre a dita terra e o cabo, he na realida-
„ de divisão da terra: neste canal etc. „

No fim da parte fytografica fez o compilador um cap. para dar noticia do Chá e Caffé e sua cultura etc.

dice da Bib. de Jesus. Differe porêm no titulo, que é = *Roteiro Geral com largas informações de toda a costa que pertence ao Estado do Brasil, e a descripção de muitos lugares delle especialmente da Bahia de todos os Santos.* Está no vol. de fol. que é $\frac{1019}{2}$ na numeração antiga. Julgamos inutil de um exemplar sem authoridade transcrever algumas palavras para fazer fé; e mais inutil julgamos apontar-lhe os erros. Tem a dedicatoria do 1.° de Março de 1587, e (com letra differente) assignada = Francisco da Cunha. =

2.° *MS.*

E' o vol. de folio $\frac{1019}{4}$; e exactamente em orthografia titulo e tudo o mais identico no MS. de que se serviu a Academia. E' escripto em boa letra do seculo passado, e quanto a nós foi desta copia similhante á do 3.° MS. de Evora, de que adiante tratamos, que se tirou a que se deu ao prelo não só pelo titulo e orthografia; como 2.° por conter os mesmos erros; 3.° porque na data, que é de 1587, este ultimo numero 7 está pouco claro, e parece um 9, donde procederia o erro de ser lido e depois o impresso correr como 1589; 4.° finalmente por ter á margem do cap. 18, em letra differente, as notas que se imprimiram deslocadas, e que julgamos foram originarias desta copia.

3.° *MS.*

E' tambem de folha; e parece do meado do seculo XVII; em máo papel, e a logares já alastrado e n'outros até comido pela tinta; tambem

datada de 1587. E' o codice $\frac{1013}{D}$ da antiga numeração; no fim de toda a obra vem no mesmo volume de capa de pergaminho as relações dos Naufragios de Sepulveda e da náo S. Bento em 1553.—Tem por titulo *Roteiro Geral com largas emformaçons de toda a costa que pertence ao estado do Brasil e a descripção de muitos lugares della Especialmente da Baia de todos os Santos.* —Tem o nome do A. escripto em letra mais moderna. Parece que a copia foi feita por algum castelhano por trocar muitas vezes o *b* em *v* e *vice-versa*. Tem ainda muitas adulterações; porêm em outras partes está mui correcto e parece encostar-se muito á lição do 1.º MS. de Evora: é copia quanto a nós indispensavel de consultar a quem se encarregar para o futuro de uma nova edição de tão interessante obra (*gg*).

(*gg*) Uma das differenças mais sensiveis vem a ser no cap. 43 da 2.ª Parte, aonde se lê depois do que diz no impresso o seguinte:

" Ha outra casta de pimenta a que chamam *Cuiemerim*, por ser mais pequena que todas; da qual se usa como da de mais e tem as mesmas qualidades, cuja arvore é pequena.— Ha outra pimenta a que chamam *Cuiepiá*, que na feição é mais redonda e pequena da qual se usa como da mais e tem as mesmas qualidades, cuja arvore não é grande.—

" Ha outra pimenta a que chamam *Cuiepupuna* do tamanho de um gravanço muito redondo. Esta em verde é muito preta e depois de madura faz-se vermelha, e queima a seis palmos e dá fructa em todo o anno: todas estas pimentas são cheias por dentro de umas sementes brancas da feição da semente de mastruços que queima mais que a casca e dellas nascem as pimenteiras quando as semeam.—

" E já que dissemos das pimentas que queimam, digamos agora das que o não fazem e que são muito doces, uma das quaes se chama *Sarapo* que é tamanha como uma avelã a qual como é madura se faz vermelha, e de toda a maneira é muito doce cuja arvore é de cinco a seis palmos, e dá todo o anno novidade: estas pimentas se fazem em conserva em assucar.—

Bib. Pub. Eborense.

Chegando-nos á mão uma *Noticia* de MSS. desta Bibliotheca feita pela Snr. Dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e datada de 11 de Maio do corrente anno (1839), e sabendo della a existencia de mais tres copias MSS. do nosso A., nos resolvemos a escrever directamente ao dito Snr. Rivara, pedindo-lhe em data de 3 de Julho, noções mais por menor das citadas tres copias, remettendo-lhe ao mesmo tempo as folhas que já tinhamos impressas das *Refl. Crit.* E' de justiça não esquecer declarar o nosso agradecimento pela maneira attenciosa com que este Snr. se dignou de nos responder enviando as descripções que publicamos, e incumbindo-se

---

" A outra casta a que chamam *Ayo*, que é da feição de uma boleta e do seu tamanho a qual se faz vermelha, como é madura e sempre é muito doce, a qual se faz tambem em conserva em assucar e se faz arvore grande, que em todo o anno dá fructo.

" Não é bem que se faça pouca conta da pimenta do Brasil, porque é muito boa e não tem outro mal que queimar mais, que a da India, e quem muito a tem em cotume folga mais com ella, e acha-lhe mais gosto que á da India, da qual por esse respeito se gasta pouca no Brasil, onde os Francezes vão buscar a natural da terra, porque dá casca vermelha, e a aproveitam nas tintas da mesma côr, e se quando vão resgatar a esta costa achassem muita della, estima-la-hiam muito mais que o páo do Brasil; e das sementes de dentro se aproveitam pisando-a bem e lançando por cima das pimentas da India com o que a refinam e abatem: ainda que se faz este beneficio a esta pimenta podera entrar em Hespanha muita somma se S. Magestade dera licença para isto: de tal massa é esta terra da Bahia, que se lhe lançarem a semente do cravo o dará, como nozmoscada, que tem o sabor della, e dá outras arvores que dão canella, se fôr á terra quem a saiba beneficiar será como a de Ceilão, de que se dirá ao diante.,,

Este dizer não vem nos outros MSS. — nem nos mesmos de Evora.

generosamente de fazer a confrontação do impresso, e annota-lo com a lição dos tres exemplares. Do exemplar confrontado já começámos a receber parte, e quando estejam terminadas as aproveitaremos como for julgado mais conveniente. Abaixo publicamos as descripções dos tres MSS., numerados segundo a ordem de sua antiguidade; do 1.° — de todos o mais antigo e digno de fé, é que se está valendo mais o Snr. Rivara para notar a maior parte das variantes e alterações; servindo-se tambem do 2.°, quando differe do 1.°, especialmente para lição mais plausivel, e poucas vezes se vale do 3.° MS. Os dous primeiros tem a epistola datada do 1.° de Março de 1587. No 3.° MS. falta esta epistola, porêm acha-se nelle avulsa uma folha escripta, (por letra differente de todas as outras que nelle existem), na qual está a mesma epistola e com a mesma data.

1.° *MS.*

« E' um vol., bem encadernado com encadernação ordinaria, ornada com linhas e pequenas flores de ouro sobre o lombo, no qual tem por titulo = *Notic. do Brasil* =: de 181 folhas, não numeradas, escriptas em letra, que se não é do fim do seculo de 500, não passa dos principios do de 600. —

« Começa com este titulo = *Roteiro geral com largas enformações de toda a costa que pretende ao stado do brasil e a descripçam de muitos lugares della, especialmente da Baja de todos os Santos.* = E logo na mesma pag. = *Epistola do Autor a dom Xpouão de Moura do conselho do sta-*

do = E' de todos tres o mais correcto, posto que não de todo isento de defeitos, que todavia facilmente se corrigem, cotejando-o com os outros dois MSS.; e com o impresso da Academia. —A orthografia é visivelmente da escola quinhentista. Não tem Taboadas de Capitulos, nem Indice. — Nada indica que este Codice seja original, posto que tenha todos os caracteres de mui visinho aos tempos do A.»

2.° *MS.*

« E' um vol. em fol. um pouco maior que o antecedente, bem encadernado com encadernação aceada, ornada de linhas e flores de ouro no lombo, aonde se lê o titulo = *Relas. do Brasil* = Um dos espaços do lombo em logar de flor tem impresso tambem em ouro uma elipse de folhas d'oliveira, e dentro della chammas, por cima das quaes se lê a letra = *Ad altiora* = (*hh*). — Tem 175 folhas, de numeração coeva com a escripta. — Começa pelo titulo = *Roteiro geral com largas informações de toda a Costa, que pertence ao estado do Brasil, e a descripção de muitos lugares della, especialmente da Baya de todos os Sanctos* = Logo na mesma pag. se segue = *Epistola a Dom Christovão de Moura* = E' escripto de boa letra, que indica não passar do meado do seculo de 600. — E' menos correcto que o antecedente; varia ás vezes delle em lição, e encosta-se á do impresso da Academia. — Tem Taboada dos Capitulos, que occupa 8 folhas sem numeração no fim do vol. —

(*hh*) Vej. *Refl. Crit.* pag. 88 lin. 13.

A lição deste MS. as mais das vezes se conforma com a do 1.°, muitas se encosta á do impresso da Academia: e outras vezes está visivelmente inexacta. Em todo o caso a sua authoridade de nada nos serve senão quando tem lição differente do 1.°

3.° *MS.*

« E' um vol. em fol., encadernado em pergaminho, um pouco toscamente, e no lombo tem o titulo ms. em papel, que diz = *Cunha. Noticia do Brasil* = Tem 253 folhas, que se podem dizer sem numeração, porque alguma que tem, não passa das primeiras folhas, e ainda assim é toda errada e salteada. — E' escripto de varias letras, todas do seculo passado. Tem frontispicio, que diz = *Noticia do Brasil, e discrição verdadeyra da Costa daquelle Estado, que he pertencente á Coroa do Reyno de Portugal. Sitio da Bahia de todos os Santos, e fertilidade daquella Provincia, com rellação de todas as Aves, Animaes, Peixes, Bixos, Plantas, e costumes dos Gentios muyto certa e curiosa.* = Na mesma pag. do frontispicio em baixo tem esta declaração por letra differente de todas as que entrão no texto (*ii*) = « *Dedicado a D. Christovão de Moura do Conce-*

(*ii*) Julgamos dever attribuir esta nota ao author da *Corografia Brasilica*, (o Padre Manoel Ayres de Cazal, presbitero do gram Priorado do Crato) depois de voltar a Portugal; por quanto é elle quem avança isto mesmo que aqui se diz; na nota 18 escreve.

" Deste MS. faz menção o A. da Justificação do titulo, com que se fundou a Colonia do Sacramento. Lisboa em 1681.

" Diogo de Castro bem conhecido e celebre pelo seu Roteiro, que fez de toda a costa do Brasil, etc. — e na nota 20.

lho de S. Magestade escrito em Madrid anno de 1587 *em o Primeiro de Março, o qual Autor que fes esta obra foi* (em entrelinha) = *composta por* = *Francisco da Cunha por ordem de D. Christouão de Moura — a f.* 183 ỳ. *No Caderno da justificação do titylo da boa fé com que se obra na Colonia do Sacramento e na Capitania de S. Vicente, o Capitulo da Paz que se selebrou em* 1681 *consta que o dito Francisco da Cunha fizera este Livro: e tambem comesa o Capitulo Diogo de Castro bem conhecido e celebre pello seu Roteiro, que fes de toda a Castela*, (an Costa?) *e sertão do Brasil etc.* » = Até a um terço do Vol. se acham frequentes notas marginaes (*kk*) que nada mais são do que extractos do texto, obra de curioso, que possuiu o livro. — Parece copia do mesmo

---

" A razão porque cuido ser o mencionado MS. de Francisco da Cunha, é por dizer o A. da justificação referida, que aquelle fizera um Roteiro da Costa Brasilica „ etc. —

(*kk*) As notas do cap. 18 da 1.ª Parte do impresso da Acad. (diz o Snr. Rivara) não se encontram nos dous MSS. mais antigos. Apparecem porém á margem deste MS. mais moderno, escriptas da mesma letra do texto delle, e refundidas em uma só nota, dizendo assim. = Tamanduare he hũa enseada outo legoas ao sul do cabo de Santo Agostinho, e hũa legoa ao sul do Rio Formoso, e duas ao norte do Rio de Una, desembocca nella o Rio das Ilhetas, ou Mambucaba, está cerrado da banda do mar com Arrecife, e hũa Barra de sete braças de fundo na bocca em baixa mar de agoas vivas, e logo mais dentro seis, na maior parte della cinco, e tem junto á terra quatro, tem bom fundo, cabem nesta enseada mais de 100 navios, foi fundalla Andres Marin Tenente de Artilharia com pilotos anno de 1632. A melhor entrada da Barra he pela banda do Sul pela qual entra por sete e seis braças, e pela banda do Norte entra por cinco e quatro, e não se hade entrar pelo meio, porque tem de fundo braça e meia. O Porto está da banda do Sul „

NB. Esta mesma nota vem repetida e incorporada no texto do mesmo MS. no fim do Cap. 18 com o titulo de = Relação de Tamanduare. =

exemplar, donde se tirou o impresso da Academ., e se alguma differença faz, é com rarissimas excepções para mais adulterado. — Tem no principio logo depois da folha do frontispicio a *Taboa dos Capitulos* em 9 folhas, e a esta seguese em 12 folhas uma *Taboada* (alphabetica) *de tudo o que ha para notar neste Livro.* »

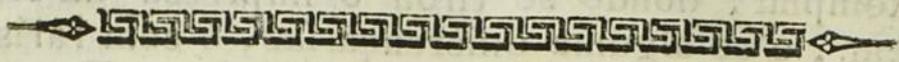
Este MS. é de todos o mais conforme com o impresso da Acad. e se alguma differença faz é para mais viciado, salvas rarissimas excepções (*ll*).

(*ll*) As differentes copias confirmam quasi tudo o avançado nas nossas *Reflexões Criticas*, e dão muitas variantes ao impresso da Academia. Aqui transcreveremos algumas. —

Na pag. 12 lin. 7 e seguintes do cap. 6 deve ler-se " Desta *Bahia dos Santos* ao Rio de João de Lisboa são quatro legoas, o qual está na mesma altura; onde tambem entram caravelões por terem nelle grande abrigada. Do Rio de João de Lisboa á Bahia dos Reis são nove legoas a qual está em dois gráos:,, etc. e mais abaixo: " Desta Bahia ao Rio do Meio são 17 legoas, o qual está na mesma altura de dois gráos, — onde tambem entram caravelões. Entre este rio e a Bahia dos Reis,, etc.

E na pag. seguinte lin. 23 e seguintes deve ler-se " Das barreiras vermelhas á Ponta dos Fumos são quatro legoas, a qual está em dois gráos e hum terço. Desta ponta ao Rio da Cruz são sete legoas, e está em dois gráos e meio; em o qual tambem tem colheita os navios da costa etc.,, Abaixo confirma-se *Rio das Ostras.*

Na pag. 50 lin. 6. cap. 34 deve ler-se " . . . da ponta de Santo Antonio no seu rio é meia legoa; do Rio de S. Antonio ao de *Sernandetibe* são duas legoas; e deste rio S. Antonio e da sua ponta até o rio de *Sernandetibe* estão uns baixos,,..etc.

A passagem do cap. 48, que vem no *num.* 34 das *Refl. Crit.* deve ler-se do seguinte modo " E ainda que, pelo que se julga do mar, a terra do cabo parece ilha, e o não seja por onde o parece, — na verdade o cabo é ilha; porque o corta o mar: — por onde se não enxerga de fóra: mas é de maneira que pode passar um navio por entre elle e a terra firme á vontade etc.,,

CONCLUSÃO

Em resumo estabelecemos que Gabriel Soares de Souza passou ao Brasil, logo que elrei D. Sebastião subíu ao throno, e que tendo residido dezesete annos neste Estado escreveu muitos apontamentos, e depois voltou á Europa, e foi a Madrid requerer. Nesta capital do imperio hispanico arranjou de todo a sua obra, e no 1.º de Março de 1587 a offereceu a D. Christovam de Moura. — Apenas não tinham passado dez annos quando a víu ainda com o nome do A. (que depois veio a perder-se) e della copiou Pero de Mariz para os seus *Dial. de Var. Hist.* Deste MS. se tiraram tantas copias que ainda presentemente conhecemos a existencia de dezesete; — a saber:

1.º Uma na Bib. Real de Paris de que demos noticia na pag. 3 e 4 (*mm*)............. 1

2.º Duas da Bib. R. de Madrid apontadas na pag. 81 e 82.......................... 2

3.º Tres da Bib. Pub. Eborense: (veja-se o Additamento pag 110 e seg.)............... 3

4.º Tres da Bib. Pub. Portuense (id. id. pagina 103 e seg.)......................... 3

5.º Tres na Bib. do extincto convento das

(*mm*) O mesmo curioso escriptor ali citado no seu *Resumé de l' histoire litteraire du Brésil*, *Paris* 1826 (pag. 594), faz menção do nosso MS. e lhe dá por inteiro o titulo que é o nosso seguinte: = *Roteiro geral com largas informações de toda a costa que pertence ao estado do Brasil e descripção de muitos lugares delle, especialmente da Bahia de todos os Santos.*

Necessidades (id. id. pag 107 e seg.)........... 3

6.° Duas copias que viu o A. da Corografia Brasilica, e de que faz menção na *Introducção* nota 20.................................. 2

7.° O exemplar que serviu á edição da Academia.................................. 1

8.° A compilação da Bib. do Extinto Convento de Jesus (vej. pag 106)................ 1

9.° O que viu o celebre Southey (Nota 5 pag. 3).................................. 1

Não faremos menção de varios exemplares noticiados, taes como o que tinha Severim de Faria (que naturalmente sería o mesmo de Fr. Vicente do Salvador, que lh'o offereceu com a sua obra), o que em 1747 estava na Livraria de elrei D. João 5.° segundo diz Barboza, o livro do Conde de Villa Umbrosa que nos parece [vej. pag. 82] ser o nosso Soares; não só por ignorarmos a sua actual paragem; como porque algum delles poderá ter corrido mãos e estar comprehendido nos que mencionamos. O certo é que nas livrarias, ainda particulares de Portugal, não nos consta a existencia de algum mais, tendo até por escripto do dignissimo Bib. de Coimbra, formal declaração negativa.

Os exemplares mencionados que tanto variam em lição podem dispor-se em tres classes pela ordem da sua adulteração: 1.ª Os mais antigos e exactos, com titulo e data verdadeira. 2.ª Outros mais adulterados com o titulo errado de *Noticia do Brasil etc.* 3.ª As compilações, reconhecidas especialmente na 2.ª Parte e pelo titulo = *Descripção Geografica da America Portugueza.* = 1.ª Classe reputamos os dois primeiros MSS. de Evora mencionados (pag. 111 e 112), o co-

dice $\frac{1019}{6}$ das Necessidades (pag. 109); e o 119 da Bib. Portuense [pag. 103 e seg.], e da Bib. R. de Paris e n.° 83 de Madrid. Na 2.ª Classe entram a par do impresso da Academia, o 3.° MS. de Evora, o codice $\frac{1019}{4}$ das Necessidades [pag. 108] e o exemplar que Southey consultou, se é que não foi algum destes. Na 3.ª se comprehendem todos os mais v. g. os codices 610 e 1041 da Bib. Part. [pag. 105 e 106], os dois que consultou Cazal, o da Bib. de Jesus e talvez o n. 82 da Bib. R. de Madrid, e o $\frac{1019}{2}$ das Necessidades. —

A novidade dos nomes e ideas, e o estilo pouco castigado e desabusado do A., fizeram introduzir nas subsequentes copias taes erros e adulterações, que só á força de muito trabalho e muita critica, será possivel para o futuro arranjar uma edição perfeita; e lisongeamo-nos que este nosso trabalho, apezar das suas imperfeições, não será para então de pequeno auxilio, e tendo attenção aos seguintes

RETOQUES E ERRATAS ESSENCIAES.

	Referencias.			Correcções.
Pag.	2	lin. 12	concorre	concorrem
	11	not. 16	. . . .	O mappa maior não está no principio porêm a fol. 33 ỷ.
	13	not. 21	Mariz Dial. 5.° cap 2.° pag. 345	Mariz, Dial. 5. cap. 2.° pag. 340
	17	lin. 6	70 mil cruzados	50 mil cruzados. Em uma *Relação das Capitanias do Brasil* feita tambem no tempo de Filippe I. lemos que rendia 70$000 cruzados.
	24	3	*Santo Antonio* .	de *Santo Antonio*.
	34	17	Acum, ...	*Acum*, ou *Acú*
	36	18	Durão	Durão, que diz *Tapití*.
	36 not.	51	. . . .	Deve advertir-se que a obra do

Referencias	*Correcções.*
	Portuense Mello fôra antes impressa em Roma em 1781; e a do Brasileiro Prudencio do Amaral em Pisauro, 1780. A edição da Regia é reimpressão. Veja a Resposta ao Poema *Uraguay*.
Pag. 36 lin. ult. Montgalve . . .	Monglave
37 not. 55	Durão (C. 4 E. 19 diz *Aipi*).
38 lin. 4	O Dicc. Bras. chama ao feijão *Commandá*, e por isso pode ser que se deva este nome a qualquer fava ou vagem ordinaria.
40 15	Deve ser a *Copiuba*, que dá madeira segundo consta do *Catalogo de Madeiras do Brasil e mais conquistas*, (*) feito pelo sabio lente de Coimbra, o Doutor Antonio José das Neves e Mello, onde se lê *Copihuba*.
43 lin. 5 : . : e 10) . .	C. 10)
51 not. 70 pag. XX	pag. lxi.

(*) Este Catalogo contêm 1225 especies de madeiras por ordem alfabetica, com declaração de seus usos e habitações, e acompanha a collecção das amostras de madeiras, que existe no Gabinete de Fysica da Universidade de Coimbra, lhe foi dado pelo Bispo Conde Reformador Reitor D. Francisco de Lemos. Não é propriamente obra do Doutor Lemos, senão copia muito correcta e melhorada do primitivo catalogo do Gabinete, que foi feito por José Aniceto Raposo. O *catalogo* do Doutor Neves tem de mais no fim um breve = *Plano de um Curso completo de Agricultura* = traçado por aquella mão de mestre, que tanto brilhava em suas prelecções e escriptos. Já que falámos de madeiras, daremos aqui noticia de que existe em Lisboa nas mãos dos Snrs. Bertrands a *Fysica vegetal da Comarca dos Ilheos* MS. de Balthasar da Silva Lisboa; — e que no Archivo da Academia se guarda a *Historia dos Reinos Vegetal, Animal e Mineral do Brasil, pertencente á Medicina* por Francisco Antonio de S. Paio, em 2 vol. 4.° com estampas.

No pequeno *Museo Eborense* ha tambem um Catalogo de 200 madeiras, e se lê *Copiuba*.

Referencias.	*Correcções.*
Pag. 52 a 63	Todas as notas devem ser numeradas, com mais 1.
61 lin. 5 e 6	O primeiro é a *Irára* e o segundo a *Iraranha.*
63 not., lin. 3 *beschvijving*	lêa-se *beschryving*
66 lin. 14 e 15 é erro por...	é menos usado que . . . *Albocora.* escreve tambem Fr. João dos Santos Ethiop. Orient. T. 1.º Liv. 3.º cap. 18 fol. 97.
18 *Dicionio*	lêa-se ,, *Diccionario.*
,, num. 150	acrescente = quanto ao segundo achamos que pouca similhança tem taes *carcanholas* ou *carcanhós*, com as vieiras dos peregrinos, — salvo se o A. alludia a alguma especie do *Pecten* de *Bruguières*, a que os Francezes chamam *Peignes* ou *Pélerines* etc. *Leri-mirim* é a *Ostrea parasitica* de Lin.: Chemn. etc.
lin. penult. :	e Fr. Gaspar (pag. 19) diz *Sururú* (*Mytilus edulis L.*)
69 17 *guuara*	lêa-se *goarara.*
75 not. . . Relaçum	*Relaçam*
76 12.º	Estas guerras foram em 1581, e pela ordem chronologica deve este MS. ser mencionado em 18.º logar. Vej. Sant. Mar. Tom: 9.º, pag. 332 e Vic. do Salvador Liv. 4. cap. 10 e 11. — *NB.* A noticia da nota (*c*) foi repetida por José Carlos pag. 38. —
78 lin. 8 até pag. 83 . .	lêa-se completo com 83 pag.
83 ultima . . . Paiva . . .	lêa-se Andrada
86 nota (*s*) = *no 1 de Junho...e não f. 73 como* etc.	lêa-se *no 1. de Janeiro,...e não de Junho como* etc.
110 lin. 22 . . cotume . . .	lêa-se costume

= FIM =